



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE  
NACIONAL  
(PROFLETRAS)**

**ELLYZANDREIA ALVES DE SOUSA**

**DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA:  
LEITURA DE GÊNEROS SINCRÉTICOS DA IMPRENSA**

ARAGUAÍNA – TO  
2020

ELLYZANDREIA ALVES DE SOUSA

**DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA:  
LEITURA DE GÊNEROS SINCRÉTICOS DA IMPRENSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras) da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Universitário de Araguaína, para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramento.

Linha de atuação: Teoria da Linguagem e Ensino.

Orientador: Professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

ARAGUAÍNA, TO  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- S725d    Sousa, Ellyzandrea Alves de.  
          Desafios para a formação de leitores na educação básica: leitura de gêneros sincréticos da imprensa. / Ellyzandrea Alves de Sousa. – Araguaína, TO, 2020.  
          138 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.  
          Orientador: Luiza Helena Oliveira da Silva
1. Leitura. 2. Charge. 3. Notícia. 4. Semiótica Discursiva. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**ELLYZANDREIA ALVES DE SOUSA**

**DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA:  
LEITURA DE GÊNEROS SINCRÉTICOS DA IMPRENSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras) da Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Universitário de Araguaína, para a obtenção do título de mestre em Letras área de concentração em Linguagens e Letramento.

Linha de atuação: Teoria da Linguagem e Ensino.

Orientador: Professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Data de Aprovação: 17, de 04 de 2020.

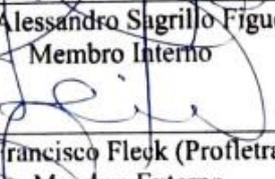
Banca examinadora:



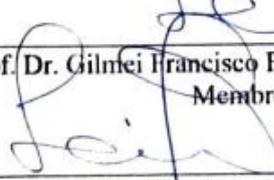
Prof.ª Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (Profletras/UFT)  
Orientadora



Prof. Dr. César Alessandro Sgrillo Figueiredo (UFT)  
Membro Interno



Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck (Profletras/ UNIOESTE)  
Membro Externo



Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo (PPGL/UFT)  
Suplente

A minha mãe Elisabette Alves, a meus  
filhos Eduarda Vitória e Jorge Gabriel. O  
amor que sinto por vocês é infinito.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ser essa força que me impulsiona e me permite viver. Por habitar em mim, na pessoa do seu Espírito Santo e todos os dias renovar minhas forças, concedendo-me sabedoria na escrita deste trabalho.

A minha mãe, Elisabette Alves de Sousa, que durante minha ausência foi mãe para meus filhos e sempre esteve comigo, pelo incentivo nas horas de desânimo, pelo carinho e cuidados dispensados a mim.

A minha irmã Keyla, que também assumiu o papel de mãe, ficando com as crianças para que pudesse estudar. Tenho orgulho de tê-las ao meu lado, são presentes de Deus para minha vida.

A meu pai, Sebastião Cleyton, pelas palavras de incentivo e pelo apoio.

Aos meus sobrinhos Wesley Sóstenes, por dedicar horas na formatação desse trabalho e todos os outros que também prestou auxílio, e Deyvison que muitas vezes me acudiu em Araguaína.

Aos meus filhos, tão pequenos, mas que, em momentos de desânimo, falavam palavras sábias. Tinham orgulho de dizer que a mãe também era estudante.

A Professora Doutora Luiza Helena Oliveira da Silva, minha orientadora querida em que me inspiro. Toda minha gratidão por me ensinar a ser uma profissional mais humana, solidária e a rever os encantos que já não conseguia perceber no ambiente de sala de aula. Por ser minha parceira na escrita, por puxar minha orelha (ouvi cada áudio), por sempre nos dar atenção. Fonte de inspiração. Por estar à frente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e lutar pela permanência dessa formação tão essencial para profissionais que, em virtude de carga horária excessiva, não conseguiram realizar o sonho do mestrado. O Profletras realizou meu sonho de ter o título de Mestre em Letras.

Ao Professor Doutor Gilmei Francisco Fleck, por compor a banca examinadora. Pelo olhar carinhoso com meu texto, pelo incentivo dado na qualificação e as orientações que enriqueceram essa pesquisa. Há em cada gesto dele um toque de amor pelo que faz. É impossível não nos encantarmos por ele.

Ao Professor Doutor Cesar Alessandro Sagrillo Figueiredo, que se dispõe a participar desse momento tão importante para mim. Sou admiradora desse profissional tão carinhoso, cuidadoso que tenho como amigo.

A todos os professores do Profletras, que se dedicaram e por paixão ensinavam-nos com tanta atenção e carinho.

A Alessandra, secretária do Profletras, que sempre foi atenciosa conosco, exemplo de pessoa e profissional.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por gerenciar a pesquisa no país e investir na formação de docentes que atuam na Educação Básica.

Ao Câmpus de Araguaína, por acolher tão bem esses maranhenses que todos os anos correm para lá em busca de conhecimento.

As minhas amigas Ana Carolina, Maria José, Silvana e Rute, companheiras de viagens e de quarto.

As minhas diretoras do Colégio Estadual Newton Barjonas Lobão e Colégio Marechal Ribas Júnior, Sônia Lira e Suely Teixeira, por sempre me permitirem ausentar e incentivarem nos estudos. Foram parceiras e amigas. Gratidão a essas profissionais que organizavam horários para facilitar os momentos em que precisava me ausentar da escola.

As minhas coordenadoras, Sandegy e Edcleia, por me substituírem em sala de aula e me apoiarem. Agradeço pela força e compreensão em todos os momentos.

Aos alunos do 7º ano do CRJ, por participarem dessa pesquisa contribuindo com seus conhecimentos, fundamentais para este estudo.

A todos que contribuíram com este trabalho.

Ler é ausentar-se do mundo para uma nova forma de relacionar-se com o mundo, aquele construído pela linguagem.

(Luiza Helena Oliveira da Silva)

## RESUMO

Esta dissertação resulta de um projeto no qual nos dedicamos à leitura de gêneros sincréticos na escola, apresentando o processo de uma pesquisa de caráter interventivo e seus resultados. Ao longo da prática pedagógica, notamos a ocorrência de dificuldades elementares de interpretação textual, como a incapacidade de formular hipóteses para o texto, no processo de antecipação, ou no reconhecimento de informações explícitas no processo de leitura, traduzidas no elementar conceito de decodificação. Esses resultados advêm de diferentes causas, dentre elas o próprio tratamento conferido aos textos nas aulas de língua portuguesa que, muitas vezes, prioriza estudos sobre a estrutura textual para o mero reconhecimento de aspectos relativos aos gêneros, ou ainda se orienta por questionamentos relativos à análise linguística e descrição gramatical, sem correlacionar esses elementos a um trabalho efetivo e sistematizado que leve a engajar o aluno na produção de sentidos para os textos. A pesquisa desenvolveu-se em uma turma de sétimo ano do ensino fundamental, na qual atuamos como docente. Inicialmente, apresentamos um mapeamento das dificuldades identificadas pelos alunos dessa turma, bem como a sequência de atividades que foram desenvolvidas a partir da abordagem dos gêneros charge e notícia de jornal. Ao final, trazemos os resultados obtidos. Conquanto a semiótica discursiva que subsidia esta pesquisa privilegie uma abordagem imanentista, valorizando os aspectos intratextuais, há que se considerar que os gêneros em questão são altamente dependentes do conhecimento de outros textos e saberes, demandando articulações interdiscursivas e intertextuais complexas, que respondem também pela dificuldade dos alunos para a produção de sentido. As atividades então propostas orientam-se por essa dupla articulação intra e intertextual. Como fundamentação teórica das atividades elaboradas mobilizamos principalmente a semiótica discursiva, compreendida como teoria da significação, aplicada a questões relativas ao ensino de leitura.

**PALAVRAS- CHAVE:** leitura; charge; notícia; semiótica discursiva; pesquisa interventiva.

## **ABSTRACT**

This dissertation is a result of a project in which we dedicated ourselves to the reading of syncretic genres at school, presenting the process of an interventional research and its results. Throughout the pedagogical practice, we noticed the occurrence of elementary difficulties in textual interpretation, such as the inability to formulate hypotheses for the text, in the anticipation process, or to recognize explicit information in the reading process, translated into the elementary concept of decoding. These results come from different causes, among them the treatment given to texts in Portuguese language classes, which often prioritizes studies about the textual structure for the mere recognition of aspects related to genres, or yet is guided by questions related to the analysis of linguistic and grammatical description, without correlating these elements to an effective and systematic work that leads to engaging the student in the production of meanings for the texts. The research was developed in a class of seventh grade of Elementary School, in which we work as a teacher. Initially, we presented a mapping of the difficulties identified by the students of this class, as well as the sequence of activities that were developed from the approach of the genres cartoon and newspaper news. At the end, we show the obtained results. Although the discursive semiotics that subsidize this research favor an immanentist approach, valuing the intratextual aspects, it is necessary to consider that the genres in question are highly dependent on the knowledge of other texts and background knowledge, demanding complex interdiscursive and intertextual articulations, which also answer for the students' difficulties concerning the production of meaning. The activities proposed are guided by this double intra and intertextual articulation. As a theoretical basis for the activities developed, we mainly mobilized discursive semiotics, understood as a theory of meaning, applied to issues related to the teaching of reading.

**KEYWORDS:** reading of syncretic texts; cartoon; news; discursive semiotics; research-action

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Colégio E. Marechal Ribas Júnior .....	36
Figura 2: Mapa situacional da unidade escolar .....	36
Figura 3: Charge de Jean Galvão - IDH, Folha de São Paulo em 10/10/2018 .....	47
Figura 4: Charge Presidenciais .....	48
Figura 5: Charge de Hubert – Influenciadores Digitais .....	49
Figura 6: Charge de Laerte, publicada por Angelo Rigon .....	50
Figura 7: Fotografia de Lucas Landay – Réveillon de Copacabana.....	53
Figura 8: Foto da posse do presidente em 2019 .....	66
Figura 9: Charge de Xandro Silva .....	68
Figura 10: Charge de Genildo Ronchi, publicada em 10.01.2019 .....	71
Figura 11: Charge de Jean Galvão, Folha de São Paulo, em 06.01.2019.....	73
Figura 12: Notícia publicada pelo site G1 em 09/01/2019.....	74
Figura 13: Charge de Hubert, Folha de São Paulo em 30/01/2019 .....	76
Figura 14: Charge de Benett Lama/Alma.....	78
Figura 15: Notícia publicada pelo Jornal Folha de São Paulo em 31/01/2019 .....	81
Figura 16: Notícias sobre Vítimas da lama. ....	84
Figura 17: Notícia publicada pelo site G1 em 15/02/2019 .....	87
Figura 18: Capa do Jornal Folha de S. Paulo .....	91
Figura 19: Fotografia das charges usadas na aula em 09/12/2019 .....	97
Figura 20: Charge Violência .....	98

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Leitura fora do ambiente escolar.....	41
Gráfico 2: Acompanhamento de noticiários.....	42
Gráfico 3: Leitura de jornais impressos .....	43
Gráfico 4: Dificuldades de Leitura.....	44
Gráfico 5: Leitura de imagens.....	51
Gráfico 6: Análise das falas dos personagens .....	52
Gráfico 7: Análise de texto verbal e não verbal .....	52
Gráfico 8: Análise de fotografia.....	54

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 LEITURA DE GÊNEROS SINCRÉTICOS NA ESCOLA</b> .....	22
<b>2.1 A centralidade do texto e a noção de gênero</b> .....	23
<b>2.2 Sincretismo: múltiplas substâncias organizadas sob a mesma enunciação</b> .....	26
2.2.1 O sincretismo nas charges: o cruzamento das linguagens .....	27
2.2.2 As relações sincréticas entre a notícia e a fotografia:apelos à veracidade .....	29
<b>2.3 A leitura sob a perspectiva semiótica: planos da expressão e do conteúdo</b> .....	30
<b>2.4 Implicações da teoria semiótica para a leitura no contexto escolar</b> .....	32
<b>3 A ESCOLA CAMPO DE PESQUISA E O PROJETO DE INTERVENÇÃO</b> .....	35
<b>3.1 Perfil dos estudantes: a realidade na sala de aula</b> .....	39
<b>3.2 Modalidade de pesquisa: uma intervenção pela pesquisa-ação</b> .....	44
<b>3.3 Reconhecimento: análise das atividades diagnósticas</b> .....	46
<b>3.4 Unidade didática interventiva: leituras com sentidos a vida social do aluno</b> .....	54
<b>4 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS</b> .....	64
<b>4.1 Análise das atividades etapa notícia/charge</b> .....	65
<b>4.2 Análise da etapa notícia/fotografia</b> .....	80
<b>4.3 Análise da etapa notícia/ editorial</b> .....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	100
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
<b>APÊNDICES</b> .....	1

## 1 INTRODUÇÃO

*Não basta saber ler mecanicamente “Eva viu a uva”. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.*

Paulo Freire.

Paulo Freire, ao participar do Simpósio Internacional para Alfabetização no Irã, em 1975, menciona que o ato de ler não deveria apenas centrar-se na decodificação, pois, no processo de construção do sentido do texto, é necessário investigar o contexto, as intencionalidades, as nuances entre o texto e sua projeção num contexto econômico, social e cultural. Freire nos falava da missão da escola em não apenas ensinar a ler o verbo, mas em preparar o aluno para o exercício efetivo da cidadania, levando em conta os sentidos dos textos no mundo.

Essa múltipla faceta que Freire atribui à escola parece ter-se tornado uma arma ameaçadora para determinados grupos políticos que, ao longo da história, querem circunscrever a escola a práticas mecânicas e destituídas de sentido, impedindo que nela se produzam saberes que dizem respeito à própria compreensão da história de exclusão de milhões de sujeitos.

No Brasil-Colônia, os livros e a leitura eram proibidos por serem uma ameaça ao poderio da Coroa portuguesa que os via “como instrumentos democráticos que, portanto, caminhariam na contramão dos valores instituídos até então e aumentariam o custo administrativo uma vez que as escolas deveriam ser criadas a fim de preparar o público leitor para o objeto livro” (SOUSA, CARVALHO, CARVALHO, 2018, p. 19). A proibição da imprensa no território, e de todo e qualquer movimento intelectual, era uma forma que os portugueses tinham para manter o poder centralizado na metrópole, enquanto a educação jesuítica servia aos interesses da assimilação de indígenas e submissão ideológica.

Nesse período, ler era privilégio apenas dos homens pertencentes à elite ou aos membros da ordem clerical. Mulheres não tinham esse direito e, quando lhes permitiam o acesso à leitura, deveriam se circunscrever àqueles de caráter pedagógico e de cunho moralizante. A leitura emerge na colônia sob o signo do controle, da censura e da interdição:

A história do Brasil colônia apenas tangencia o que se entende por Educação, uma vez que livro e leitura ou eram proibidos ou coordenados pela gerência metropolitana. Lia-se pouco ou às escondidas. O fruto desta forma de administração está arraigado, ainda que a contragosto lusitano, nas bases culturais do brasileiro e em vários momentos a literatura recupera, o revive como se, insistentemente, o país quisesse lembrar de que a evolução

do povo pode ser retardada, mas nunca suprimida. (SOUSA, CARVALHO, CARVALHO, 2018, p. 19).

O ato de ler ao longo da história mostra-se como um ato de resistência e ameaça àqueles que detêm o poder. A escola, ao ensinar, estaria abrindo portas para a aquisição de conhecimentos que poderiam ser ameaçadores ao poder instituído. Por isso, “até a vinda da família real, em 1808, a metrópole portuguesa, proibiu expressamente qualquer tipo de reprodução impressa em todo o território nacional por temer a possível propagação de ideias políticas progressivas e revolucionárias.” (EL FAR, 2006, p. 12).

Passado o período colonial, a era nacional impulsiona a leitura no país, mas ainda como privilégio dos homens da elite. Para as mulheres, valorizava-se antes a arte das agulhas, com forte censura quanto ao que poderiam ter acesso e os escritores do século XIX vão confirmar “a ideologia patriarcal que favorece a dominação do homem sobre a mulher, por intermédio do casamento e da dedicação ao lar. Sob esse aspecto, as obras representam a prática em vigor, ao evitar contestá-la, acabam por reforçá-la.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 256). Não há interesse na formação da massa de trabalhadores, escravos ou livres, e assim, vemos chegar o ano de 1900 com 63,7% de analfabetos<sup>1</sup>.

A questão central é que o Brasil ainda se vê buscando amenizar as sequelas deixadas por essa herança de exclusão. A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2016<sup>2</sup>, organizada por Zoara Faila, revela-nos dados importantes sobre a leitura no país. Nela ainda se constata que os filhos de pais analfabetos e sem escolaridade tendem a ser menos leitores que filhos de pais com alguma escolaridade, o que evidencia a continuidade da exclusão nas famílias mais pobres.

Outra herança deixada por esse processo coercitivo da leitura refere-se aos 27% dos brasileiros que concluem o ensino fundamental e que não compreendem o que leem. Sabemos que muitas políticas foram implantadas na tentativa de minimizar a desigualdade cultural entre as classes sociais, mas ainda é notório que a leitura no país é privilégio de alguns, pois um quarto da população não decodifica o texto, apenas 8% entendem plenamente e tem capacidade de análise e crítica.

Os dados sobre o processo de compreensão textual confirmam o que presenciamos muitas vezes no ambiente de sala de aula: ainda que os alunos saibam oralizar o texto com

---

<sup>1</sup> Cf. <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3> Acesso em 06 jan. 2020.

<sup>2</sup> *Retratos da Leitura no Brasil* trata-se de uma obra desenvolvida pelo Instituto Pró-livro (IBL) que tem por finalidade mostrar dados estatísticos sobre leitura, perfil do leitor brasileiro, bibliotecas, espaços de leitura escolar e desempenho de estudantes, organizado pela socióloga Zoara Faila, publicado em 2016, 4<sup>o</sup> edição.

fluência, na interpretação tendem ao fracasso. Nesse sentido, o documento *Retratos da Leitura no Brasil* (2016) alerta sobre a necessidade de avanços no processo de compreensão textual:

Não vamos conseguir avançar na formação leitora e na melhoria dos indicadores de leitura dos brasileiros sem que se garanta a alfabetização funcional aos alunos que cursam as primeiras séries do ensino fundamental e sem que se promova a compreensão leitora plena entre os nossos jovens que concluírem o ensino fundamental. Quem não consegue compreender uma frase que lê está condenado a não aprender qualquer disciplina ou conteúdo. A esse analfabeto funcional não está sendo garantido o direito de ler e compreender um parágrafo, quanto mais um texto ou um livro. (FAILA, 2016, p. 29).

Diante de tal realidade esta pesquisa concentrou-se em privilegiar a leitura em um projeto de caráter interventivo, objetivando aperfeiçoar a leitura de alunos de uma turma do 7º ano do ensino fundamental, buscando, nas proposições de uma semiótica aplicada, elementos que pudessem subsidiar nossa prática docente.

Essa pesquisa apresenta um estudo sobre o ensino de leitura e de práticas pedagógicas a partir dos pressupostos teóricos da semiótica discursiva. Conforme Greimas e Courtés (2016), a semiótica “deve apresentar-se inicialmente como ela é, ou seja, como uma teoria da significação”, tendo como preocupação primeira “explicitar sob forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido.” (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 455). Como teoria da significação, a semiótica volta-se para a compreensão dos processos de produção de sentido que se valem de diferentes substâncias de manifestação, o que implica considerar as diferentes linguagens, como ainda, as macrossemióticas nas quais se insere o próprio mundo natural (GREIMAS; COURTÉS, 2016).

Do ponto de vista do texto, essa abordagem teórica prevê que este deva ser compreendido como um todo de sentido, simultaneamente objeto de significação e de comunicação entre sujeitos historicamente situados (BARROS, 2005). Como objeto de significação, decorre a análise de procedimentos internos ao texto e que o estruturam como totalidade de sentido. Como objeto de comunicação, “o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas.” (BARROS, 2005, p. 7).

Abordar o ensino de leitura, dentro da perspectiva semiótica, é, portanto, uma escolha de natureza teórica que tem seus efeitos sob a perspectiva metodológica, isto é, sobre a práxis de ensino de leitura, tendo em vista que partimos do pressuposto de que tal suporte teórico

pode contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades de leitura e reflexão em aulas de língua portuguesa nas quais atuamos como docente, pois

[...] escolher uma teoria que estuda os textos como objetos de sentido significa fazer uma opção pedagógica, a de privilegiar o texto como unidade de trabalho, em torno da qual se desenvolvem as atividades de compreensão de vocabulário, interpretação, expressão oral e escrita e análise das estruturas gramaticais. (TEIXEIRA; FARIA, SOUZA, 2014, p. 317).

Compreendemos que o texto é objeto de estudo e objeto norteador para aulas de gramática e literatura. No entanto, hoje, após um bom tempo de estudos e buscando repensar nossa prática pedagógica, notamos que uma das grandes dificuldades que sempre encontrávamos nas aulas de leitura era que elas não respondiam a uma reflexão teórica. Muitas vezes reproduzíamos aquela velha e maçante frase que nós professores adoramos dizer – “esses alunos não gostam de ler” – sem investigar propriamente o que os levariam a esse pretenso desgosto ou o que poderia realizar para subverter essa orientação. O que na realidade acontecia é que as aulas se resumiam apenas a propor leitura (individual ou coletiva), realização de debate a respeito do texto a partir de elementos mais superficiais, e, por fim, exercícios escritos de compreensão e interpretação, mas sem uma orientação que, efetivamente, contribuísse para um aprendizado significativo do que ensinar quando selecionávamos um ou outro texto para a aula, os procedimentos que poderiam mobilizar para a complexificação do sentido, como atuar com relação aos que não conseguiam mesmo apreender informações explícitas, como sistematizar um corpo de saberes necessários para a produção do sentido pelos alunos.

Assim, as metodologias aplicadas à leitura, que foram se construindo no dia a dia ao longo da prática docente, não necessariamente corroboravam para um trabalho mais sistematizado sobre o sentido, restritas a uma abordagem mais elementar dos elementos textuais mais imediatamente reconhecíveis, como problematiza Silva (2017), ao criticar a atenção excessiva dedicada à apreensão da estrutura genérica em detrimento da leitura propriamente dita, uma vez que:

[...] pelas metodologias adotadas, a leitura é quase de todo ausente enquanto prática geradora de sentido e de negociações sobre o lido. Em função de uma perspectiva mais pragmática, há ênfase na produção textual, servindo o texto apenas como pretexto para que o aluno apreenda aspectos formais de um gênero X e possa imediatamente reproduzi-los sob o comando da nova produção textual. (SILVA, 2017 p. 209).

As aulas seguiam então a sua boa programação<sup>3</sup> (LANDOWSKI, 2014), conforme a obediência a uma mesma sequência didática, com exercícios que traziam questões do tipo: Qual tema central do texto? Quem é o protagonista? Qual o gênero do texto? Etc.

Não necessariamente condenamos tais questões, mas problematizamos que não cabe reduzir-se a essas generalidades sem considerar a irrepetibilidade enunciativa. Cada texto traz seu segredo como produtor de um gesto único de arranjo de linguagem que demanda do sujeito conhecimentos da ordem da estrutura (o já dado) e também do acontecimento (o novo). A limitação a elas poderia contribuir para a formação de leitores mais atentos diante de textos que se produzem mediante a mobilização de diferentes estratégias linguísticas, na complexa articulação entre verbal e visual, na necessária mobilização de saberes advindos de outros textos?

Podem-se relacionar protagonistas, antagonistas, identificar elementos relativos às condições de produção, saber reconhecer características genéricas, mas o que mais é demandado pelo texto para que seja efetivamente lido e apreendido enquanto todo significante? De que forma, a partir de questões fechadas, mediante as quais se determina uma única resposta, damos abertura para que nossos alunos se projetem no texto, engajando seus saberes e sua subjetividade? Frente a tais questões, devemos refletir sobre o fato de que “se é o sujeito quem produz sentido ao ler o mundo e os textos, não há como deixar de lado a dimensão da sua historicidade e, nessa direção, suas filiações ideológicas e inscrições na ordem do discurso.” (SILVA, 2017, p. 206).

O que pensamos hoje e o que nos fez elaborar este trabalho é que não há como levar um texto para sala de aula sem que antes se conheça uma boa teoria e que todo exercício de leitura deve ser pautado a partir de um projeto, de um método capaz de encaminhar o aluno e lhe subsidiar no traçar de um percurso que gere sentido ao texto.

A escolha da teoria semiótica como fundamento teórico e metodológico para elaboração e aplicação da pesquisa interventiva emana da amplitude e dimensões que esta teoria aplica na análise, no trato com o texto, já que “a semiótica é uma das teorias voltadas para a investigação a respeito do modo como os sujeitos produzem sentidos para os textos e, portanto, tem implicações para uma didática de leitura.” (SILVA, 2017, p. 196).

Isso não significa que queremos nos filiar a um modelo que dita normas e trace estratégias fixas e estáticas de roteiro de leitura, de regras a serem seguidas para se

---

<sup>3</sup> Landowski define como regime de programação aquele que se instaura pela repetição e pela previsibilidade. Dada a regularidade de uma certa prática, esse regime de interação opera para o esvaziamento do sentido. Na escola, a programação aponta para a repetição de saberes, a decoreba, a aprendizagem de conteúdos sem que se saiba para quê (LANDOWSKI, 2014; 2016).

desenvolver a competência leitora de nossos alunos. O que se procura defender é que as aulas de leitura de fato produzam efeito não apenas na vida escolar, mas, sim, que transcendam os muros da escola e façam parte do universo leitor em que estiver inserido o aluno. Nesse sentido, a base teórica eleita para sustentar nossas práticas,

[...] por tratar-se de uma teoria da significação, interessa-se pelas práticas produtoras de sentido, como aquelas advindas do universo escolar, considerando os diferentes sujeitos que aí atuam, as distintas relações de força, a multiplicidade de aspectos que lhe conferem uma complexa e processual identidade. Se não apresenta um caráter normativo, contribui enquanto perspectiva descritiva e interpretativa, a ela cabendo explicitar os processos que aí têm lugar, o que pode contribuir para a compreensão das dinâmicas escolares com consequências para políticas de ensino. (SILVA, REIS, 2014, p. 43).

Dado esse posicionamento, vemos a necessidade de tê-la como aliada às práticas docentes, no que concerne à leitura, uma vez que não se desenvolve a competência leitora única e exclusivamente com exercícios que excluem o discurso individual, particular de cada ator. A aula de leitura é, assim, momento de reflexão, partilha, negociação, com muitas e necessárias idas ao texto, referendando ou não as primeiras impressões.

Não se deu por acaso a escolha dos gêneros para esta pesquisa. A seleção desses gêneros textuais parte da sua heterogeneidade do ponto de vista da articulação entre verbal e visual. Além disso, como são gêneros que circulam na esfera jornalística, vão ao encontro de alguns dos objetivos que pretendemos alcançar: levar o aluno a compreender que não há neutralidade na linguagem, mesmo nas notícias dos jornais que, pretensamente, se constroem sob o mito da imparcialidade, da objetividade e da verdade. Buscamos levá-los a perceber que a disposição de textos nas páginas ou cadernos, sua articulação com imagens, a escolha lexical, os mecanismos enunciativos e demais recursos da linguagem servem aos propósitos da construção de efeito de verdade, sendo sempre atravessados e constituídos por posicionamentos ideológicos mais ou menos explícitos (FIORIN, 1990).

Na contemporaneidade, há que se considerar, ainda, o que se apresenta em função da configuração sincrética dos textos. Também denominados como *multimodais* (BRASIL, 2018), os textos sincréticos tornaram-se objeto de trabalho em função de sua presença cada vez maior na sociedade letrada, abrangendo, em sua estrutura, diferentes linguagens que se integram, formando um todo significativo. Por sua maior complexidade, esses gêneros textuais exigem competência para compreender os processos de produção de sentido mobilizados por diferentes linguagens e ainda saberes que extrapolam ao conteúdo expreso,

demandando conhecimento de temas emergentes no contexto social. Diante disso, torna-se indispensável pensar em estratégias didáticas para o engajamento dos alunos na prática de produção de sentido. É preciso significar os textos para, também, significar o mundo, a história, a nós mesmos.

As questões que guiaram nossa pesquisa foram:

- Que estratégias didáticas podem ser mobilizadas para um trabalho sistemático com vistas a formar um aluno consciente do gosto, do prazer pela leitura na Educação Básica?
- Quais poderiam ser as contribuições da semiótica para a prática de leitura no contexto escolar?
- Como desenvolver competências para a leitura de textos que demandam saberes de natureza fortemente contextual, como as charges?

A partir dessas questões, traçamos como objetivo geral de nossa pesquisa aperfeiçoar, junto aos alunos da educação básica, a competência de leitura de textos da esfera jornalística, privilegiando os gêneros:

- a. editorial, dado que ali se enuncia explicitamente a posição dos editores frente a fatos considerados de relevância social no momento de sua enunciação;
- b. charge, uma vez que, embora aparentemente mais legível pelo seu caráter eminentemente figurativo que permite “ver” do que se trata, torna-se, muitas vezes, incompreensível por sua dimensão sintética, pela presença parcimoniosa ou mesmo ausente do verbal, pela grande dependência da articulação com as notícias do dia, porque expressam um posicionamento crítico, sancionador, ao que se anuncia;
- c. notícia, considerando o modo como nela se articulam elementos verbais e visuais para a produção de sentido, em diferentes e complexas combinações, que visam a produzir efeito de verdade e imparcialidade.

Nosso texto está organizado em cinco partes. Após esta introdução, discorreremos sobre leitura e trazemos linhas gerais da abordagem semiótica, privilegiando estudos sobre o sincretismo. Em seguida, trazemos a metodologia da pesquisa-ação desenvolvida, apresentamos a escola em que atuamos como docente, o perfil dos alunos da turma onde realizamos nosso projeto de intervenção e relacionamos a sequência das atividades propostas. Mais adiante, discorreremos sobre as atividades desenvolvidas que foram organizadas em um Caderno de Atividades com nove exercícios e distribuídos aos alunos durante as oficinas de

leitura. Analisamos os resultados obtidos destacando pontos positivos e negativos que contribuíram para o corpus desta pesquisa. Fechando o trabalho, traçamos nossas considerações finais, fazendo reflexões sobre a leitura no espaço escolar.

## 2 LEITURA DE GÊNEROS SINCRÉTICOS NA ESCOLA

A escola vive o constante desafio de adequar seus objetivos aos anseios de alunos cada vez mais equipados e antenados com as tecnologias e o mundo virtual. Como professora da rede pública de ensino, nota-se uma onda de mudança e transformação dentro do ambiente escolar. Ouvem-se, diariamente, em especial na sala de professores, relatos de como os alunos não mais demonstram interesse por certos temas abordados em sala de aula e como é difícil competir com os celulares equipados com jogos, músicas e conectados nas redes sociais.

Diante dessa realidade, que exige cada vez mais competência para dar sentido ao que se lê no frenético movimento de saltar de um link a outro, de uma mensagem audiovisual para um meme, de uma escuta no Whatsapp à seguinte, a escola se vê obrigada a incorporar novas tecnologias e enfrentar os desafios de leitura e escrita que se impõem nesse nosso tempo. Nesse contexto,

[...] a escola tem dupla missão: absorver as novas tecnologias e aproveitar seu potencial de produção de sentido e, ao mesmo tempo, insistir sempre na literatura e na arte, porque livros, quadros, esculturas, ao exigirem o silêncio e a contemplação da apreensão estética, representam a resistência e o assombro capazes de ressignificar a vida e dar-lhe nova direção. (TEIXEIRA; FARIA; SOUSA, 2014, p. 316).

Cabe à escola, em tal conjuntura, ampliar seus horizontes e exercer com maestria essa dupla missão, visto que não se tem como pensar num ensino de língua portuguesa desvinculado da prática social e cultural em que estão inseridos nossos alunos. O texto, ancorado em suporte de papel ou digital, deve ser encarado com objeto central das aulas como previsto pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (BRASIL, 2018). Ao mesmo tempo, os conteúdos devem se aproximar do cotidiano do aluno, das suas demandas de sujeito de linguagem no mundo.

Levando-se em consideração que o texto está cada vez mais multissemiótico e multimidiático (BRASIL, 2018), é necessário lançar mão de teorias que subsidiem as práticas de leitura e de escrita em sala de aula, o que implica em redefinição de conteúdos curriculares, estratégias e procedimentos didáticos. Nesse sentido,

[...] a esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da

linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BRASIL, 2018, p. 69).

Seguindo os mesmos paradigmas dos PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a BNCC elabora suas proposições a partir da noção de centralidade do texto nas aulas de língua portuguesa. Ademais, pauta-se na concepção de língua como interação social, o que traz implicações para toda atividade de leitura e de escrita. Dentre essas implicações está a compreensão das condições de produção que orientam tanto à leitura quanto para o que e como se deve escrever, tendo em vista a perspectiva da intersubjetividade, da intencionalidade, do suporte.

Para além da decodificação, cabe ao professor engajar o aluno na leitura dos textos, para que, não apenas os compreenda, mas, também, coloque-se frente a ele como sujeito, posicionando-se criticamente quanto a fatos e opiniões expressos. Em tempos de *fake news*, que corroem as democracias (SILVA, 2019) e põem em risco a própria saúde dos cidadãos<sup>4</sup>, faz-se necessário contribuir para o desenvolvimento da competência leitora do aluno.

Sob essa perspectiva, nossa pesquisa põe em foco “estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão” (BRASIL, 2018, p. 134).

Partimos do pressuposto de que privilegiar gêneros jornalísticos nas aulas de leitura tem relevância social, visto que estes visam, diretamente, à comunicação em massa, influenciando, decisivamente, a opinião pública, definindo os rumos da história do país. Assim, a leitura desses gêneros e a incorporação deles nas leituras em aula contribuem com o desenvolvimento de um leitor mais perspicaz, capaz de se posicionar diante dos fatos e opiniões expostos nos jornais. Para tanto, iniciaremos nosso estudo apresentando a noção de texto dentro da perspectiva semiótica, a definição de sincretismo, bem como as relações sincréticas entre o visual e o verbal

## 2.1 A centralidade do texto e a noção de gênero

Para a teoria semiótica, o texto é compreendido simultaneamente como objeto de significação e de comunicação (BARROS, 2005, p. 11). Como objeto de significação, os sentidos são construídos a partir da sua própria organização interna, o que faz com que seja

---

<sup>4</sup> Fazemos referência expressa aqui às *fake news* relacionadas ao Covid-19.

compreendido como uma totalidade significativa. Sob essa perspectiva, cabe ao professor fornecer aos estudantes a compreensão sobre as estratégias linguístico-discursivas postas em operação por um dado enunciador, com vistas à adesão de um enunciatário real ou simulado.

O texto

[...] é um produto das escolhas de um enunciador e do fazer de um enunciatário, compreende uma complexa rede discursiva caracterizada pela escolha de gêneros e tipos textuais [...] faz uso de ferramentas discursivas, para demonstrar formalidade ou informalidade, construir efeitos de aproximação ou de distanciamento, simular objetividade ou subjetividade. Somam-se a tudo isso, ainda, os procedimentos da expressão que, dando forma ao conteúdo, também significa. (TEXEIRA; FARIA; SOUSA, 2014, p. 318).

Preconizada a linguagem sob a perspectiva interacionista, o texto é um objeto de comunicação, forma de agir sobre o outro, como produto de uma situação comunicativa e suas coerções, que determinam, inclusive, a própria eleição de um ou outro gênero.

Para a teoria bakhtiniana a que se filia a BNCC (Brasil, 2018), o texto é um enunciado que se forma a partir de um diálogo entre vozes discursivas e das “relações sociais que participa o sujeito” (FIORIN, 2006, p. 55). Nessa abordagem, conclui-se que nenhum enunciado é construído sem uma intencionalidade, visto ser “um elo na cadeia de comunicação discursiva e não podem ser separados dos elos precedentes que o determina tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2016, p. 62).

Se entendermos o texto como resultado das escolhas de um enunciador (autor, locutor), objetivando comunicar-se com um leitor/ouvinte, está previsto uma espécie de “contrato enunciativo” entre sujeitos (FIORIN, 2004, p. 112). Será esse contrato que determinará o fazer interpretativo pré-estabelecido pelo suporte material onde se manifesta.

Assim, a escolha do gênero textual que o enunciador seleciona para elaborar seu discurso, por sua própria estrutura, já determinará o contrato enunciativo entre locutores: “Todo locutor deve levar em consideração o ponto de vista do receptor” (BAKHTIN, 1995, p. 93). Dessa forma, até mesmo a escolha do gênero textual já anuncia intencionalidades, possibilidades e restrições.

A noção de gênero que adotamos nessa pesquisa é a de base bakhtiniana que compreende gênero como “conjunto de tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12), estando em conformidade com os documentos oficiais relativos ao

ensino de língua portuguesa para educação básica (BRASIL, 1998; BRASIL, 2018). Em situações de comunicação,

[...] nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos certo volume (isto é uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que, em seguida, apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2016, p. 39).

A manifestação discursiva do falante se materializa a partir da escolha do gênero que, ao dialogar com outro, busca reorganizar e o aprimorar para deixar suas marcas pessoais, mas o gênero é eminentemente um produto histórico e social.

A concepção de gênero dada por Bakhtin expressa que os gêneros nos antecedem, possuindo uma estrutura pré-estabelecida, cabendo ao falante/ouvinte da língua apoderar-se dessa estrutura estável tanto para construir seus discursos quanto para compreender os discursos dos outros.

Os gêneros textuais/discursivos não apresentam neutralidade do ponto de vista ideológico. Gêneros da imprensa como a notícia, por exemplo, buscam manter um distanciamento, mas denunciam seus posicionamentos a partir das escolhas lexicais, abordagens temáticas e a postura assumida na construção dos fatos informados. Um enunciado absolutamente neutro é impossível, pois “a relação valorativa do falante com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto), também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 47).

Todo gênero é constituído a partir de outros, havendo, assim, uma ponte, uma ligação comunicativa entre eles. Não se constrói uma charge, um editorial sem dialogar com a notícia. E, muito menos, constrói-se uma notícia sem dialogar com os discursos dos outros, pois “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio.” (FIORIN, 2006, p. 19).

Filiamo-nos a essa abordagem, pois acreditamos que nenhum texto se constrói sem dialogar com outro. Em gêneros que circulam na esfera jornalística, esse elo discursivo contribui para o entendimento do próprio texto, as vozes que se cruzam estabelecem as relações de sentido que o enunciador pretende alcançar. A leitura de textos jornalísticos sempre nos traz “ecos e lembranças de outros enunciados com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante.” (FIORIN, 2006, p. 21). Esse diálogo entre

textos, o cruzamento entre as linguagens é o que denominaremos como sincretismo e o que será discutido no tópico seguinte que ampliar o conceito de sincretismo para teoria semiótica.

## **2.2 Sincretismo: múltiplas substâncias organizadas sob uma mesma enunciação**

A multimodalidade se manifesta nas escolhas lexicais, na utilização de recursos visuais (letras, pontuação, sintaxe etc.) que compõem o plano de expressão, materializando o plano de conteúdo.

Para a teoria semiótica, essa multimodalidade é chamada de sincretismo, compreendendo assim como texto sincrético todo enunciado que, no plano de expressão, caracteriza-se pelas múltiplas substâncias organizadas sob uma mesma enunciação. Desse modo, os

[...] objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de outra que as organize num todo de significação. (TEIXEIRA, 2004, p. 235).

O sentido global do texto se dá pela integração das linguagens que se cruzam, entrelaçam-se de forma indissociável, gerando significados no mesmo ato enunciativo. Portanto, para que haja o sincretismo, faz-se necessário uma dependência entre elas, caso contrário será apenas uma somatória de linguagem. Essas relações entre linguagens podem ocorrer por justaposição e sobreposição. Teixeira, Faria e Sousa (2014, p. 322), nesse sentido, expressam que,

[...] pensando em categorias gerais de análise de textos sincréticos, elegeremos o par sobreposição e justaposição de linguagens que nos parece dar conta, ao menos de modo geral, da relação estabelecida entre os sincretismos audiovisual e verbo visual [...]. Esses modos de funcionamento organizam as relações entre as linguagens num determinado suporte por meio de um ponto de vista enunciativo e são responsáveis por criar o sincretismo propriamente dito.

Desse modo, o que determina o sincretismo são as relações estabelecidas pela enunciação. Quando analisamos a capa de um caderno jornalístico, notamos, em sua diagramação, uma organização tal que forma um todo significativo de sentido, pois, em sua estrutura composicional, há múltiplas linguagens que somadas geram esse sentido,

objetivando conseguir a adesão do leitor aos fatos noticiados, entrando em conjunção com o enunciador. Assim, as linguagens que o constituem se relacionam por justaposição e “estão submetidas à enunciação que as manipulam e confere a elas o sentido de unidade.” (TEIXEIRA; FARIA; SOUSA, 2014, p. 322). No jornal, é a diagramação que sincretiza o texto.

Gêneros da imprensa, por exemplo, utilizam o sincretismo entre as linguagens nas articulações de seus discursos. Em textos como as charges, o sincretismo é feito pelo chargista, as articulações entre as linguagens selecionadas por ele geram o sentido cômico e irônico desse gênero textual. Já na notícia, há um sincretismo quando atrelado a ela, a fotografia comunica-se com o verbal, integrando-se aos fatos noticiados para “textualizar uma determinada etapa da sequência narrativa de base ou concretizar uma anti-narrativa pressuposta (ou implícita) no enunciado verbal.” (GOMES, 2005, p. 103).

Portanto, consideramos como texto sincrético, todo enunciado que, em sua composição, o verbal e o visual dialogam entre si em um mesmo ato enunciativo, gerando sentido. É a enunciação que organiza duas ou mais linguagens e as colocam em ação. O cruzamento dessas linguagens no plano de expressão é que vão dando conta do conteúdo. São essas relações entre linguagens que sincretizam o texto, é essa harmonização entre o verbal e o não verbal que contribui para o efeito de sentido que se pretende alcançar, como poderemos ver no gênero charge que abordaremos a seguir.

### 2.2.1 O sincretismo nas charges: o cruzamento das linguagens

Considerado como texto sincrético, a charge traz em seu plano de expressão múltiplas linguagens que se tocam, cruzam-se, construindo um enunciado caracterizado pelo seu estilo humorístico e irônico. A multimodalidade existente nesse gênero se manifesta pela interação, pelo cruzamento dessas linguagens.

Na charge, a capacidade de figurativização visa a produzir efeito de semelhança com seres ali representados, ainda que essa semelhança se apresente com o apelo subversivo do humor.

A presença do verbal é discreta, pois a atenção do leitor é direcionada para a imagem, em posição central, a demandar reconhecimento dos sujeitos, da cena, da situação narrada e, também, avaliada pelo enunciador.

A charge é sempre crítica, atravessada pela ironia, pressupondo um enunciador que, como um destinador de um dado acontecimento, julga, sancionando geralmente negativamente aquilo que vê como objeto de denúncia.

Para que haja entendimento, para que o leitor seja capaz de reconhecer o que está sendo criticado, faz-se necessário que o enunciatário reconheça não apenas as figuras (personagens, paisagem, objetos, cena), mas um contexto imediato ao qual o enunciador faz referência, geralmente em diálogo expresso com uma das principais notícias da edição do jornal. Apenas o reconhecimento dos elementos da cena não é capaz, portanto, de garantir a legibilidade da charge.

As vozes discursivas utilizadas na constituição desse gênero precisam ser identificadas e compreendidas no contexto em que estão inseridas.

Nesse gênero, verbal e não-verbal associam-se sincreticamente. As figuras presentes na charge fundamentam as bases que sustentam e constroem o sentido do texto. “Figuras, no contexto semiótico, são termos que fazem remissão (e não referência direta) aos elementos do mundo, deixando o texto concreto. É por meio do uso das figuras que o enunciatário apreende o texto.” (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 247). Cabe destacar que

[...] são figurativos os textos em que se verifica a predominância de figuras, compreendidas como elementos que remetem ao mundo natural, em contraposição aos textos temáticos, no qual a maior incidência se dá com relação à presença de categorias abstratas, denominadas como temas. (SILVA, 2017, p. 198).

O chargista busca, por meio de figurativização, convencer os leitores a seu posicionamento, buscando, assim, uma aceitação dos enunciatários ao conteúdo que emerge das figuras, como registro de uma situação ou por uma breve narrativa (sequência de poucos quadros). São, portanto, as duas substâncias, verbal e não-verbal, que constroem juntas um mesmo conteúdo temático. Em tais contextos,

[...] a expressão, a manifestação textual, feita por signo verbal ou não verbal, veicula o sentido, dado no conteúdo, em que se movimentam as vozes. No conteúdo é que se estabelece a relação enunciado/ enunciação; no conteúdo é que se implanta o discurso, que nada mais é do que o próprio texto visto nas condições de produção, visto nessa relação enunciado / enunciação. No conteúdo aliás, encontramos, graça ao desbastamento feito da própria expressão ou daquilo que parece que é, a estrutura imanente, que sustenta o texto, considerado então na sua equivalência com o discurso. (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 263).

Sendo a charge um texto mais figurativizado, pois predominam nele mais as figuras, os chargistas se apoderam dos fatos noticiados, de um contexto político, social e cultural para construir seus discursos humorísticos, críticos e irônicos. O leitor, ao se defrontar com esse gênero textual, “deve tomá-lo como objeto humorístico, inserido num contexto e carregado de pistas que vão determinar sua leitura.” (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 253).

Em suma, ao sincretizar as linguagens, o chargista constrói o efeito de sentido que almeja transmitir. O verbal e o não verbal se completam, estabelecendo diálogos, provocando, por meio das articulações, o cômico e o irônico, elementos fundamentais nesse gênero textual.

Outro gênero textual que busca através do sincretismo entre linguagens conduzir o leitor a aderir aos fatos apresentados é a notícia que quando acompanhada da fotografia pretende produzir efeitos de sentidos e afirmar a veracidade dos fatos ali expostos, conforme abordaremos no próximo tópico.

### 2.2.2 As relações sincréticas entre a notícia e a fotografia: apelos à veracidade

A notícia, tanto em jornais impressos ou on-line, busca harmonizar o verbal com o imagético para reafirmar e produzir efeitos de sentidos em seus anunciados. Nesse espaço de enunciação,

[...] a materialização visual permite apreender mais do que o dito pelo verbal, já que possibilita a apreensão de detalhes não descritos no texto, como expressões faciais, gestualidade, distribuição, proxêmica, entorno, etc. Assim, embora represente um simples flash de instante, a imagem vem carregada de significação. (CRESTANI, 2014, p. 456).

Para gerar o sentido, o elo entre o dito e o visual, as linguagens que compõem o texto devem manter uma relação de dependência, visto que a imagem se junta ao verbal para convencer o leitor sobre os fatos noticiados. A fotografia, na imprensa, constitui uma linguagem que, atrelada ao verbal, produz efeito de sentido de verdade, de comprovação dos acontecimentos narrados. O sincretismo na notícia se manifesta na integração do imagético com o verbal que, ao se cruzarem, complementam-se num mesmo ato enunciativo. Desse modo,

[...] a sincretização dos mais variados elementos visuais, em confluência com as reiterações temáticas e figurativas e procedimentos argumentativos, nas sucessivas edições do jornal, não indica apenas uma maneira de perceber

e compreender o mundo em que circunscreve seus leitores, mas constrói o próprio universo ideológico no qual estão inscritos. (GOMES, 2005, p. 104).

O jornal, ao selecionar a fotografia, usa-a como um recurso persuasivo, instrumento ideológico e de manipulação, pois a “articulação da imagem com a palavra torna-se um modo de orientar e restringir as escolhas do leitor.” (PIETREFORTE, 2017, p. 49). A própria disposição da imagem dialoga com as pretensões jornalísticas, pois são organizadas e selecionadas, estrategicamente, para atrair a atenção do leitor e o convencer sobre os posicionamentos ali assumidos. A fotografia, ao ser colocada na notícia, serve para despertar o sensível, o perceptível, pois “suscita efeito de sentido mais de ordem passional. (GOMES, 2009, p. 217).

As relações sincréticas no gênero notícia, portanto, surgem pela integração das linguagens que se articulam entre si, o verbal explica a imagem, cumprindo a função de ancoragem, “quando isso acontece o sentido do texto deve ser determinado nas relações estabelecidas entre os dois sistemas” (PIETREFORTE, 2017, p 49), são essas relações que tornam esse texto multimodal.

Apresentado esses conceitos e definições sobre texto e as relações sincréticas, passaremos a enfatizar sobre a leitura dentro da perspectiva semiótica, destacando as relações existentes entre plano de expressão e de conteúdo.

### **2.3 A leitura sob a perspectiva semiótica: planos da expressão e do conteúdo**

Tendo como objeto de estudo o texto, a teoria semiótica o conceitua como produto das relações existentes entre os planos de conteúdo e expressão. Entende-se como plano de conteúdo o próprio sentido, o significado do texto. Portanto, são os conceitos utilizados pelo enunciador na construção de seus discursos, bem como os procedimentos usados para “dizer o que diz.” (PIETROFORTE, 2017, p. 11).

O plano de expressão vem a materializar o conteúdo de forma verbal, visual ou sincrética. No verbal, o conteúdo é materializado pelo som, no visual pelas figuras, desenhos, etc. Cada linguagem tem um plano de conteúdo e expressão.

Para a semiótica, o sentido de um texto é construindo no plano de conteúdo. Para conceber esse sentido é necessário traçar um percurso em três níveis, denominados em fundamental, narrativo e discurso. Dado como um procedimento metodológico, esses níveis são nomeados por essa teoria como *Percurso Gerativo de Sentido*, portanto, trata-se de um método que guia na produção do sentido do texto, partindo de nível mais simples e profundo

ao mais superficial e abstrato e que vai ser construído a partir das relações que se estabelecem entre eles, como exemplifica Barros (2005, p. 13), ao comentar:

Para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica e pode ser resumida como segue:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

O nível fundamental, ponto inicial do percurso de geração de sentido, é compreendido como o mais profundo. A significação parte das diferenças, oposição mínimas que são extraídas mutuamente e qualificadas em eufórica e disfórica, isto é, são valores positivos e negativos presentes no interior do texto. Nesse patamar encontram-se ideias opositivas, com significações mínimas de sentido que sustentam a articulação textual.

Já no nível narrativo, tem-se o desenvolvimento amplo do percurso gerativo de sentido. A análise de um texto, nesse nível, requer a descrição minuciosa de todos os elementos presentes e os papéis que cada um assume dentro da narrativa. Nesse nível os valores são invertidos, busca-se expandir os sentidos extraídos do nível fundamental. Assim,

[...] no nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77).

Notamos, desse modo, que o texto, como unidade linguística significativa, apresenta uma narrativa em sua estrutura interna. Essa concepção narrativa deve ser entendida como as transformações oriundas do *percurso gerativo de sentido* que são estruturadas significativamente. As narrativas presentes nos textos são resultados da alteração de estados

executados e sofridos pelos sujeitos (actantes). A estrutura narrativa possibilita ao falante/ouvinte da língua observar e analisar os elementos que contribuem para a construção de sentido do discurso.

O nível discursivo está diretamente relacionado às marcas da enunciação, das relações entre enunciados e enunciatários. As ideias e sentidos que já foram apreendidos dos níveis anteriores são transformados em estruturas discursivas que serão fundamentadas a partir da análise sintática/ semântica. Assim, “as estruturas fundamentais convertem-se em estruturas narrativas, a narrativa torna-se discurso, o plano de conteúdo casa-se com o da expressão e faz o texto; o texto dialoga com outros muitos textos, e essa conversa o situa na sociedade e na história.” (BARROS, 2005, p.75).

As combinações e as relações presentes, que são articuladas nesses três níveis, dão origem ao plano de conteúdo que se concretiza no plano de expressão. Dessa forma, compreende-se a expressão como a materialização do conteúdo por meio de recursos expressivos, utilizados na construção do texto, tais como: paragrafação, tipo de letras, escolha lexical, sinais de pontuação, etc. Portanto, o plano de expressão traz à existência o plano de conteúdo.

O *percurso gerativo de sentido* é, assim, traçado a partir dessa interligação existente entre conteúdo e expressão. Não se pode gerar um sentido ao texto sem que se trace o percurso pelo qual se constrói a união desses dois planos. Seja em textos mais tematizados ou figurativizados, o sentido do texto surgirá a partir da análise da expressão e conteúdo, dos aspectos que os ligam e formam uma rede indissociável de sentido.

## **2.4 Implicações da teoria semiótica para a leitura no contexto escolar**

Todos os dias nos deparamos com inúmeros textos e novos gêneros textuais que exigem dos leitores um olhar mais atento, uma vez que são carregados de discursos que se atravessam a fim de produzirem sentidos. A produção de textos tem se intensificado com as novas tecnologias, pois cada vez mais esses têm se tornado multimodais, visto que “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir.” (BRASIL, 2018, p. 66).

Essa facilidade e dinâmica que temos em produzir novos gêneros, a partir dos avanços tecnológicos, exigem leitores mais atentos para as novas leituras. A escola tem, portanto, um

grande desafio de desenvolver procedimentos de leitura que atendam as novas demandas textuais. Os documentos oficiais, tais como a BNCC (BRASIL, 2018) e o Documento Curricular do Tocantins - DCT (TOCANTINS, 2020), apresentam alguns procedimentos e estratégias para a leitura em sala de aula.

Para a BNCC, a leitura é um processo resultante do diálogo entre leitor/texto e suas interpretações, ou seja, é um ato interacionista reflexivo em uso. É pelas relações estabelecidas entre o leitor e o texto que a leitura ganha sentido e se projeta na vida do sujeito. Isso significa que esse não é apenas um processo de decodificação, mas um processo de natureza cognitiva.

O que propõe os documentos oficiais é que o ato de ler passe a ter sentido na vida do aluno, que o texto ganhe centralidade nas aulas, mas não como pretexto para se ensinar gramática ou apenas estudo do gênero, pois, o texto precisa ser analisado, investigado, ser entendido a partir dos elementos que o constituem, que vão desde o contexto de produção, a seleção vocabular e os discursos pelo qual foi formado.

É por meio das interações intra e interdiscursivas que o leitor vai construindo sua compreensão e o entendimento do dito e do não dito no texto. A BNCC, ao tratar das práticas que envolvem a leitura interna do texto, prescreve procedimentos que enfatizam a importância de,

1. estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças;
2. Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 74).

Quando estabelecem dimensões para o eixo leitura, a BNCC e DCT buscam encaminhar estratégias para que o ato de ler de fato ocorra em sala de aula, não sendo apenas um processo de decodificação dos signos linguísticos, mas que passe a dar sentido à vida do aluno, contribuindo para a formação de um leitor que se posicione diante do texto de forma crítica. Essas estratégias devem ser incorporadas às práticas de leitura na escola, amparadas por teorias que corroborem o trabalho do professor, que irá traçar mecanismos de leitura que contribuam para a construção dos sentidos. Assim, uma leitura em sala de aula, subsidiada pela semiótica, deve partir do plano de expressão para o plano de conteúdo.

O professor de leitura, necessariamente, precisa conduzir o aluno a observar como os recursos linguísticos e visuais se articulam no plano de expressão para produzir, de forma coerente, os sentidos, formando o plano de conteúdo.

Analisar o sentido de cada figura ou dos recursos de expressão que criam o efeito de interatividade em textos como a notícia pode levar o aluno a ter consciência de que nada num texto é gratuito, tudo se harmoniza para criar um programa de manipulação por meio do qual o enunciador busca a adesão do enunciatário.

Em um ambiente de sala de aula, também, deve-se considerar que cada leitura é uma leitura diferente, são olhares diferentes que se põem diante do texto. Por isso, acreditamos que o professor precisa ouvir e dialogar a cada leitura em sala, não apenas moldar ou emoldurar um texto e extrair dele apenas aquilo que se deseja de forma fechada, acabada, silenciando vozes. Devem-se negociar sentidos. As interpretações, compreensões de charges, notícias, editoriais, enfim, de qualquer texto, refletem o “vivido dos sujeitos”. O aluno não compreende um texto se esse não faz parte do que foi vivido. As leituras feitas em sala implicam os conhecimentos de mundo de cada aluno, muitas vezes, limitados pelo próprio contexto social em que estão inseridos.

### 3 A ESCOLA CAMPO DE PESQUISA E O PROJETO DE INTERVENÇÃO

*Um galo sozinho não tece uma manhã  
 Ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto

Ao escrever sobre a Escola Estadual onde foi aplicada a pesquisa, vem-nos logo à mente a poesia “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto. O fragmento acima falamos de um galo, de vários galos que se unem para tecer uma manhã. Há um fazer coletivo, e cada galo que apanha o grito e lança a outro tem consciência de sua posição, sua função de gritar e juntar seu grito ao do outro. Na cena dessa manhã tecida coletivamente, cada galo, agente do saber, assume sua performance de anunciar, doando seu saber a outro que, necessariamente, apanha esse saber e o junta ao seu próprio conhecimento, somando saberes/práticas até que a manhã esteja pronta.

O texto nos fez perceber que a ação de cada galo se inscreve num ciclo e que a cada amanhecer eles estarão lá, tecendo com seus gritos, ainda que jamais a manhã seja a mesma.

A ação coletiva dos galos é necessária, visto que sem ela as manhãs não podem ser tecidas. Pensando em termos de uma estrutura mais abstrata para esse belo poema, propomos que, naquilo que a semiótica designa como nível profundo, tenhamos ali organizada uma oposição semântica de base conformada na relação coletividade *versus* individualidade. Sob essa perspectiva, o poeta canta a coletividade, o fazer junto, trazendo o anúncio da manhã, que só pode ser edificada assim, numa espécie de parceria, o que nos leva a pensar na coletividade como termo eufórico. O contrário, a individualidade, seria disfórica, no sentido de “um galo sozinho jamais teceria uma manhã”. Assim, os gritos se cruzam, formam fios delicados, tão próximos, tão indissociáveis que sustentam um momento único: a manhã que nasce.

O galo, na condição de sujeito do fazer, está em conjunção com o saber, o querer, o poder e o dever. Sabe cantar, pode cantar, demonstra querer cantar, porque cumpre prazerosamente sua função, ao mesmo tempo em que cumpre sua natureza, essa que lhe encarregaria de um dever fazer.

Tomamos a bela imagem do poeta para pensar nossa escola. Como as manhãs que se constroem com uma ação coletiva, a escola e seus agentes também tecem suas manhãs. E vão firmando saberes, conduzindo seus alunos a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. Não há espaços para o individualismo, pois o fazer pedagógico deve estar sempre em conjunção com o coletivo para que, como uma teia tênue, se possam ir tecendo muitas manhãs, anunciando o devir.

Ambiente de coletividade e de respeito à alteridade são expressões que podemos usar para descrever nossa escola. Situada em uma cidade do interior do Tocantins, na região conhecida como Bico do Papagaio, apresenta uma estrutura física razoável: têm oito salas de aula espaçosas, sala de vídeo, laboratório de informática, biblioteca, lugares destinados especialmente para os alunos. Além desses locais, possui salas para professores, coordenadores, secretaria, cozinha, três almoxarifados (alimentos e limpeza, material escolar, arquivo e multimídias) e diretoria.

**Figura 1: Colégio E. Marechal Ribas Júnior**



Disponível em <https://goo.gl/maps/17cgedNy4LGwVhrT9>. Acesso em 11/03/2020.

**Figura 2: Mapa situacional da unidade escolar**



Disponível em <https://goo.gl/maps/17cgedNy4LGwVhrT9>. Acesso em 11/03/2020.

Descrevendo assim, citando a quantidade de salas e departamentos, logo imaginamos um lugar grande e com espaços suficientes para a prática pedagógica. No entanto, quando olhamos para o prédio, realmente bonito, com espaço esportivo dentro da própria escola, arborizado, com horta, relembro, também, que agregado aos substantivos que nomeiam cada ambiente da escola, faz-se necessário acrescentar informações que caracterizam cada lugar deste espaço escolar.

Temos salas grandes, mas não climatizadas e, por isso, no período que compreende os meses de abril em diante, quando termina o período chuvoso, sofremos com as altas temperaturas. As salas de aula possuem sempre dois ventiladores, porém, na maioria das vezes, há sempre um danificado ou os dois não funcionam. Tanto alunos e professores ao final da tarde saem esgotados e é comum a inquietação dentro das salas devido ao calor extremo. No turno matutino, até o terceiro horário não sentimos tanto os efeitos do clima, mas, após o período do recreio, a reclamação é unânime: alunos inquietos, agitados, reclamando do calor.

A sala de vídeo é equipada com um projetor de slides, computador, caixa de som, mas, assim com as salas de aula, não é climatizada, por isso, geralmente, é utilizada principalmente para filmes. Para utilizá-la, temos que fechar todas as portas e janelas e, como são altas as temperaturas do Norte do país, tendemos a nos afastar dela. Nenhum aluno consegue ficar mais de 50 minutos sem pedir para sair por sentir mal-estar.

Quanto ao laboratório de informática, tínhamos em torno de 14 computadores, a sala era climatizada, mas, no último período chuvoso, devido à falta de manutenção do telhado da escola, foram todos danificados com as fortes chuvas que caíram sobre nossa região. Desse modo, hoje se tem uma sala com uma bancada, instalações elétricas adequadas para suportar as máquinas, mas nenhum computador dentro, exceto o roteador. Além disso, devido a infiltrações e umidade, é impossível não sair de lá resfriado.

A biblioteca da escola é bem espaçosa e há bastantes livros. O que dificulta o acesso ou a interação com este ambiente é a forma como esses estão organizados nas prateleiras. Não se tem identificação se é romance, contos, crônicas, biografias, etc. Separam apenas por área de conhecimento: de um lado livros didáticos, livros de geografia e história, física e química e língua portuguesa. Há um acervo de revistas que é trazido pelos próprios professores, jogos didáticos, mapas, dicionários em português e inglês.

Poucos são os profissionais que levam os alunos à biblioteca da escola. Geralmente, cria-se uma atividade (expõem-se os livros no pátio da escola em estantes, varais, coloca-se tapetes, pufes, e deixam os alunos lerem, terem contatos com os livros) para incentivá-los a

escolherem livros e levarem para casa. Há alunos que frequentam diariamente este espaço. Quando solicitados a apresentarem seminários, preferem a biblioteca a procurarem em sites na internet.

A unidade de ensino tem 463 alunos matriculados nos três turnos. Pela manhã, temos 8 turmas; 4 de ensino fundamental e 4 de ensino médio. No turno vespertino, tem-se 5 turmas de ensino médio, e a noite, 2 turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Cada turma do ensino fundamental tem aproximadamente de 30 a 35 alunos matriculados. São as turmas mais assíduas e quase sempre os alunos são frequentes, quase não se tem evasão neste turno.

Há indisciplina, algumas vezes entraves entre profissionais, há falta de recursos. Mas há companheirismo e alunos com sede de aprender. A turma do 7º ano, para a qual se desenvolve todo o trabalho que norteia esta dissertação, na sua maioria, os alunos são questionadores, investigadores e comprometidos.

A escola é composta de alunos que residem na própria cidade e de alunos dos povoados circunvizinhos que dependem do transporte escolar fornecido pelo município. Quando o ônibus não pode buscá-los a maioria das salas ficam vazias ou com um número reduzido de alunos, em especial no turno vespertino.

Por termos esse público misto, temos que adequar os conteúdos e nossa didática de ensino à realidade de cada turma. Os alunos oriundos dos povoados apresentam níveis diferentes de conhecimento em relação aos que residem na sede do próprio município.

Os professores que atuam nesta unidade de ensino, em sua maioria, residem na cidade de Imperatriz, que fica localizada a 25 km. Dos dezessete professores que compõem o quadro docente, apenas três residem na própria cidade.

Trabalhar com o ensino fundamental é desafiador, em especial nas séries iniciais, 6º e 7º ano. São turmas com aproximadamente 28 e 35 alunos. Podemos falar com prioridade do 7º ano, que trabalhamos desde janeiro de 2018. Temos um público de leitores, mas que, quando se deparam com questões de compreensão e interpretação de textos, não compreendem os enunciados, não obedecem a comandos simples como: “Complete os espaços em branco com uma das palavras entre parênteses.”

O mais desafiador é seguir a proposta de conteúdo que a Secretaria de Educação do Estado (SEDUC – TO) exige que seja seguido, sem, ao menos, questionar ao professor qual é a realidade dos alunos de cada série. Há no rol de conteúdo, por exemplo, diversos gêneros textuais (propaganda, poema, memórias literárias, rap/cordel, contos, lendas urbanas, textos

instrucionais, relatórios, entrevistas, crônicas, textos teatrais) além de conteúdos que vão desde predicação verbal, predicado, concordância nominal e verbal a período composto. Isto só para o 7º ano.

Muitos dos conteúdos não estão presentes no livro didático utilizado pelos alunos, mas o que nos repassam nas formações continuadas é que devemos passar o conteúdo independentemente de estar ou não no livro didático, por isso há muitos professores que não o utilizam mais.

No entanto, após a semana diagnóstica, buscamos construir um plano de curso que suprisse a verdadeira necessidade da turma, apresentando justificativas para isso, adequando, deslocando conteúdo conforme o desempenho dos alunos ao longo dos bimestres.

Há, nesta sala, alunos cujas letras são ilegíveis, que leem silabando outros que leem com entonação, apenas decodificando o que leem, quando se tem questões mais complexas, que exigem uma leitura aguçada, refinada não conseguem atingir o objetivo das atividades propostas. Em geral, devido às dificuldades de compreensão e interpretação de texto, os resultados nas provas escritas são abaixo do esperado em todas as disciplinas. Mas como já mencionamos, são questionadores, turma com pouca recorrência de indisciplina.

Para as turmas com as quais trabalhamos neste período letivo, buscamos fazer leituras individuais e coletivas, roda de leitura, leitura dramatizada e que envolva atividades de análise dos textos lidos. Primeiramente lemos textos que, geralmente, fazem parte dos gêneros propostos no Documento Curricular do Tocantins para Elaboração dos planos de ensino que nos são repassados logo no início no período letivo.

Assim se constrói o CRJ, como é conhecida na região a escola que, na cidade, ainda goza de prestígio em relação às demais, em virtude da formação acadêmica dos professores e do comprometimento de alguns profissionais que vêm atuando de forma decisiva no processo ensino e aprendizado do município. Conhecida a estrutura física, a postura do professor frente aos desafios de adequação de conteúdo a realidade de cada turma, traçaremos mais detalhadamente o perfil dos estudantes que participaram dessa pesquisa.

### **3.1 Perfil dos estudantes: a realidade na sala de aula**

Falar sobre o 7º ano é tarefa fácil, turma composta por 24 alunos (matricula inicial 28 alunos), sendo 11 homens e 13 mulheres. Como qualquer turma de uma cidade do interior, encontramos um público bastante carente e necessitado tanto em questões financeiras quanto ao nível de conhecimento seja em questões de escrita ou leitura. É comum ouvirmos, na sala

dos professores, colegas comentarem as deficiências de aprendizagem que a turma apresenta. Reclamam da escrita de muitos e dizem que, às vezes, chegam até a ser incompreendida, em virtude de letras ilegíveis e da falta de organização de parágrafos.

Mas são extremamente elogiados quando apresentam seminários, e, também, por serem assíduos e pontuais na entrega de suas atividades. O que os faz serem especiais é o desejo de aprender e desenvolver suas habilidades. São poucos os casos de indisciplina. Para melhor defini-los, fizemos um questionário que buscava traçar, de forma sistemática, suas características. Após a aplicação e tabulação dos dados, passamos a conhecê-los melhor e compreender algumas de suas atitudes.

O questionário trazia dez questões que abordavam sobre leitura (apêndice A), as aulas e o perfil familiar. As questões de um a três tratavam, especificamente, sobre a formação familiar dos pais e a participação deles na vida escolar. Os resultados revelaram-nos dados importantes que nos fez repensar as nossas práticas pedagógicas. Passamos a entender questões como as dificuldades que muitos tinham em trazer as atividades extraclasse prontas, por isso copiavam respostas dos exercícios dos colegas que tinham auxílio dos pais.

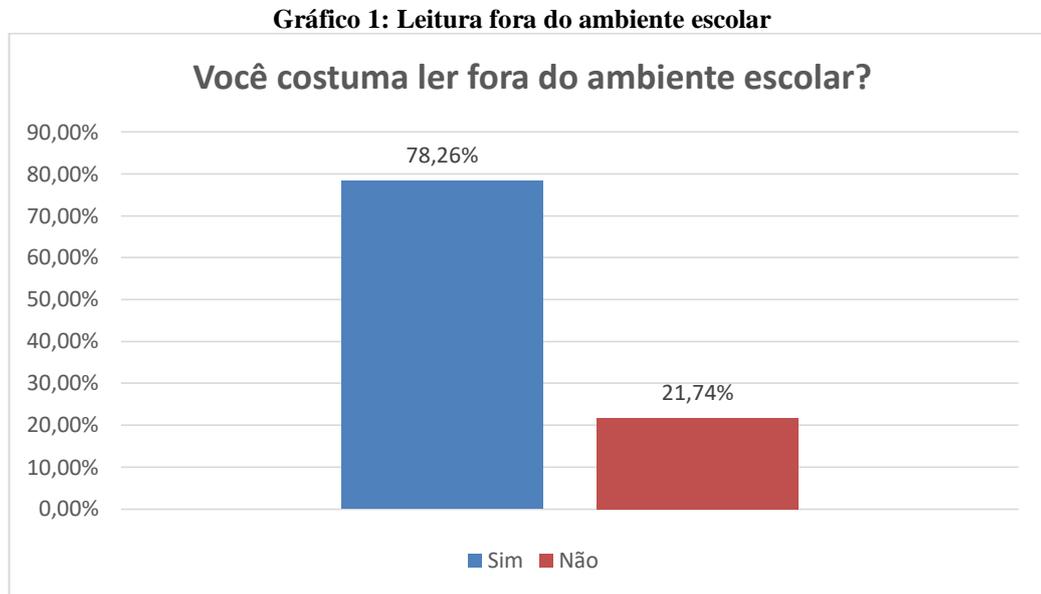
Nessa turma, temos 34, 14% de alunos que não têm auxílio algum nas atividades que vão para casa. Percebemos que aqueles que não têm ajuda nenhuma são exatamente aqueles com rendimentos mais baixos e com maiores dificuldades de aprendizagem. São alunos repetentes que são, muitas vezes, mencionados nos conselhos de classe.

Como qualquer escola pública, temos um público formado por crianças vindas de famílias cujos pais são lavradores, donas de casa, manicures, professores e pensionistas. Portanto, famílias de trabalhadores que enxergam na escola pública o único meio para uma ascensão social.

Quanto às práticas de sala de aula, buscamos compreender os hábitos de leitura e como aconteciam na escola, por isso os questionamentos foram direcionados para catalogar dados que mostrassem o nível de leitura da sala.

Segundo as crianças, o ato de ler em sala, geralmente, é compartilhado entre professores e alunos (78%), ou seja, as leituras são feitas de forma coletiva e individual. Aqui vale ressaltar que essa turma gosta de ler coletivamente e que quase não se tem resistência quando se propõe a leitura de textos em voz alta. Sabe-se que as práticas de leitura na escola contribuem para ampliar as competências leitoras dos alunos, portanto, devem-se promover leituras coletivas, pois a enunciação, em voz alta, induz a caminhos para a interpretação.

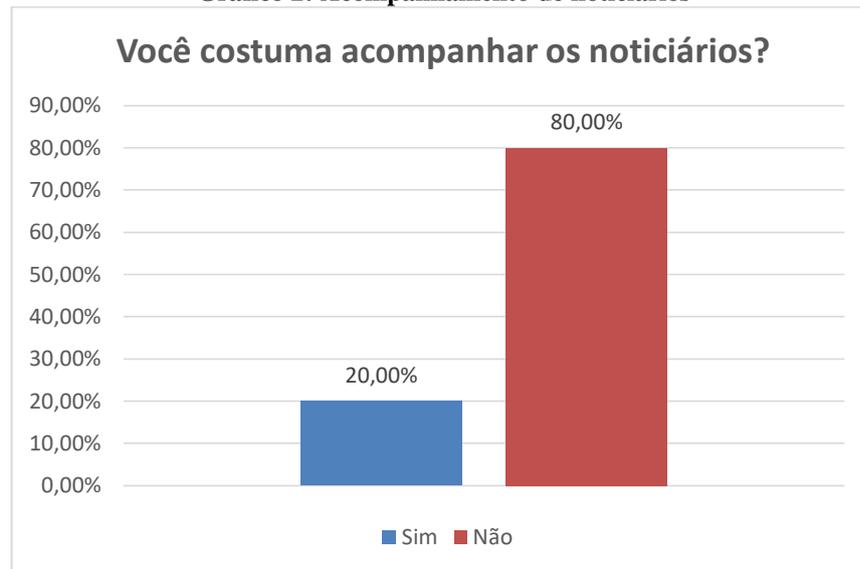
Quando interrogados sobre hábitos de leitura fora do ambiente escolar, boa parte da turma afirma que lê em casa (graf.1) e isso é notável em sala de aula. Leem com fluência de leitura, têm decodificação, mas, quanto ao processo de descodificação (compreensão), apresentam dificuldades em questões de análise, compreensão e interpretação textual.



(SOUSA, 2018)

Considerando que gêneros como as charges e editoriais exigem do leitor um conhecimento sobre fatos e acontecimentos noticiados, questionamos os alunos sobre a regularidade com que acompanham o jornalismo impresso. A maioria, (80%), afirma não acompanhar nenhum noticiário (graf. 2), o que nos faz presumir que isso seja uma das dificuldades de interpretação desses gêneros quando usados em sala, uma vez que, para “entender uma charge, por exemplo, o leitor deve conhecer o texto fundador, isto é, o fato que tornou a charge possível e /ou os textos que constituem o contexto.” (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 246).

Gráfico 2: Acompanhamento de noticiários



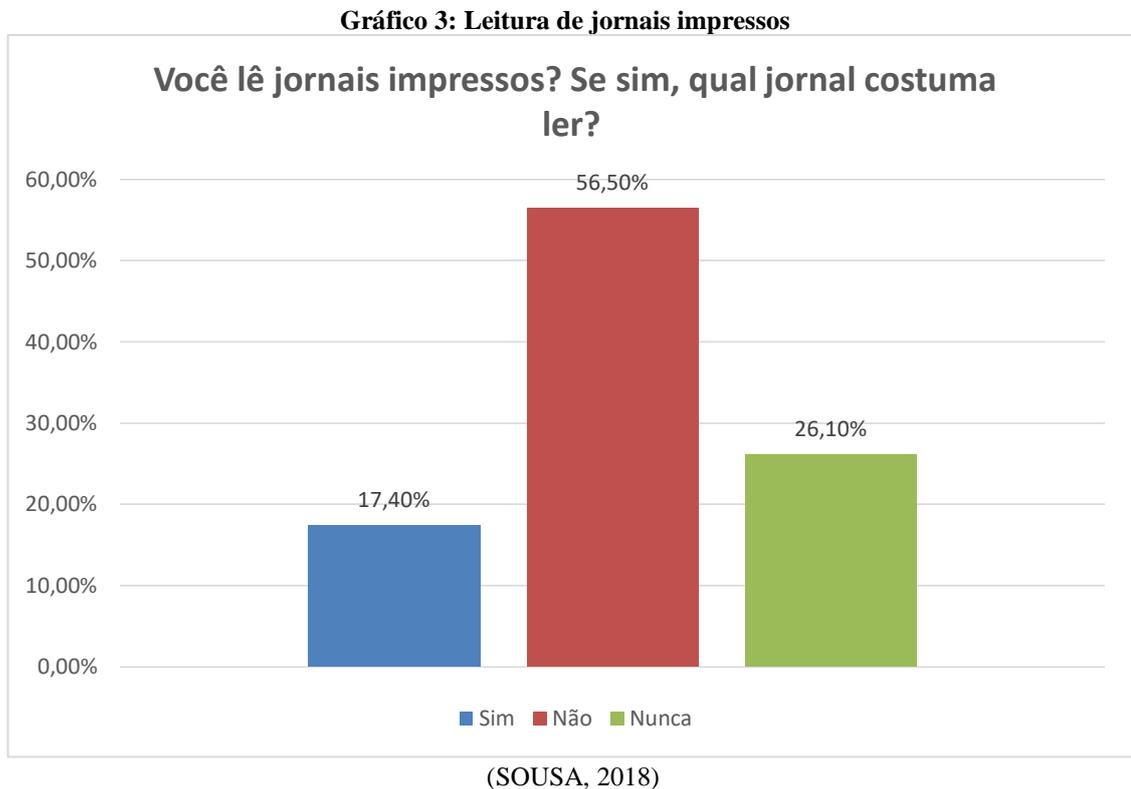
(SOUSA, 2018)

Como visto no gráfico, a turma não mantém o hábito de acompanhar noticiários. Acreditamos que um dos fatores seja a própria faixa etária e o contexto social onde estão inseridos. Na cidade, ainda é costume sentarem-se às portas das casas à noite. Crianças e jovens reúnem-se na praça e por, ser uma cidade com aproximadamente dez mil habitantes<sup>5</sup>, as notícias ainda se propagam individualmente, sem necessidade de emissora de rádio ou TV. Quando a escola precisa fazer um comunicado à sociedade em geral, por exemplo, alugamos um carro de som que em poucos minutos transmite as informações. No entanto, esse dado também nos revela que esse aparente desinteresse compromete a participação ativa e crítica desses jovens em questões políticas, sociais e culturais do próprio município, do estado, bem como da nação.

Quanto à leitura de jornal, interrogamos sobre a regularidade com que acompanham o jornalismo impressos (graf. 3), solicitando que nos informassem quais seriam os jornais caso marcassem sim. Nas respostas obtidas os alunos citavam *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*. O que se percebe é que esses não compreenderam ou não sabem o que é jornal impresso, confundido com telejornais. Na cidade não há jornais impressos, muito menos bancas de revistas. A população costuma acompanhar jornais on-line como *Folha do Bico* e *Conexão Tocantins*. A cidade mais próxima em que se encontra este tipo de jornal fica a 25 KM (Imperatriz/MA) e jornais como *Folha de São Paulo* custam em média 10,00 R\$. Há também

<sup>5</sup> “Censo Populacional 2010”. *Censo Populacional 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 29 de novembro de 2010. Consultado em: 12 jan. 2020.

o jornal *O progresso* que é da cidade e o jornal *O Estado do Maranhão* de valores mais acessíveis.



A falta de acompanhamento dos noticiários impressos ou telejornais aponta para uma das dificuldades encontradas quando aplicamos atividades do campo jornalístico midiático. Sabe-se que muitos textos requerem um conhecimento das questões econômicas, políticas e sociais tanto nacionais quanto internacionais. Sem acesso a informações, o processo de compreensão de alguns textos pode resultar em fracasso. Dada a essa situação, a notícia tornou-se gênero norteador para a elaboração de todas as questões do *Caderno de Atividades*.

Para finalizar nosso questionário, achamos oportuno conhecer quais seriam, na visão dos próprios alunos, suas maiores dificuldades quanto ao entendimento e à compreensão do texto. Para as crianças, essas dificuldades se dão, principalmente, pela falta de entendimento de termos e expressões desconhecidas dentro do texto, além da pontuação, que é vista como um grande obstáculo quando solicitados a lerem em sala (gráf.4).

Gráfico 4: Dificuldades de Leitura



(SOUSA, 2018)

A limitação do repertório lexical, vocabular dos alunos, identificados por eles mesmos, como a maior dificuldade, apontou à necessidade da contextualização dos gêneros textuais utilizados nessa pesquisa, pois “o essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto, preciso, compreender seu significado numa enunciação particular.” (BAKTHIN, 1995, p.93). Após conhecer um pouco sobre o perfil sociocultural dos alunos, elaboramos nosso plano de intervenção caracterizado como pesquisa-ação que apresentaremos no próximo tópico.

### 3.2 Modalidade de pesquisa: uma intervenção pela pesquisa-ação

O nosso trabalho de caráter interventivo foi caracterizado pela pesquisa-ação, visto que as atividades desenvolvidas estão ligadas a nossa prática docente com a finalidade de analisar, aprimorar por meio de ações pedagógicas nossa didática, nossa atuação como docente, buscando encontrar soluções para o aperfeiçoamento das aulas de leitura. Por se tratar de um método cujo foco se concentra entre práticas rotineiras, cotidianas, e o conhecimento acadêmico, tornou-se base para implantar as medidas pedagógicas que fundamentaram nossa pesquisa, pois

[...] a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. (TRIPP, 2005, p. 445).

Ao objetivarmos não apenas ampliar saberes, mas analisar, na prática, os efeitos da aplicabilidade da teoria semiótica ao ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa, utilizamo-la como pressuposto teórico metodológico norteador de nosso trabalho, pois buscávamos encontrar soluções para as dificuldades apresentadas pelos alunos de compreender e interpretar textos multimodais/sincréticos da imprensa, tais como a charge.

A escolha deste tipo de pesquisa emerge da necessidade de implantar, em nossa prática pedagógica, ações capazes de ampliar as competências de leitura de nossos alunos através de exercícios planejados a partir de teorias de leitura que subsidiassem as análises, as negociações de sentidos que surgem com as múltiplas leituras.

Utilizar a pesquisa-ação fez-se necessário, uma vez que esta pesquisa traça etapas pré-estabelecidas para a efetivação de fato na prática. O ciclo da pesquisa-ação, segundo Tripp (2005), inicia-se com um planejamento para, posteriormente, executá-lo e, por fim, deve haver avaliação. Mas para que este caminho seja percorrido, há a necessidade de se fazer um reconhecimento, isto é, um diagnóstico do contexto e das práticas didáticas já existentes, bem como dos participantes que estarão envolvidos conforme exemplifica o autor nas palavras a seguir:

[...] o reconhecimento segue exatamente o mesmo ciclo da pesquisa-ação, planejando como monitorar e avaliar a situação atual, a seguir, interpretando e avaliando os resultados a fim de planejar uma mudança adequada da prática no primeiro ciclo de pesquisa-ação. (TRIPP, 2005, p. 453).

Nessa perspectiva, planejamos atividades diagnósticas para avaliarmos os níveis de leitura dos alunos participantes, elencando suas dificuldades quanto ao processo de compreensão e interpretação de texto. Os resultados obtidos nortearam as novas práticas que foram adotadas e as aulas de leitura foram planejadas a partir dos pressupostos teóricos da semiótica discursiva que vê o texto como uma unidade de análise, resultante da união do plano de conteúdo e de expressão (GREIMAS, 1975), dando todo suporte teórico para efetivação desta pesquisa.

### 3.3 Reconhecimento: análise das atividades diagnósticas

A intensa preocupação em contextualizar textos sincréticos que trazem em sua estrutura múltiplas linguagens aos conteúdos pré-estabelecidos para cada série do ensino básico tem levado o professor de linguagem a ampliar seu universo didático, uma vez que a contemporaneidade o encaminha a conduzir e desenvolver a criticidade do aluno diante de textos que exigem um conhecimento de mundo que perpassa os conhecimentos didáticos transmitidos em sala.

Assim, as aulas de língua portuguesa necessitam ser pautadas em teorias de leitura que venham a caucionar as atividades didáticas que são promovidas em sala de aula. Para tanto, é preciso conduzir o aluno a traçar um percurso gerador de significado capaz de envolvê-lo em uma análise reflexiva, crítica e transformadora de sua prática social.

Para darmos início ao nosso trabalho desenvolvemos duas atividades diagnósticas que, após análise dos dados, deram direcionamento para elaborar nossa proposta interventiva. No primeiro contato com os alunos, foi aplicado o questionário que traçava o perfil da turma (resultado apresentado no tópico perfil da turma), sendo, posteriormente, apresentada a eles uma atividade de leitura e análise de algumas charges, publicadas no Jornal Folha de São Paulo em setembro de 2018.

A aula diagnóstica foi realizada na sala de vídeo da escola, uma vez que os textos foram projetados para que os alunos fizessem uma análise oral, objetivando levantar dados que mostrassem o nível de leitura e análise dos textos. Nesse primeiro momento, deixamos os alunos livres para lerem, expressarem seus posicionamentos, não havendo interferência ou intervenção, apenas ouvimos o que entenderam sobre os textos.

Quando projetada a primeira imagem (figura 3- abaixo exposta), os alunos foram logo fazendo uma leitura coletiva do texto verbal, procurando fazer inferências daquilo que estava escrito na charge. Então, logo tercem comentários do tipo “é analfabeto”, “um é gordo”, “outro é magro”.

A partir de comentários como esses, perguntamos sobre qual tema/assunto tratava a charge. Após análise da fala dos alunos sobre o primeiro texto, observou-se que havia a necessidade de conduzir os alunos a investigar o texto não verbal minuciosamente, uma vez que só após o nosso questionamento, observaram que a diferença mostrada na charge não se resumia unicamente ao analfabetismo, mas estava na condição financeira, figurativizada nos personagens presentes, como também na representação do ambiente no qual se encontram.

A charge inicial dessa aula é de autoria de Jean Galvão (fig. 3). Nela se encontram três quadros, fazendo uma sucessão que compõe a narrativa de dois personagens em diálogo. Na parte superior do primeiro quadro, encontra-se o título, IDH, referente ao Índice de Desenvolvimento Humano. Estaria aí a primeira dificuldade dos alunos, que poderiam não saber do que se tratava a sigla ou não prestarem atenção ao detalhe.

**Figura 3: Charge de Jean Galvão - IDH, Folha de São Paulo em 10/10/2018**



Charge publicada domingo, 16 de setembro de 2018. Disponível em <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/-charges-setembro-2018>. Acesso 10/10/18

Como comentaram as crianças, o primeiro quadro havia um personagem gordo, segurando um celular e lendo em voz alta a informação “Brasil segue extremamente desigual” e outro personagem magro, segurando uma latinha, confirmando a frase lida – “eu sei”.

No segundo quadro, o diálogo entre os personagens continua e o jovem de óculos e celular interroga o outro: “Você também leu esta notícia?”. Na última cena, a imagem torna-se mais ampla e mostra o cenário onde estão os sujeitos. À direita, o rapaz com celular, prédios, uma boa vestimenta. À esquerda, encontra-se o rapaz com uma latinha nas mãos, caracterizado, então, como um trabalhador que vive de reunir objetos para reciclagem, como latinhas, papelão, jornais. Na sua mão direita traz um saco cheio de objetos e mais ao fundo vemos o que seria um carrinho para transporte desse material.

A imagem final, com a frase do jovem à esquerda afirmando “eu não sei ler”, acentua o distanciamento social entre os dois jovens e reitera a informação lida sobre o IDH do país. Nessa cena, notamos que a desigualdade estava enfatizada pelo próprio ambiente e até mesmo pela altura dos personagens. Os alunos compreenderam apenas a questão do analfabetismo, não atentando para o cenário em que se encontravam os personagens.

O segundo texto quando exposto segue a mesma dinâmica: os alunos leem o texto verbal, para depois analisarem as imagens. É interessante notar que fazem logo uma leitura

intertextual com a história infantil de Pinóquio, afirmando ser Pinóquio um dos sujeitos ali apresentados, uma vez que seu nariz era grande. A charge trata de uma reunião entre dois presidentiáveis, concorrentes à eleição de 2018 (fig. 4).

**Figura 4: Charge Presidenciáveis**



Charge publicada segunda-feira, 3 de setembro de 2018 Disponível em <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/-charges-setembro-2018>. Acesso 10/10/18

A leitura desse texto requeria um conhecimento além, esses não notaram, inicialmente, que a charge fazia alusão a um partido conhecido como Tucano (PSDB), viram apenas que os dois personagens eram políticos que procuravam derrubar um pássaro - urubu, mas acertaram em outro, tucano.

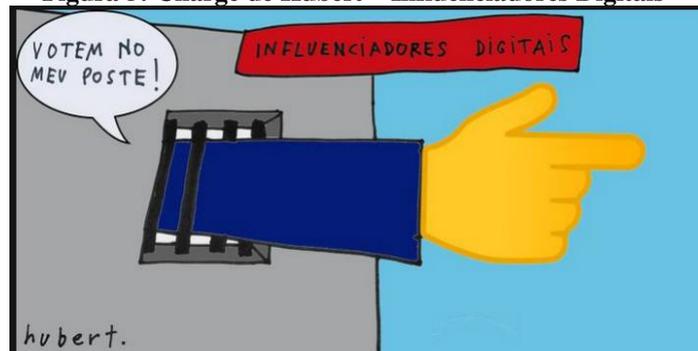
O fato de não identificarem o teor crítico da charge, reafirma a ideia de que este tipo de texto exige um conhecimento de outros textos e saberes, como notícias relacionadas ao campo político e outros fatos ocorridos, noticiados e divulgados amplamente pela mídia. A partir dessa análise notamos que se deveriam criar estratégias específicas para que os alunos produzissem e construíssem um percurso que favorecesse a produção de sentido.

Continuando a programação da aula, projetamos outras charges e atentamos que, diante dos textos que apenas traziam imagens, prevalecia um silêncio na turma. Ficavam olhando e só passavam a descrever as imagens quando eram questionados sobre o que se tratava ou quem estava sendo representado no texto. Quando liam acionavam suas vivências, portanto, as imagens eram associadas com objetos ou situações que faziam parte do universo deles.

Na análise da charge intitulada “Influenciadores digitais” (fig. 5), as crianças passam a fazer a leitura a partir de suas percepções, seus conhecimentos prévios. O texto trazia a imagem de uma mão saindo da janela de uma prisão. Pelas cores da vestimenta da roupa que

cobria o braço, associaram que a mão presente era do personagem do desenho infantil Simpson. A charge apresentava apenas essa mão e um balão indicador de fala com os dizeres “votem no meu poste! ”. Ao lerem a frase, os alunos compreenderam a palavra poste como porte e que as imagens faziam referência ao presidente Bolsonaro que estava pedindo voto e ia liberar o porte de arma e que o termo digital presente no título referia-se a digital das mãos ou a influência nas redes sociais.

**Figura 5: Charge de Hubert – Influenciadores Digitais**



Charge publicada quarta-feira, 19 de setembro de 2018. Disponível em <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/-charges-setembro-2018>. Acesso 10/10/18

As atitudes das crianças diante dos textos mostraram que as leituras feitas refletiam o nível de conhecimento da turma tanto linguístico quanto ideológico. Por se tratarem de charges que exigiam um conhecimento do contexto político, entendemos que, muitas vezes, o silêncio se deu pela falta de contextualização dos fatos que deram origem aos textos, visto que “compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 1995, p. 95). Mas, nesse momento o que buscávamos era verificar o processo cognitivo, as percepções, o sensível de cada aluno.

Nessa fase diagnóstica, notamos que os alunos não identificavam a criticidade dos textos e que não faziam uma leitura detalhada do visual, que esperavam comandos para iniciarem as leituras, fato natural dado à própria complexidade dos textos.

Para ampliar nossa investigação sobre o nível de leitura da turma, aplicamos outra atividade diagnóstica. O exercício com dez questões (sete de múltipla escolha e três discursivas) buscava compreender o processo de compreensão do texto agora individualmente, uma vez que, no exercício anterior feito de forma coletiva, houve algumas crianças que não se pronunciavam por se sentirem envergonhadas diante dos outros colegas. Os textos que embasaram a elaboração das questões abordavam temáticas atuais, voltadas para o cenário político do país.

Para as questões de um a cinco, usamos uma charge que trazia uma sequência de quatro cenas (fig. 6). No primeiro e segundo quadro, um grupo de pessoas discutia sobre alguém que desconfiavam ser fascista, havendo um dos personagens que discordava de tal posicionamento. A terceira imagem apresentava, à esquerda, o grupo e à direita um personagem vestido de terno e gravata que no lugar da cabeça havia um revólver. O grupo questiona se o sujeito realmente era um fascista. O personagem ao negar, diz ser “só um sentimento profundo de frustração”. A última cena traz o grupo e a fala de um componente reafirmando que estava correto quando dizia não ser fascista o senhor de terno e gravata.

Figura 6: Charge de Laerte, publicada por Angelo Rigon



Publicado em 28 de agosto de 2018 às 06h59 por Angelo Rigon. Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/fascismo-por-laerte-coutinho/>. Acesso em 21/11/2018.

Para os alunos, o sujeito questionado tratava-se do presidente Jair Bolsonaro, uma vez que seus discursos feitos em rede nacional defendiam a posse e porte de armas. A imagem da arma sobre o pescoço do personagem fazia remissão ao posicionamento ideológico assumido por esse presidente quanto à liberação de armas. Portanto, a compreensão das questões um e dois deu-se a partir da análise do visual, visto que, a imagem fez referência ao mundo natural.

Quando solicitamos que analisassem as interações entre a linguagem verbal e não verbal, observamos que encontraram dificuldade de compreender o termo fascista. Para os alunos, fascista “seria alguém que tem um sentimento profundo de frustração ou alguém que fala demais”. No questionário havia pistas que possibilitavam a eles depreender que fascista era um político autoritário, centralizado na figura de um ditador, visto que a questão trazia quatro opções assim descritas:

Pela análise do texto verbal e não verbal, que opção definiria melhor o termo fascista?

- Seria fascista toda pessoa que se veste bem.
- Político autoritário, centralizado na figura de um ditador.
- Pessoa que fala demais, por isso o revólver desenhado no lugar do rosto.
- Pessoa com um sentimento profundo de frustração, isto é, deprimida.

Ao serem solicitados que justificassem a opção escolhida, afirmaram que leram com atenção tanto o verbal quanto o visual, tecendo os seguintes comentários:

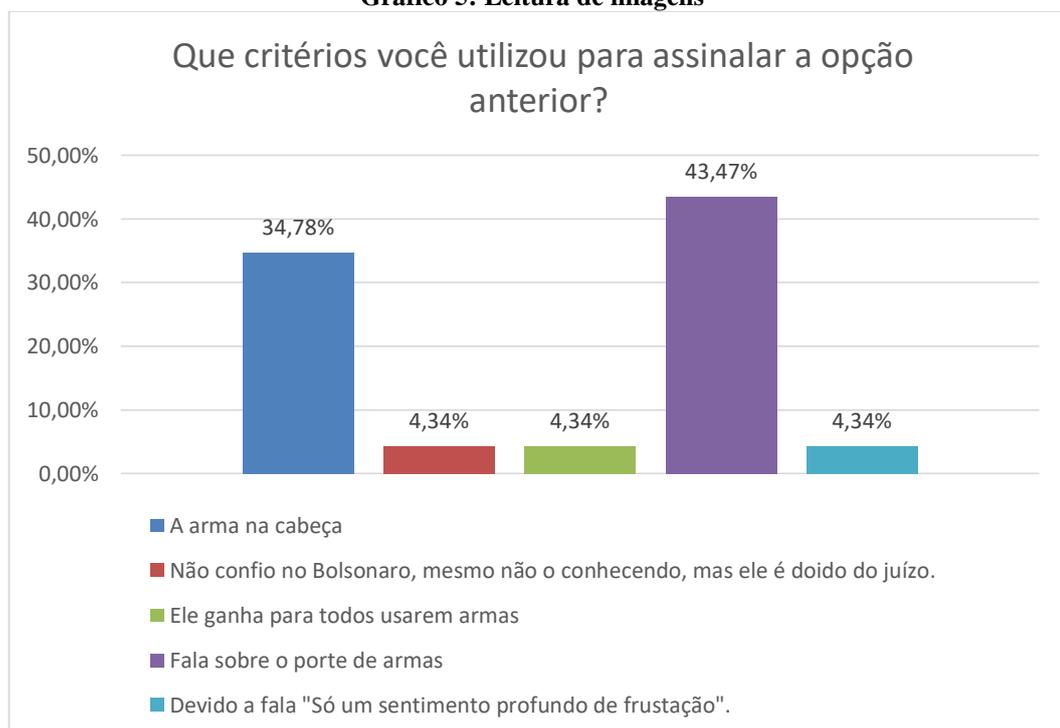
**Sofia:** Pela imagem e o texto que esta logo a cima. Eu li com atenção e o Bolsonaro falou isso na televisão.

**João Manuel:** E porque na charge o politico fala Não é só um sentimento profundo de frustração.

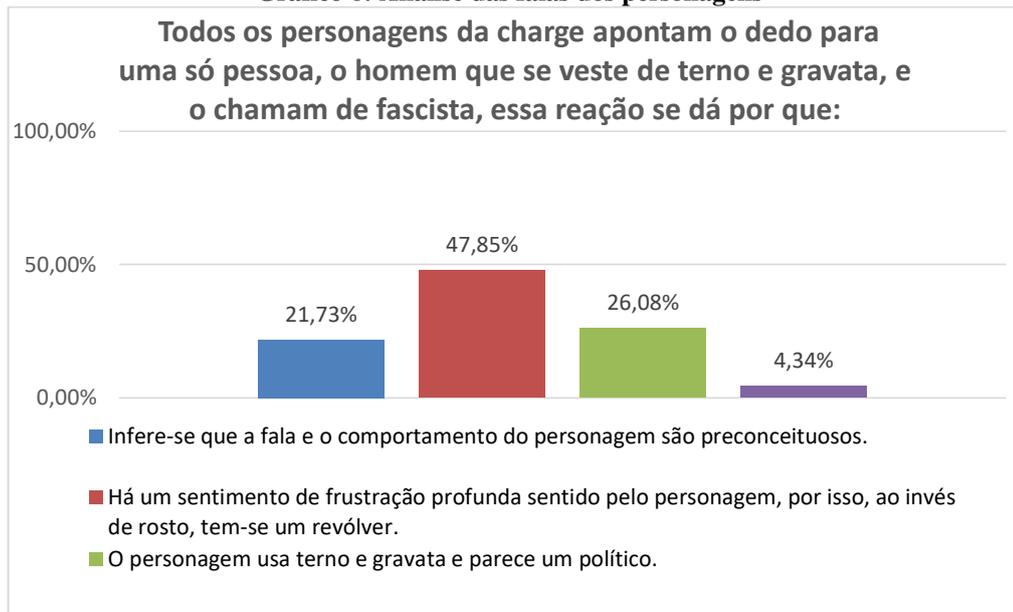
**Alisson:** porque a maioria das pessoas acham que um fascista e uma pessoa que se veste bem.

Os gráficos cinco, seis e sete mostram-nos um demonstrativo das repostas escritas pelos alunos, o que nos fez visível que a leitura dos textos parece ter sido feita de forma superficial quanto ao imagético, pois não avaliaram a integração entre o dito e o visto (fisionomias). As respostas nos apontaram à necessidade de conduzi-los a ler o texto minuciosamente, mostrando a eles caminhos para inferirem sentidos de termos, expressões presentes nos enunciados.

**Gráfico 5: Leitura de imagens**



(SOUSA, 2018)

**Gráfico 6: Análise das falas dos personagens**

(SOUSA, 2018)

**Gráfico 7: Análise de texto verbal e não verbal**

(SOUSA, 2018)

Os gráficos revelam que os alunos não conseguem identificar o teor crítico da charge e o posicionamento do chargista em denunciar que as atitudes, as falas de um dos candidatos à eleição presidencial de 2018 era de alguém com ideologia fascista, existindo ainda pessoas que acreditavam nas desculpas ou falas que representavam o disfarce para esconder as reais intenções do candidato.

As questões em que as charges serviram de texto base, nessa fase diagnóstica, revelaram-nos a necessidade de enfatizarmos um pouco, antes das questões, o jogo sensorial,

alimentando um pouco mais a memória das crianças, desenvolvendo suas percepções, partindo do sensível ao inteligível.

A questão de número seis, também nos fez descobrir a falta de um olhar mais crítico sobre o texto. Essa questão trazia uma fotografia bastante vinculada nas redes sociais no início do ano de 2018. Na imagem havia uma criança ao centro, com as mãos para trás, vestida apenas com um short preto, admirando a queima de fogos. No fundo da imagem pessoas vestidas de branco, cor típica da festa de réveillon, com celulares nas mãos, abraçadas e admirando os fogos.

**Figura 7: Fotografia de Lucas Landay – Réveillon de Copacabana**



Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/01/06>. Acesso em 11/03/2020.

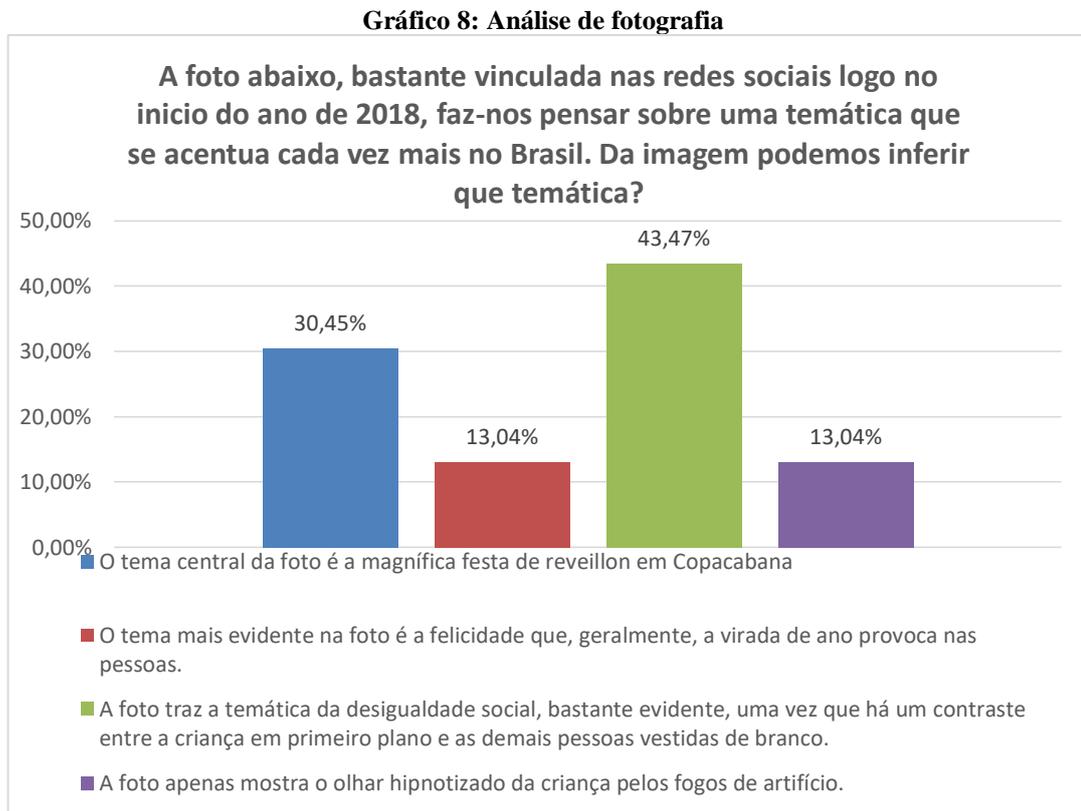
A pergunta sobre a fotografia solicitava que os alunos pensassem em uma temática que se acentua bastante no Brasil. Dávamos quatro opções para serem analisadas e escolhessem apenas uma.

A foto abaixo, bastante vinculada nas redes sociais logo no início do ano de 2018, faz-nos pensar sobre uma temática que se acentua cada vez mais no Brasil. Da imagem podemos inferir que temática?

- a) O tema central da foto é a magnífica festa de réveillon em Copacabana.
- b) O tema mais evidente na foto é a felicidade que geralmente a virada de ano provoca nas pessoas.
- c) A foto traz a temática da desigualdade social, bastante evidente, uma vez que há um contraste entre a criança em primeiro plano e as demais pessoas vestidas de branco.
- d) A foto apenas mostra o olhar hipnotizado da criança pelos fogos de artifício.

O gráfico (graf. 8) mostra-nos que 43,47% identificaram que a imagem retrata a desigualdade social. No entanto, 56,53%, a maioria, não conseguiu notar a temática social, acreditava que a imagem apenas tratava da magnífica festa de réveillon em Copacabana,

enfatizando a felicidade oriunda da virada do ano, mostrando o olhar hipnotizado da criança em destaque ao ver os fogos de artifício.



(SOUSA, 2018)

Ao analisarmos as respostas dos alunos, vimos a necessidade de utilizarmos mais em sala de aula textos compostos da linguagem não verbal, subsidiado pela teoria semiótica que “ênfatiza não mais as relações entre os signos, mas o processo de significação capaz de gerá-los.” (PIETREFORTE, 2017, p. 7). Para tanto, elaboramos um caderno de atividade composto por nove exercícios que foram aplicados a partir do segundo bimestre do ano letivo de 2019. O capítulo quatro irá apresentar os resultados obtidos ao longo das oficinas de leitura e a dinâmica da aplicação das atividades durante as aulas de leitura. Assim, julgamos necessário descrever logo a seguir como foram pensadas as atividades que enfatizaram leituras com sentidos a vida social do aluno.

### **3.4 Unidade didática interventiva: leituras com sentidos a vida social do aluno**

Para compor nossa unidade didática, de caráter interventivo, selecionamos os gêneros notícia, charge e editorial por vincularem na imprensa e exigirem do leitor/aluno um

conhecimento de um contexto mais imediato. As atividades foram elaboradas a partir dos pressupostos teóricos da semiótica didática que tem o texto como objeto de estudo e “se volta para a investigação a respeito do modo como os sujeitos produzem sentidos para os textos e, portanto, tem implicações para uma didática de leitura.” (SILVA, 2017, p. 196). Assim, as questões foram pensadas de forma que houvesse uma negociação de sentidos.

Para aplicação do caderno de atividade, dividimos o trabalho interventivo em três etapas: Notícia/charge, notícia/fotografia, notícia/editorial. Essa divisão se deu a partir do pensamento bakhtiniano sobre dialogismo. Entendemos que todo enunciado constitui-se a partir de outros enunciados, que são réplicas de outros, portanto são sociais.

A charge e o editorial são gêneros que se constituem apoderando-se de outros discursos, dialogando com outras vozes, em especial com o gênero notícia. A proposta do nosso trabalho é que o professor de língua portuguesa venha ministrar sua aula de leitura a partir desse entendimento. Levar uma charge a uma sala de aula, sem fazer um elo entre o contexto que a faz surgir, é caminhar para uma compreensão não responsiva.

Após análise das respostas dos alunos das atividades diagnósticas traçou-se o modelo de questões e textos que serviriam de base para elaboração do caderno atividade. Dessa forma, definimos que iríamos trabalhar a notícia em todas as etapas. Para a BNCC (Brasil, 2018), o aluno deve ter contato com esse gênero e depreender de sua leitura os efeitos de sentidos produzidos pelas escolhas do enunciatador, bem como sua projeção em outros gêneros como a charge.

A escolha de textos jornalísticos em especial os que circulam nos jornais impressos ou on-line parte da heterogeneidade, das múltiplas linguagens que esses gêneros abrangem em sua organização. Esses gêneros são detentores de elementos linguísticos que se unem formando um todo significativo com o objetivo de seduzir o leitor, bem como convencê-los de seus posicionamentos ideológicos. Vale ressaltar, que a própria organização onde ficam dispostos no caderno, contribui para que o plano de conteúdo e expressão se toquem, gerando sentidos ao texto e cumprindo os objetivos que se deseja alcançar. Ademais, a BNCC traz o campo jornalístico-midiático como práticas de linguagem. Para esse campo elenca muitas habilidades que deverão ser aperfeiçoadas nos alunos quando se trabalha gêneros da imprensa, tais como:

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas

em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

(EF07LP01) Distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado.

(EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.

(EF67LP03) Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade.

(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc.

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido (BRASIL, 2018).

Essas habilidades foram utilizadas para nortear nossos planos de aula, sendo elaborado um para cada etapa. Portanto, as atividades centradas na leitura buscaram produzir sentidos a vida social do aluno, situando-os como cidadão participativo na sociedade por meio de suas leituras.

Para etapa Notícia/charge, elaboramos quatro atividades com charges e notícias retiradas do Jornal Folha de São Paulo que foram publicadas entre janeiro e fevereiro de 2019. Antes da aplicação, líamos e fazíamos a exposição da notícia e do contexto imediato que foram referências para o chargista. Após análise coletiva dos fatos noticiados, era pedido que os alunos registrassem suas observações e entendimento do texto no *Caderno de Atividade*.

<p>PLANO DE AULA I</p> <p><b>DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE ARAGUATINS.</b></p> <p><b>UNIDADE DE ENSINO:</b> Colégio Marechal Ribas Júnior.</p> <p><b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> Língua Portuguesa</p> <p><b>DOCENTE:</b> Ellyzandrea Alves de Sousa</p> <p><b>PERÍODO:</b> JUNHO/2019 – 5 aulas</p>
<p><b>EIXO:</b> LEITURA</p> <p><b>CAMPO:</b> Campo jornalístico/ midiático</p> <p><b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM:</b></p> <p><b>CONTEÚDO:</b></p> <p>➤ Charge e Notícia</p>

**OBJETOS DE CONHECIMENTO:**

- Relação do verbal com outras semioses
- Efeitos de sentido a partir da seleção lexicais e de recursos estilísticos
- Estratégia de leitura: apreender os sentidos globais do texto.
- Exploração da multissemiose.
- Estratégias e procedimentos de leitura
- Figurativização e iconicidade na construção do sentido do texto
- Relação entre textos

**HABILIDADES:**

- **(EF69LP03)** Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem em entrevistas, os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, crítica, ironia ou humor presente.
- **EF67LP08)** Identificar os efeitos de sentido causados pela escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, fotodenúncias, memes, gifs, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, sites na internet etc..
- **(EF69LP05)** Inferir e justificar, em textos multissemióticos (tirinhas, charges, memes, gifs etc.), o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc.

**MATERIAIS NECESSÁRIOS:**

- Textos retirados de noticiários nacionais (charge, notícia).
- Slides
- Data show
- Caderno de atividade.
- Caderno jornalístico da Folha de São Paulo e o Jornal O Progresso

**METODOLOGIA APLICADA:**

A etapa notícia/charge ocorrerá em dois momentos para cada atividade.

➤ **1º Momento:** Leitura e análises coletivas /Atividade oral

Para iniciar a etapa notícia/ charge, será feita projeção de uma notícia retirada de jornais e sites de circulação nacional. Os próprios alunos farão a leitura e depois serão feitas perguntas norteadoras, abrindo possibilidades para as múltiplas leituras em sala, enfatizando as escolhas lexicais, as abordagens temáticas de cada veículo de comunicação.

Posteriormente, far-se-á projeção de charges que emergiram do contexto noticiado.

Para esse momento, seguiremos os seguintes passos:

- Informar que a charge é um texto mais figurativizado do que tematizado.
- Analisar a imagem de forma minuciosa.
- Construir uma negociação de sentido coletivamente.

**ROTEIRO DE PERGUNTAS NORTEADORAS**

1. Analise minuciosamente os elementos que compõem cada charge.
2. Geralmente, a charge exige do leitor um conhecimento a respeito do contexto mais imediato e dos discursos que povoam o cenário nacional. Observe a charge e comente quais discursos e contextos estão projetados na nela.
3. Sabe-se que há uma interação entre o verbal e visual, isto é, uma ligação de dependência. Que temas podem ser extraídos da charge? Comente cada tema apontado.

➤ **2º Momento:** Leitura e análise individual.

Será entregue o caderno atividade para os registros individuais de cada aluno.

**AVALIAÇÃO:**

Será observada a participação, interação nas análises coletivas e individuais.

Transcorrida essa etapa, passamos para a etapa Notícia/fotografia. Para esse novo momento, desenvolvemos duas atividades com fotografias, sempre associadas à notícia. O que pretendíamos com estas atividades era que o aluno analisasse as imagens e as compreendessem como recurso utilizado pelo jornal para trazer um efeito de verdade e fidelidade com os fatos narrados, já que

[...] no jornal, a publicação da foto é também uma estratégia de argumentação fundamental, pois funciona [...] como uma espécie de persuasão veridictória, uma garantia de fidelidade a um certo mundo real,

concreto, dado. [A fotografia] é tomada, por quem observa, como documento, expressão de realidade, verdade, portanto. (TEIXEIRA, 2001, p. 416).

A fotografia, quando acompanha a notícia, sincretiza o texto, visto que “junto com o relato verbal da notícia são partes de um todo que só significa pelas relações particulares que as diferentes linguagens estabelecem entre si.” (GOMES, 2005, p. 01). Assim, as linguagens se integram, completam-se, formando um todo de sentido. É por meio da imagem que os fatos passam a ser materializados e ela serve como mais um recurso jornalístico para persuadir os leitores sobre os posicionamentos apresentados. Seguimos, então, a programação disposta no plano de aula a seguir:

<p>PLANO DE AULA II</p> <p><b>DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE ARAGUATINS.</b>  <b>UNIDADE DE ENSINO:</b> Colégio Marechal Ribas Júnior.  <b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> Língua Portuguesa  <b>DOCENTE:</b> Ellyzandreia Alves de Sousa  <b>Período :</b> Agosto/2019  <b>QUANTIDADES DE AULAS PREVISTAS:</b> 2 AULAS</p>
<p><b>EIXO:</b> LEITURA</p> <p><b>CAMPO:</b> Campo jornalístico/ midiático</p> <p><b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM:</b></p> <p><b>CONTEÚDO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Notícia e fotografia</li> </ul> <p><b>OBJETOS DE CONHECIMENTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Figurativização e iconicidade na construção do sentido do texto</li> <li>➤ Relação entre textos (verbal e imagético).</li> <li>➤ Relação do verbal com outras semioses.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>(EF67LP08)</b> Identificar os efeitos de sentido causados pela escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, fotodenúncias, memes, gifs, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, sites na internet etc.</li> <li>➤ <b>(EF07LP02)</b> Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de</li> </ul>

(re) elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.

#### **MATERIAS NECESSÁRIOS:**

- Textos retirados de noticiários nacionais (fotografia, notícia).
- Slides
- Data show
- Caderno de atividade. Internet para consulta do site do Jornal Folha de São Paulo e G1.
- Caderno jornalístico (Folha de São Paulo e O Progresso).

#### **METODOLOGIA APLICADA:**

- Fazer análises de notícias e fotografias, apontando a (não) neutralidade do jornal.
- Projetar imagem de sites e jornais on-line, para que os alunos reconheçam diferenças e semelhanças na diagramação e na busca para produzir efeitos de sentidos.
- Formar grupos, entregar dois modelos de jornais (Folha de São Paulo e O Progresso), solicitando que os alunos façam um levantamento das imagens e informações que chamam mais atenção, atentando para o verbal e o visual e sua distribuição na página do jornal (ação para aula inicial).
- Trabalhar a fotografia, enfatizando sua importância para o todo jornalístico. Relacionando a fotografia com a notícia da capa.
- Analisar a perspectiva do enunciador a partir das escolhas lexicais, tempos verbais, etc.

#### **ROTEIRO DE PERGUNTAS NORTEADORAS**

1. Faça uma descrição detalhada da imagem (arranjos de cores e formas, sua presença solitária e imperiosa na página, linhas...)
2. Comente qual é a perspectiva ideológica assumida pelo enunciador.

#### **AVALIAÇÃO:**

Será observada a participação, interação nas análises coletivas e individuais.

Na terceira etapa, Notícia/editorial, três atividades foram aplicadas. Nessa etapa enfocamos as escolhas lexicais, recursos persuasivos, argumentação e posicionamento do jornalista, enfatizando que o editorial fica disposto no jornal na sessão Opinião, portanto, traz a posição do veículo de comunicação onde é publicado. O que objetivávamos era destacar os

efeitos de sentidos produzidos a partir das escolhas do enunciador, bem como “as marcas referentes à primeira pessoa, *eu-aqui-agora*, construindo efeito de proximidade, simulando a subjetividade ou marcas da terceira pessoa, *ele-lá-então*, elaborando-se o efeito de distanciamento, simulando a objetividade.” (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 248).

<p>PLANO DE AULA III</p> <p><b>DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE ARAGUATINS.</b>  <b>UNIDADE DE ENSINO:</b> Colégio Marechal Ribas Júnior.  <b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> Língua Portuguesa  <b>DOCENTE:</b> Ellyzandraia Alves de Sousa  <b>Período:</b> setembro/2019  <b>QUANTIDADES DE AULAS PREVISTAS:</b> 3 AULAS</p>
<p><b>CONTEÚDO:</b> Editorial e Notícia</p> <p><b>OBJETOS DE CONHECIMENTO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Efeitos de sentido a partir da seleção lexicais e de recursos estilísticos</li> <li>➤ Estratégia de leitura: identificação de teses e argumentos.</li> <li>➤ Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos</li> </ul>
<p><b>HABILIDADES:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>(EF67LP05)</b> Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e argumentos em textos argumentativos (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), manifestando concordância ou discordância.</li> <li>➤ <b>(EF67LP06)</b> Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos, seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc.</li> <li>➤ <b>(EF67LP07)</b> Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e compreender seus efeitos de sentido.</li> <li>➤ <b>(EF07LP01)</b> Distinguir diferentes propostas editoriais (sensacionalismo, jornalismo investigativo etc.), de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado.</li> </ul>
<p><b>MATERIAS NECESSÁRIOS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Textos retirados de noticiários nacionais (notícia/ editorial).</li> </ul>

- Slides
- Data show
- Caderno de atividade.

Caderno jornalístico da Folha de São Paulo e o Jornal O Progresso

#### **METODOLOGIA APLICADA:**

- Levar para sala textos extraídos do Jornal Folha de São Paulo – sessão ‘O que pensa a Folha’.
- Levantar informações e argumentos construídos que apontem o posicionamento do enunciador.
- Mostrar as características do gênero e estudar os elementos que o constituem (argumentos, tese defendida, posicionamento através das escolhas lexicais tais como os verbos de elocuições).
- Atividades de análise coletiva e individual.

#### **AVALIAÇÃO:**

Será observada a participação, interação nas análises coletivas e individuais.

Para a aplicação da pesquisa, organizamos as atividades em uma apostila, que foi distribuída aos alunos, servindo como um recurso didático para enriquecimento das aulas de leitura, compreensão e interpretação de texto da Unidade de Ensino.

Para iniciar a primeira etapa, levamos dois exemplares de caderno jornalístico para sala de aula. Esse momento foi muito prazeroso, pois havia alunos que nunca tinham visto um jornal impresso, então folhavam e liam com curiosidade mesmo antes de serem passadas as orientações sobre o trabalho que deveriam fazer.

Dividimos a turma em quatro grupos. Cada grupo recebia um caderno jornalístico e registravam suas impressões sobre ele. Logo após, o grupo recebia outro caderno, traçando comparações entre os dois – Folha de São Paulo e O progresso –, jornal que circula na cidade de Imperatriz /MA.

Nosso objetivo, nessa atividade, era possibilitar ao aluno ter contato com um jornal impresso e suscitar uma análise crítica como propõe as pesquisadoras Lúcia Teixeira, Karla Faria e Silva Sousa (2014), como expressam no enunciado destacado abaixo:

Analisar e interpretar o gênero capa de jornal na sala de aula é uma atividade que estimula a capacidade crítica dos alunos, se puderem perceber os efeitos

das escolhas feitas pelo jornal. Funcionando como uma espécie de “vitrine” da edição do dia, a capa atrai a atenção dos leitores e tem por função convencê-los a comprar o jornal e ler suas páginas. (TEIXEIRA; FARIA; SOUSA, 2014, p. 329).

Portanto, nesse primeiro contato, analisamos as diferenças entre o jornal local e um jornal de circulação nacional, como organizam a diagramação do caderno jornalístico e o perfil das notícias que escolhem para compor a capa, possibilitando, assim, aos alunos ampliar seu repertório quanto ao reconhecimento de textos multimodais/sincréticos da imprensa.

## 4 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

*Não há saberes mais ou saberes menos:  
Há saberes diferentes.*

Paulo Freire

A frase inicial de Paulo Freire (1987, p. 68) antecipa um pouco as discussões que apresentamos neste capítulo e revela o lugar de aplicação das atividades: o ambiente de sala de aula, na qual atuamos como docente e que elegemos como campo para o projeto de pesquisa-ação. É nesse ambiente, com diferentes saberes, composto por adolescentes de diferentes culturas, crenças, ideologias que se procura formar leitores cidadãos. Paulo Freire (1987) nos faz sensíveis aos múltiplos conhecimentos que nossos alunos têm e que esses saberes não podem ser classificados em termos de mais ou de menos. Para o mestre, há saberes.

A partir de Freire (1987), pensamos que todo ensino deve se orientar pela perspectiva do respeito à alteridade, vendo na heterogeneidade razões de riqueza para construções conjuntas. Assim, ao longo de nossa pesquisa, passamos a olhar nossos alunos de forma a valorizar seus modos de ler e interpretar os textos e o mundo, considerando os posicionamentos suscitados pelas atividades em torno da leitura.

A análise dos dados da pesquisa busca, então, compreender o modo como se produziram sentidos no processo de leitura de textos referentes a gêneros que circulam na esfera jornalística. A proposta de nosso trabalho, simultaneamente, é engajar os alunos no esforço de produção de sentido na tensão entre o que é propriamente textual e o que demanda saberes externos, contextuais, e valorizar, compartilhar e negociar diferentes perspectivas de compreensão. Em um contexto de leitura, como o que proporcionamos aos nossos alunos, devemos considerar que

[...] diante das peculiaridades de ser desse sujeito, de seu modo de interagir com os outros, com os textos, com o mundo, pela sua história de vida e de formação, pelos seus interesses de leitura, etc., há que se concluir que coexistem diferentes possibilidades de produção de sentido. Disso resulta que, em vez de fechamento, a aula de leitura pode apontar para a abertura de sentidos, para partilhas, para a multiplicidade de pontos de vista. (SILVA, 2017, p. 210).

Nessa perspectiva, buscamos realizar este trabalho, considerando os alunos como sujeitos detentores de diferentes saberes que cooperam para a leitura dos textos e do mundo, não como depositários de sentidos já dados ou meros decodificadores de um sentido unívoco.

Compreendemos, ainda, que desenvolver um projeto de leitura num momento bastante peculiar da nossa história se faz, também, uma forma de resistência necessária, pois é preciso, efetivamente, compromisso com o outro, é urgente marcar a rejeição à deturpação e à falácia, é indispensável considerar as implicações ideológicas do dizer, porque se tratam de saberes e competências que jamais podem ser subtraídos, ainda que silenciados pelo uso da força, porque são exigências de uma sociedade democrática.

A aplicação das atividades iniciou-se em maio de 2019. No primeiro momento, esclarecemos os alunos acerca do projeto que iríamos desenvolver, os objetivos pretendidos e o modo como aconteceriam as aulas. Na aula inicial referente ao projeto, entregamos os cadernos de atividade e distribuimos uma folha na qual registrariam pseudônimos com os quais gostariam de ser citados nos registros da pesquisa. São esses pseudônimos aqui considerados.

Neste capítulo, portanto, apresentamos os resultados desta pesquisa-ação de caráter interventivo, expondo nossa análise das atividades desenvolvidas em uma turma do 7º ano do ensino fundamental.

#### **4.1 Análise das atividades etapa notícia/charge**

Nas atividades da etapa notícia/charge, procuramos levar os alunos a compreender os processos relativos ao sincretismo entre o visual e o verbal, tanto nos gêneros notícia quanto no gênero charge.

Partimos do pressuposto de que, na maioria das vezes, dado a expressa referência a um acontecimento inscrito na “ordem do dia”, sua leitura requer um conhecimento prévio das temáticas ali abordadas, por isso, todas as atividades traziam a notícia que foram fonte de inspiração para o chargista. Conforme Lopes e Hernandez, “para entender uma charge, o leitor deve conhecer o texto fundador, isto é, o fato que tornou a charge possível e/ou os textos que constituem o contexto.” (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 246). Para essa primeira etapa, elaboramos quatro atividades que foram trabalhadas durante o mês e junho de 2019.

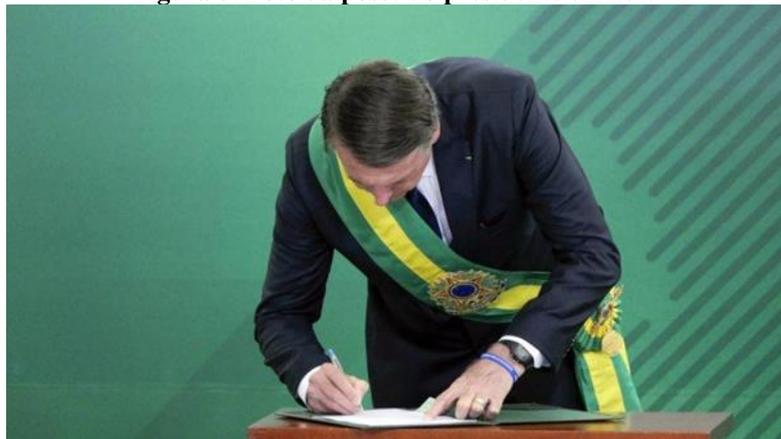
A primeira atividade interventiva trazia a notícia sobre a posse do atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. As três primeiras perguntas da atividade faziam referência

apenas à notícia, pois queríamos conduzir os alunos a conhecerem os fatos e acontecimentos que serviram de base para criação da charge.

A notícia retirada do jornal “O Globo” tinha a seguinte manchete: “Ao assinar termo de posse, Bolsonaro opta por caneta popular e gera debate nas redes”. Atrélada ao texto, a fotografia servia de comprovação da veracidade dos fatos ali narrados. Assim, tem-se a imagem do então presidente, assinando o termo de posse com a faixa presidencial. Curvado para a assinatura, vestido de terno preto e com a faixa presidencial, o presidente se mostra de posse da caneta BIC, como um pretensu gesto de mostrar humildade e identidade com seus eleitores, advindos das classes populares.

Colocado em posição central na foto, o gesto de curvar-se acentua ainda mais o efeito da submissão aos deveres do cargo. À pompa do momento se contrapõe, portanto, a simplicidade do objeto que marca a posse. Com o fundo verde, repetindo a cor das duas linhas externas da faixa presidencial, assim como a cor predominante na bandeira brasileira, a foto tematiza a nacionalidade, sob a perspectiva intensamente mobilizada pelo partido que o elegeu (PSL) e que inundaria as ruas com verde-amarelo.

**Figura 8: Foto da posse do presidente em 2019**



O presidente Jair Bolsonaro usa caneta popular para assinar termo de posse Foto: Roque de Sá/Agência Senado Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/ao-assinar-termo-de-posse-bolsonaro-opta-por-caneta-popular-gera-debate-nas-redes-23341546>. Acesso em: 02 fev. 2019.

Lida a notícia, os alunos deveriam falar a respeito da caneta escolhida para assinatura dos documentos e que nos dissessem por que essa opção teria gerado debate nas redes sociais. Deveriam, ainda, inferir a respeito de quais seriam as intenções do presidente com aquele gesto, conforme as perguntas do *Caderno de Atividades* (SOUSA, 2019, p7):

Por que, na sua opinião, o jornal, ao noticiar a posse do presidente, faz menção ao uso da caneta escolhida para assinatura dos documentos da posse?

Por que, a seu ver, isso geraria debate nas redes sociais?

Que intenções você atribui ao gesto do presidente?

Em suas repostas, os alunos afirmam que o jornal noticia o fato porque não houve outro presidente que usasse uma caneta popular e que tal gesto era “inovador”. Nas análises das respostas, verificamos que foram feitas comparações com valores de canetas usadas por outros presidentes, o que nos fez notar que os alunos tinham lido ou visto os debates nas redes sociais. Ao lerem a notícia, imediatamente comentaram que tinham acompanhado de perto o assunto, que, naquele momento, teve grande repercussão na mídia. A seguir, selecionamos algumas das respostas produzidas pelos alunos:

**Alice:** Por que nas posses anteriores os presidentes nunca tinham usado uma caneta popular, por isso gerou várias polêmicas, críticas e comparações com os presidentes anteriores a ele.

**Sofia:** Acho que é porque o lula usavam caneta diferente a caneta que ele usavam era diferente era mais cara mais bonita e a caneta do jair bosonaro é comum e a mesma que todo mundo usa e a que todo mundo usa é mais barata e simples.

**X1:** Ele assina com extrema tranquilidade mas ta com cara de quem só vai apiorar o Brasil”

**João Manuel:** uma caneta popular. O Bolsonaro está meio regular, por que essa atitude não me convence.

Notamos que não apenas leem a notícia e se reportam diretamente ao que o texto diz como, também, vão construindo seus posicionamentos, tecendo juízos de valor sobre o que é dito, ora defendendo o gesto do presidente, ora desconfiando dele. Entram em cena, portanto, as filiações ideológicas dos alunos, sujeitos de um momento histórico do país em que a população se mostrou bastante dividido com a eleição presidencial.

Não se trata, pois, de apenas ler, mas, também, de opinar, fazer antecipações, considerando seu ponto de vista sobre a realidade. Não há dificuldades quanto à compreensão e o gesto de interpretação pressupõe um engajamento para além da decodificação: o que imediatamente o texto diz. A opção por essa notícia se deu para que servisse de subsídio para a leitura da charge, posteriormente.

Após a leitura e exploração da notícia, passamos a analisar duas charges sobre a mesma temática. A primeira charge trazia as imagens de uma marreta, um cassetete, o presidente segurando uma caneta e um casal com fisionomias assustadas. Os objetos ali figurativizados são compreendidos por nós como símbolos: “estruturas interpretáveis com

grandezas isomorfas à interpretação, são portadores de um sentido de conteúdo, são refratários a uma análise em figuras.” (TEIXEIRA, 2001, p.3).

Guiaram a análise da charge (Fig. 9) as seguintes questões, apresentadas no *Caderno de Atividades* (SOUSA, 2019, p8):

A charge acima faz referência à caneta popular usada no dia da posse do atual presidente da República. Além da caneta, há outros objetos que têm vez e voz. Para você, o que representaria cada elemento (caneta, porrete e marreta) no contexto da charge?

Descreva os semblantes do presidente e dos dois personagens presentes na charge à direita. O que essa representação traz de informações sobre a questão?

A escolha dos ícones (porrete, marreta, caneta) e o semblante dos dois personagens da charge revelam o posicionamento do chargista em relação a atitudes futuras do presidente? Comente sua resposta.

Na primeira questão, indicamos que a charge retomava, como na notícia, a posse do presidente. Solicitamos que prestassem atenção para os objetos ali figurativizados e atentassem para aquilo que representavam, a partir das vozes atribuídas a esses elementos.

Na segunda, deveriam focar-se na figurativização do presidente e do casal, estabelecendo interpretações para esse modo de caracterização.

Na terceira, deveriam inferir a respeito da perspectiva ideológica assumida pelo enunciador da charge.

Objetivávamos que compreendessem que o modo de figurativização implica assumir uma filiação ideológica, mais evidente nas charges do que nas notícias que, por estratégias enunciativas diversas, podem mascarar a parcialidade, produzindo efeito de “neutralidade”.

**Figura 9: Charge de Xandro Silva**



Disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com/2018/12/charge-n68494.html>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Como é inerente ao gênero, o tom crítico da charge resulta da relação entre verbal e não verbal. A caricatura do presidente acentua traços disfóricos na representação de um semblante ameaçador, olhos esbugalhados, sorriso ostensivo, segurando uma caneta enquanto se dirige aos eleitores de olhos assustados e de braços estendidos junto ao corpo em sinal de impotência e medo. A ameaça se evidencia ainda pelo recurso ao discurso direto atribuído ao personagem caneta: “Eu? Bem, eu sou a caneta Bic. Só posso te dizer. Me aguarde. ” Às costas da figura do presidente, reconhecível como tal pela iconicidade da representação, dada a exaustividade dos recursos da figurativização, encontram-se dois objetos que, diferentemente da caneta, acham-se soltos sobre o fundo branco, em proporções agigantadas frente a das figuras humanas presentes na cena. Tanto a marreta quanto o cassetete são ali personificados, na medida em que lhe são também atribuídas falas de ameaça: “Eu sou a marreta. Vou cuidar dos seus direitos adquiridos”; “Eu sou o porrete. Vou cuidar das suas possíveis insatisfações”.

Há, na charge, uma crítica que se estabelece entre o plano da cena do emprego da caneta Bic e o efeito pretendido no gesto de identificação com as classes populares (relativo ao nível das aparências) e o que seriam as intenções ocultas, manifestas pelos objetos personificados (nível das essências). Na charge de Xandro Silva (2019), os sentidos denunciam o simulacro, tomando o enunciador a posição de quem denuncia intenções futuras do gestor.

Para as crianças, os objetos tomados como símbolos presentes na charge representam respectivamente o juiz (marreta), a polícia (cassetete) e as leis (caneta) que serão assinadas pelo presidente. Os semblantes do casal demonstram medo, estão assustados em virtude da expressão facial do presidente de ameaça. Vejamos, abaixo, como alguns dos alunos se expressaram frente à charge:

**John:** O porrete representa os policiais que usam métodos violentos para conter protestos feitos pela população. A marreta para decidir vários decretos políticos. E a caneta bic representa os documentos assinados pelos políticos para decisões importantes.

**Alice:** O semblante do Bolsonaro é de uma pessoa mau, ruim. O casal parece com medo, amedrontado.

As crianças, ao lerem a charge, identificaram, imediatamente, as figuras representadas iconicamente como “armas” que serão utilizadas contra a população, depreendendo o teor da crítica de Xandro Silva. Segundo Bakhtin (1995, p. 32), “um instrumento ideológico pode ser

convertido em signo ideológico. Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”.

Assim, para os alunos, os elementos não verbais foram utilizados para enfatizar uma perspectiva política assumida pelo enunciador, o chargista, como podemos verificar em suas expressões mencionadas a seguir:

**Iza:** coloca vários objetos de violência e coloca um casal assustado, buscando mostrar o fracasso do governo.

**Davi:** quando diz “me aguarde” a fala do presidente está direcionada ao povo.

**Ane:** o presidente será uma ameaça ao Brasil e trará ditadura militar.

Notamos que os alunos conseguem identificar o teor irônico da charge e as intencionalidades do chargista. Ane, no caso, se antecipa com indicações de quem traz saberes de natureza política apreendidos certamente no seu convívio familiar. No seu comentário, diz algo que não está diretamente expresso na charge: a ameaça de uma ditadura militar. O aluno Davi, ao analisar a fala da caneta, compreende que o texto é direcionado ao povo e o casal, portanto, representaria toda nação. Iza, Davi e Ane mostram que suas leituras se fazem não apenas no reconhecimento dos elementos figurativos, mas que apontam para leituras do real: o fracasso do governo, a ameaça a toda a nação personificada na charge no casal impotente, a violência implicada por uma ditadura.

Ainda tendo como mesmo pano de fundo o acontecimento da posse presidencial, propusemos a leitura de outra charge, de Genildo Ronchi (2019). Nela (Fig. 10), encontra-se a figura do presidente, segurando uma caneta azul, dizendo “Não é Bic! É Kilométrica \*!”. O asterisco marcado no discurso direto serve para esclarecer ao enunciatário leitor a implicação da substituição de uma marca por outra.

Antecipando-se a uma possível incompreensão sobre a referência à Kilométrica, o enunciador explica como nota: “Dá para apagar”. Nesse texto, verificamos a intenção do chargista em ironizar as discussões que surgiram nas redes sociais com a marca da caneta, tal como se dera com a charge de Xandro Silva.

**Figura 10: charge de Genildo Ronchi, publicada em 10.01.2019**



Disponível em: <https://www.humorpolitico.com.br/tag/bic/> Acesso em: 20/04/2019.

Para a semiótica, uma análise deve partir da descrição minuciosa dos elementos presentes no texto. Portanto, as questões levantadas nas análises de cada charge iriam conduzir os alunos a lerem os textos a partir de um percurso traçado que se inicia com a descrição, a fim de que aprendessem a observar como os vários elementos da cena concorrem para a produção de determinados efeitos de sentido.

Assim, nas atividades, os alunos deveriam observar esses elementos e descrevê-los, conforme as indicações no *Caderno de Atividades* (SOUSA, 2019). Nesse momento, notamos que alguns, além de descrever, já se posicionam, antecipando interpretações.

**Alice:** presidente Jair Bolsonaro segurando a caneta que assinou sua carta de posse igual segurando uma arma.

**Sofia:** Eu entendi que ele tá feliz porque a caneta não é Bic é Kilométrica porque dá para apagar o que ele escreve então isso quer dizer que e ele promete uma coisa e escreve o que ele promete ele pode apagar a promessa e não cumprir a promessa.

As respostas dos alunos revelam que eles compreenderam a intencionalidade da charge e se posicionam, construindo seus textos a partir da compreensão e da construção de inferências, possíveis pelos saberes advindos de sua condição de sujeitos históricos atentos aos discursos e ao contexto social. Conforme Fiorin (2006, p. 1), isso se dá porque “toda compreensão é tributária de outras compreensões”.

Alice, por exemplo, consegue relacionar a posição das mãos na figurativização do presidente ao gesto multiplicado por ele ainda em campanha de acenar com gestos das mãos como quem aponta armas. Para o então candidato, a liberação das armas foi amplamente usada como proposta a ser implantada, tendo em vista o que, para ele e seu partido,

implicariam em uma política de combate à violência (cada um poderia ter como se defender, já que disporia de armas para isso).

A solicitação de atenção aos detalhes da cena figurativizada possibilitou, portanto, essa relação entre segurar a caneta e apontar uma arma. Para Sofia, a substituição de uma Bic por uma Kilométrica resultaria no não cumprimento de promessas, apontando, portanto, para a capacidade de abstração demandada pela leitura.

A atividade inicial, portanto, possibilitou aos alunos o trato com nosso objeto de estudo desta etapa. As análises escritas iniciavam oralmente, com leitura coletiva e debates sobre os temas inseridos nos textos.

Abordando temáticas diferentes, as demais atividades buscavam, à luz da teoria semiótica, contribuir para que compreendessem os gestos específicos que implicam a leitura dos diferentes gêneros, considerando tanto suas regularidades quanto a singularidade da enunciação.

Nessa direção, selecionamos mais três charges, retiradas do jornal “Folha de São Paulo”. Nas questões que demandavam descrição de imagens, explorou-se o sensível, visto que, quando se trata de leitura, há primeiro o trabalho com a sensibilização para, depois, ocorrer a interpretação. Sem essa apreensão de natureza sensível, pode haver um desrespeito a uma ética da leitura (LANDOWSKI, 2001).

Assim, a orientação dada aos alunos foi para que iniciassem suas leituras a partir da descrição minuciosa das charges. Vale ressaltar que esse exercício teve que ser, várias vezes, reforçado e exemplificado, uma vez que eles, muitas vezes, não descreviam, apenas comentavam, superficialmente, as imagens.

Ao final dessa etapa, notamos os progressos dos alunos nessa direção, tal como atesta a expressão da aluna Fernanda, no momento do encerramento da pesquisa:

**Fernanda:** bom, o que eu aprendi nas atividades foi como a interpretar uma charge. Que a gente tem de olhar desde a expressão ao que está inscrito. Que a gente não deve, tipo só ler o texto e já falar o que que é. Não. Devemos olhar as características, desenhos, cor, tom e tudo.

A fala da aluna mostra que eles conseguiram traçar mecanismos de leitura. Ao destacar que, em uma análise, deve-se “olhar as características, desenhos, cor, tom e tudo” demonstra-se a prática adquirida durante as aulas.

Assim, dando sequência às atividades, analisamos uma charge de Jean Galvão (fig. 11), publicada em 06 de janeiro de 2019, intitulada “Onda no Ceará”. A imagem trazia uma onda gigante, bem centralizada, de cor amarela. Ao lado da onda um ônibus queimado.

**Figura 11: Charge de Jean Galvão, Folha de São Paulo, em 06.01.2019**



Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1621393816397040-charges-janeiro-2019#foto-1621953090784460>. Acesso em: 18 jan. 2019.

Nessa atividade, fizemos o movimento inverso ao da primeira aula: começamos pela leitura da charge para, posteriormente, lermos a notícia. Solicitamos aos alunos que principiassem pela descrição de todos os elementos presentes na imagem para, depois, apresentarem sua compreensão do texto, mediante a relação com o que sabiam (ou não) a respeito do problema tematizado por Jean Galvão (2019).

Apesar da figuratividade, a atividade iria requerer maior capacidade de abstração por parte dos alunos, numa representação menos evidente e ostensiva que nas charges anteriores.

Seria necessário que considerassem que a cor amarelada da onda sobre a carcaça de um ônibus aponta para um uso metafórico da palavra/imagem de onda. Produzida em janeiro de 2019, a charge remetia à dimensão da violência que tomou conta do Estado do Ceará no início daquele ano.

Assim, a partir da figurativização, deveriam depreender a perspectiva dos acontecimentos sob o olhar do chargista. Vejamos, pois, como uma das alunas se expressou diante do texto:

**Iza:** a onda vermelha representa o fogo, a onda de violência no Ceará, e o ônibus incendiado é o resultado do encontro do fogo com o ônibus [...] fazem referência à onda de violência ocorrida na cidade, no Ceará, aconteceu em Janeiro [...] onda no contexto significa uma grande quantidade de violência, crimes que estão acontecendo no Ceará.

Para a turma, o verbete “onda” é carregado de significados que se ampliam a partir do sincretismo entre o verbal e o não verbal. Sabemos que os chargistas buscam trabalhar figuras

que “no contexto semiótico, são termos que fazem remissão (e não referência direta) aos elementos do mundo, deixando o texto mais concreto, é por meio das figuras que o enunciatário apreende o texto” (LOPES; HERNANDES, 2005, p. 247). Essa dimensão se expressa na compreensão dos alunos, destacada abaixo:

**Ely:** onda é algo grande, algo quem vem com muito impacto.

**Sófia:** a onda que aparece na imagem o significado dela é como se ela fosse atravessar o estado pela crise que ele está tendo.

As colocações dos alunos, portanto, partem das observações feitas das figuras (ícones) e do título dado a charge “Onda no Ceará”. Sofia compreende que a iconização da onda que aparece na imagem é tão forte e devastadora que seja capaz de “atravessar” todo o estado.

Para ampliar as discussões sobre a temática abordada na charge, analisamos uma notícia, publicada no site G1, em janeiro de 2019. A notícia trazia em destaque dados referentes à redução do número de turistas em Fortaleza (CE), em virtude da violência que tomou conta da capital cearense. Para efeitos de comprovação de veracidade o site traz a fotografia da praia de Iracema com poucos turistas circulando, na legenda os dizeres “Praia de Iracema é um dos locais mais visitados por turistas em Fortaleza”.

**Figura 12: Notícia publicada pelo site G1 em 09/01/2019**

Onda de violência no Ceará afasta turistas e ocupação hoteleira no estado cai de 85% para 65%  
 Ceará sofre com sequência de mais de 150 ataques coordenados por membros de facções criminosas. Setor de turismo teme impacto maior na reputação do estado.  
**Por Hugo Renan do Nascimento, G1 CE**  
 09/01/2019 18h03



Praia de Iracema é um dos locais mais visitados por turistas em Fortaleza — Foto: TV Verdes Mares/Reprodução. Disponível em [g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/01/09/onda-de-violencia-no-ceara-afasta-turistas-e-ocupacao-hoteleira-no-estado-cai-de-85-para-65.ghtml](http://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/01/09/onda-de-violencia-no-ceara-afasta-turistas-e-ocupacao-hoteleira-no-estado-cai-de-85-para-65.ghtml). Acesso em: 21/02019.

Os alunos compreendem a notícia como um texto sincrético cujas linguagens se complementam num mesmo ato enunciativo e que dialoga com a charge. A compreensão da notícia como texto sincrético se dá a partir da presença da fotografia que, ao lado do verbal, contribui para a construção do sentido global do texto.

Para analisarmos as relações sincréticas entre o verbal e o visual, interrogamos se havia uma interação entre os textos, para tanto questionamos no *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019, p11):

A foto que acompanha a notícia reafirma o fato narrado?  
Há uma interação entre a notícia e a charge?

Destacamos a resposta de Iza ao chamar a atenção para a quantidade de pessoas na fotografia. Para ela, a imagem comprava os fatos narrados na notícia, estando os textos dialogando entre si. Para Pietreforte, “a articulação da imagem com a palavra, torna-se um dos modos de orientar e restringir as escolhas do leitor, quando as palavras explicam o que se passa nas imagens, como nas legendas das fotos jornalísticas, o verbal cumpre a função de ancoragem.” (PIETREFORTE, 2017, p. 49). Vejamos como os alunos estabeleceram estas relações:

**Iza:** a quantidade mínima de pessoas na foto, conclui o que está sendo falado na notícia [...] as duas noticiam o fato das ondas de violência no Ceará, por isso cai o percentual de turismo no estado, pois estão com medo.  
**Wanne:** está retratando o que acontece e a charge mostra o desenho da onda.  
**Alice:** Isso aconteceu na praia do estado do Ceará e onda tem tudo haver com água, areia e praia.

Wanne evidencia que a fotografia retrata o que está acontecendo, integrando-se à imagem da onda na charge, portanto, os textos atualizam-se em uma só forma de conteúdo. Os alunos identificam que o mesmo conteúdo é expresso em planos de expressão diferentes, mas que dialogam, uma vez que a charge emergiu dos fatos noticiados.

Continuando nossas atividades sobre notícia e charge e as integrações existentes entre esses dois gêneros, os exercícios de número três e quatro traziam charges que tratavam da tragédia ocorrida em Brumadinho, envolvendo a empresa Vale.

Para iniciar a aula, pedimos aos alunos que observassem bem o texto que, por não trazer desenhos, apenas os dizeres em letras brancas “Não VALE nada”, chamou logo a atenção (fig. 13).

Figura 13: Charge de Hubert, Folha de São Paulo em 30/01/2019



Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1621393816397040-charges-janeiro-2019#foto-1621953090784460> Acesso em: 30 jan. 2019.

A charge de Hubert destaca-se pelo fundo preto em protesto pelas mortes dos muitos trabalhadores vitimados pelo rompimento da barragem em Brumadinho – MG. O destaque a palavra VALE, provocando um duplo sentido, reitera o posicionamento do chargista que, pela própria organização das letras centralizadas, manifesta seu protesto e parece-nos gritar em alto e bom som que a mineradora não tem valor algum, uma vez que a tragédia já seria uma reincidência em nosso país.

As questões, portanto, buscaram exercitar fatores tais como os perceptuais, afetivos e sociais, por isso, solicitavam a análise das cores, letras e toda dimensão estética da charge, como se nota nas questões presentes no *Caderno de Atividades* (SOUSA, 2019, p12), destacadas abaixo:

Geralmente, a charge traz imagens de pessoas conhecidas no cenário político ou de fatos muitas vezes caricaturados de situações cotidianas. No entanto, a charge em estudo não traz nenhuma imagem, apenas a frase em letras maiúsculas “NÃO VALE NADA”. Para você, o que levaria o chargista a construir esse texto que “foge ao padrão acostumado”?

A palavra VALE no centro das outras palavras está em tamanho maior e em posição de destaque. O que significa para você o verbete vale no contexto da charge?

Podemos atribuir ao verbo valer conjugado em 3º pessoa do presente do indicativo, que significados, levando em consideração seu uso no texto?

Em contraste às letras brancas, destaca-se o fundo em cor preta em toda dimensão da charge. O que representaria a seleção dessas cores e o destaque das letras? Que sentidos você atribui a essa charge?

A análise dos alunos se inicia pelo visual. É pelas cores que começam a traçar suas primeiras leituras, compreendendo o contexto imediato em que o texto emergiu e associando

o formato do texto como uma forma de protesto do enunciador para os fatos ocorridos em Brumadinho.

Para as crianças, a letra branca, em caixa alta, destaca-se no preto para representar o luto, denunciava a tragédia envolvendo a empresa Vale e a falta de imagens se dá como protesto silencioso diante de tal tragédia. Aspectos estes destacados nas expressões, abaixo postas, dos alunos:

**Iza:** O preto significa luto por todas as pessoas que morreram. O branco é para destaque da frase. E o luto e a crítica para tudo o que aconteceu em brumadinho.

**Edson:** O fundo preto representava o luto, o branco em contraste para chamar atenção e dá destaque na charge.

**Fernanda:** Preto para mim significa luto nesse caso luto das pessoas que moreram na tragédia, branco é para mim significa paz.

A charge selecionada não enfatiza o humor como comumente encontramos neste tipo de texto. O enunciador organiza-a para que o enunciatário veja a crítica, a denúncia ali presente. O preto parece-nos personificar a dor das famílias, a revolta pelo descaso, a vivência do acontecido. Nesse contexto, conforme menciona Silva (2016, p. 143),

[...] o acontecimento é da ordem do inesperado, a irromper abruptamente no horizonte do sujeito. Este não pode, pois, significar antes: a coisa advém e tudo o que lhe sobra é o sofrer. Mas, uma vez que acontece resta ao sujeito o depois, a memória do evento, esse olhar para trás, diante da necessidade que se lhe impõe pelos efeitos que persistem, que ainda o comovem.

As cores da charge conduzem à captação do sentido do texto e vão rememorando os acontecimentos. As crianças passam a comentar na sala, oralmente, as lembranças que foram acesas pela notícia e a charge estudada nesse momento.

Em outro texto, com a mesma temática, os alunos também iniciam suas análises a partir do visual, do plano de expressão para o plano de conteúdo. O texto trazia os dizeres LAMA/ALMA (fig. 14). No item LAMA, têm-se duas pessoas: uma com um crachá de identificação com as iniciais PF e outra algemada ao policial com o rosto sujo de lama.

Mesmo sendo intitulado de lama, o quadro não trazia imagem de sujeira (exceto no rosto do engenheiro civil), em contrapartida, no outro quadro intitulado ALMA, víamos um bombeiro imerso em um mar de lama.

Figura 14: Charge de Benett Lama/Alma



Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1621393816397040-charges-janeiro-2019#foto-1621953090784460> Acesso em: 31 jan. 2019.

O chargista não busca caricaturar o rosto, o semblante dos personagens, porque a lama estava nas ações e na falta de políticas específicas que combatessem o descaso da empresa quanto à manutenção e segurança das muitas barragens espalhadas pelo país.

A charge retrata o acontecido, os fatos. Para apreensão dessas questões interrogamos aos alunos da seguinte forma no *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019, p13):

Analise a charge e descreva minuciosamente todos os elementos presentes nela, observando a relação entre verbal e visual, explique por que de um lado se fala em lama e do outro se fala em alma?

Que temas você identifica na charge? Comente cada tema apontado.

Na maioria das vezes, as charges exigem do leitor um conhecimento sobre fatos e acontecimentos a respeito de um contexto mais imediato. Os fatos retratados na charge comprovam essa afirmação? Comente sobre isso.

As crianças começaram a análise pela descrição dos elementos presentes no texto. Ely observa que a LAMA do texto faz referência à sujeira existente nos negócios administrados pela empresa, pois diz que os “homens estão cheios de lama”, mas na imagem eles estão limpos, a palavra lama para a aluna e a turma está associada às falcatruas, às sujeiras e às corrupções praticadas pela concessionária. O texto passa a ser lido da seguinte forma pelas crianças:

**Ely:** Na charge acima tem uma palavra escrita lama e tem dois homens na primeira imagem e estão andando. Na segunda imagens tem a palavra ALMA e um monte de lama de trás do homem que está com a inchada [...] Onde fala lama e porque os homens estão cheios de lama onde fala alma e pessoas subterradas na lama e mortas subterradas [...] lama significa que tem muita lama atrás do homem, alma são pessoas que não existem mais no mundo.

**Aylla:** lama que significa na charge tragédias e isso no trabalho. Alma várias pessoas morreram não foi só lama mas sim almas que queriam viver.

O sincretismo existente na charge contribui para que os alunos construíssem sentidos carregados de emoções, paixões para os termos alma e lama. A palavra lama passa a ser polissêmica, não se trata apenas de uma mistura pastosa de argila e areia, visto que, no contexto, constrói-se novo sentido ao termo como defini Fernanda e João Manuel:

**Fernanda:** A lama significa a sujeira, a corrupção da concessionária vale. A alma são as pessoas mortas em meio a lama [...] lama matou e sobrou só a alma.

**João Manuel:** o que fala em lama que dizer aqueles que veio presos da Vale e rompimento da barragem quando sai lama, os bombeiros vai cassar as almas que estão entupidas na lama.

Notamos que, mesmo nas limitações deles no tocante às dificuldades de escrita, os alunos conseguem entender e compreender as mensagens transmitidas nas charges. Entendemos que o ato de ler é um ato de construção de sentido, como afirma Silva (2019, p. 40):

Ler na escola, porém, entre outros aspectos, inclui a desaceleração, a releitura, a atenção a detalhes e astúcias enunciativas, a reflexão sobre a operação de seleção de isotopias realizada no gesto interpretativo, a confirmação ou recusa de certas orientações de sentido, a partilha e a negociação frente a outros leitores que participam da mesma tarefa, porque o objeto de conhecimento é o texto e a apreensão dos mecanismos que fazem com que produza sentido. As aulas de leitura são, antes de qualquer coisa, aulas em que se ensina a ler, considerando que cada gênero impõe ao leitor uma disposição diferente, que se vão mobilizar saberes sobre outros textos convocados pela intertextualidade, sobre a temática evocada, sobre os autores, sobre as condições de produção, sobre a articulação entre linguagens pelos procedimentos de sincretismo etc.

A compreensão do texto, de fato, acontece em sala de aula quando há uma interação, diálogos sobre o texto lido. Não basta fazer leituras na escola, o texto, necessariamente, precisa ser encarado como objeto de sentido.

Em síntese, notamos que nessa primeira etapa houve um bom empenho da turma em participar e contribuir com o projeto. É evidente que tivemos surpresas agradáveis como também “frustrações” no sentido de identificar as dificuldades que a turma apresentava para as questões de análise linguística, pois, quando as questões dos exercícios exigiam do aluno um conhecimento mais apurado com termos gramaticais, não conseguia ter êxito nas

respostas, ora deixando em branco ou apenas repetindo o enunciado da questão. Para a realização de questões desse nível, houve a necessidade de retomada de conteúdo e a interferência do professor.

No entanto, as atividades foram realizadas de forma proveitosa pelos alunos. A aula de leitura passou a ter um novo direcionamento à luz da teoria semiótica que nos subsidiou na elaboração das questões e nas abordagens feitas no decorrer das aulas desta etapa, fato também observado na próxima etapa Notícia/Fotografia.

#### **4.2 Análise da etapa notícia/fotografia**

Sabemos que na construção de uma notícia inúmeros recursos são utilizados para mostrar o efeito de veracidade e neutralidade do enunciador, bem como seu posicionamento ideológico. Na elaboração do texto, por exemplo, usa-se a terceira pessoa para traçar uma objetividade e afirmar ao enunciatário que os enunciadores apenas comunicam os fatos numa perspectiva do olhar do outro. Ademais, o distanciamento do enunciador do que é dito, retira a responsabilidade do que é exposto no fato noticiado.

A utilização do discurso direto é outro recurso que, estrategicamente, é usado para criar uma situação de realidade. Além desses recursos, a notícia, geralmente, é acompanhada da fotografia que, quando vinculada a ela, busca fortalecer a mensagem, o fato noticiado, a fim de ter a adesão do leitor ao texto.

Na imprensa, a fotografia dialoga com o texto. Há, portanto, um sincretismo que dá conta dos sentidos que emergem dessa integração entre o visual e o verbal. Nesse sentido,

[...] os enunciados verbais e imagéticos atualizam, conjuntamente, uma só forma do conteúdo. Numa ocorrência textual, numa notícia ou reportagem, a fotografia pode textualizar uma determinada etapa da sequência narrativa de base, a sanção, por exemplo. Pode também concretizar uma anti-narrativa, pressuposta (ou implícita) no enunciado verbal, fazendo surgir, no nível discursivo, vozes antagônicas que, conjugadas, criam efeitos de ironia e humor, desvelando um posicionamento ideológico assumido pelo enunciador. (GOMES, 2005, p. 103).

Em face dessas características da fotografia, em textualizar sequência narrativa ou anti-narrativa, verificamos mais um recurso que contribui para a sincretização do texto, sendo utilizado na construção do sentido o qual o enunciador deseja transmitir, pois “numa foto jornalística a legenda cumpre a função de ancoragem, já que determina, delimitando o sentido polissêmico carregado pela a imagem.” (PIETROFORTE, 2006, p. 2).

Portanto, toda imagem fotográfica traz uma intencionalidade quando acompanhada de uma notícia. A fotografia serve como elemento comprobatório do que é dito, amplia o sentido do verbal, contribuindo para um todo significativo.

Este diálogo entre linguagens visual e verbal, bem como as estratégias usadas pela imprensa na construção da notícia, as interações de sentido que emergem do sincretismo que há entre elas é o que se buscou trabalhar nas atividades desenvolvidas nesta etapa. Para tanto, foram elaborados dois exercícios com notícias retiradas de sites, como “G1” e “Jornal Folha de São Paulo”, que foram aplicados em quatro aulas durante o mês de agosto de 2019.

No primeiro exercício havia uma notícia com a seguinte manchete: “Transparência Brasil pede revogação do decreto que mudou a lei de Acesso à informação”, acompanhada de uma fotografia do atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro. No entanto, a legenda informava ser aquela foto de outro momento (assinatura do decreto que facilitava o porte de armas). Abaixo da imagem, o texto sobre o decreto que mantinha em sigilo documentos públicos.

**Figura 15: Notícia publicada pelo Jornal Folha de São Paulo em 31/01/2019**



Disponível em: <https://painel.blogfolha.uol.com.br/2019/01/31> Acesso em: 31/01/2019.

Para nortear as análises, organizamos a atividade em sete questões que buscavam suscitar no aluno um olhar voltado para a integração entre o verbal e o visual, na seguinte sequência:

Em sua opinião, porque o jornal seleciona a imagem em destaque do presidente segurando uma caneta popular?

Geralmente, as notícias são acompanhadas de fotografias. Por que os sites e jornais utilizam esse recurso?

Faça uma minuciosa descrição da fotografia, considerando cor, formas, linhas, figuras, objetos, etc.

Relacione a imagem ao texto, levando em consideração a integração entre verbal e não verbal na construção do sentido do texto.

Qual o posicionamento do enunciador (autor) em relação ao que é noticiado? Analise o posicionamento do enunciador a partir das escolhas lexicais, tempo verbais etc.

É possível identificar a opinião do jornalista? Para responder, cite expressões do texto (substantivos, adjetivos, verbos, etc.) que comprovem sua leitura.

Geralmente, os jornais afirmam que são imparciais e objetivos. Você acha que há essa neutralidade ao noticiar o decreto do presidente? Comente. (SOUSA, 2019, p15)

Pensamos em organizar as perguntas nessa sequência, pois, para semiótica, cada linguagem deve ser analisada separadamente, para se analisar, depois, a integração entre as linguagens e seus efeitos de sentido.

A imagem selecionada para ilustrar a notícia é que sustenta a criticidade manifestada no plano de expressão. É a mensagem conotativa presente na fotografia que contribuiu para o sentido global do texto e os efeitos de sentido que o enunciador desejava transmitir ao leitor. Portanto, a fotografia tornou-se o elemento despertador da consciência popular a respeito dos atos presidenciais e como prova das contradições existentes em seus atos, uma vez que a notícia informava sobre a assinatura de um decreto que viola os direitos da população de ter acesso a documentos públicos, fato destacado nas análises das alunas Larissa, Ana e Cláudia, como podemos verificar em suas expressões, expostas a seguir:

**Larissa:** porque provavelmente ele quis mostrar que ele assinaria a lei com a mesma caneta da notícia passada e também que se ele estava escrevendo com caneta popular e tornaria o país mais popular, mas foi um pouco ao contrário, ele tornou em sigilo [...]. Na minha opinião a imagem mostra só a caneta, no que se refere a notícia na legenda. Nos parece que não era sobre isso que o presidente estava falando, a imagem é mais diferente das falas da legenda.

**Ana:** Para criticar o governo que não estão sendo transparentes, por isso colocaram ele com uma caneta transparente.

**Claudia:** Por causa que no começo do ano ele disse que o governo dele seria popular e transparente, mas está acontecendo o contrário de suas palavras.

É por meio da mensagem conotativa da fotografia (BARTHES, 1964) que os alunos começam a traçar suas primeiras impressões sobre o texto em análise. Por isso, quando interrogamos sobre o porquê do jornal ter selecionado aquela imagem, eles imediatamente

recordam-se de notícias estudadas anteriormente e enfatizam que a escolha se dá, justamente, por estar segurando a “caneta popular”.

Na visão dos alunos, o enunciador usa a fotografia para criticar a atitude do presidente, uma vez que a foto não corresponde ao momento exato da assinatura do decreto sobre sigilo de documentos públicos, a legenda traz a informação de que a imagem ali presente correspondia ao momento da assinatura do decreto que facilitou a posse de armas no país. O êxito na leitura do texto, pelos alunos, deu-se apenas por terem conhecimento da discussão já existente sobre a caneta popular usada durante a cerimônia de posse do presidente. A leitura da fotografia na notícia, portanto, depende das vivências, do conhecimento do leitor, pois é sempre histórica (BARTHES, 1964).

Observamos que o jornal se apodera de uma imagem que representa outro momento, buscando enfatizar que “o populismo” figurativizado na caneta de material transparente, de custo acessível à população, é uma mera performance. Os desejos do presidente, seus decretos, estão acima dos interesses do país.

A bandeira do Brasil, símbolo nacional, na imagem, está em segundo plano, desfocada como destaca a aluna Priscila, ao dizer que o presidente está à frente da bandeira. A imagem centraliza apenas o presidente, sua caneta e seus decretos que atendem somente aos interesses primordiais dele mesmo.

Para os alunos, o jornal mostra seu posicionamento a partir da seleção da imagem e da palavra transparência, fazendo uma crítica às ações presidenciais, como podemos observar nos comentários abaixo:

**Ana:** a palavra transparência tem a ver com a caneta transparente que está em suas mãos, uma coisa que ele não está sendo nesse governo é transparente. Faz uma crítica com a palavra transparência.

**Silvia:** eles estão fazendo uma crítica ao Bolsonaro por ter dado um decreto de os documentos agora estarem em sigilo.

**Priscila:** Bom, o autor colocou o nome transparência, mas não é a transparência do governo, é a transparência da caneta.

Para as crianças o jornal não se mostra imparcial, visto que, ao selecionar a imagem, priorizar o vocábulo transparência e escolhe verbos como “alterou” e “ampliou”, revelando sua criticidade, bem como, a sua intencionalidade em mostrar incoerência dos atos presidenciais.

A análise feita pelos alunos demonstra, ainda, que eles compreenderam o sincretismo, o dialogismo entre as linguagens existentes no texto. É certo que alguns tiveram dificuldades

quando solicitamos que buscassem evidências no texto (seleção vocabular, pontuação, etc.), mas a grande maioria posicionava-se, apontando a não neutralidade do jornal, defendendo seu ponto de vista de forma coerente quanto ao fato noticiado.

Prosseguindo nossas atividades sobre gênero notícia e o uso da fotografia como recurso midiático para adesão de leitores aos fatos noticiados, apresentamos outra atividade que enfatizava a notícia como texto sincrético, para tanto, selecionamos duas notícias retiradas de sites diferentes com ênfase na fotografia.

Os textos informavam sobre um casal que sobreviveu à tragédia ocorrida na cidade de Brumadinho, no início do ano de 2019. Retiradas do site “G1” e do “Jornal Folha de São Paulo”, as fotografias trazidas pelos sites, para os alunos, seriam uma comprovação do fato, prova veridictória da sobrevivência do casal. As imagens, além de fornecerem provas, serviriam para eliminar qualquer dúvida que poderia surgir sobre a existência do fato narrado.

**Figura 16: Notícias sobre Vítimas da lama.**

<p>Vítimas da lama</p> <p><b>Casal relata fuga a pé sob o 'som assustador' da enxurrada de lama</b></p>  <p><a href="https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/29/tragedia-em-brumadinho-a-impressionante-fuga-de-casal-de-idosos-sob-som-assustador-de-enxurrada-de-lama.ghtml">g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/29/tragedia-em-brumadinho-a-impressionante-fuga-de-casal-de-idosos-sob-som-assustador-de-enxurrada-de-lama.ghtml</a>. Acesso em: 29/01/2019.</p>	 <p>LAMA &lt;</p> <p><b>Casal de idosos foge sob 'som assustador' de enxurrada</b></p> <p>Moradores traçavam planos de fuga prevenindo rompimento da barragem</p> <p><a href="https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/01/29/tragedia-em-brumadinho-a-impressionante-fuga-de-casal-de-idosos-sob-som-assustador-de-enxurrada-de-lama.htm">https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/01/29/tragedia-em-brumadinho-a-impressionante-fuga-de-casal-de-idosos-sob-som-assustador-de-enxurrada-de-lama.htm</a> Acesso em: 29/01/2019.</p>
--	--

Nas fotografias, vemos a imagem do casal em um quarto que, pelos elementos presentes (cama, cortinas, abajur), parece estar em lugar seguro, agora tranquilo e longe do “som assustador da enxurrada”. A senhora, mesmo em um ambiente aparentemente seguro, ainda traz um semblante fechado, preocupado.

A notícia do jornal “folha de São Paulo”, ao fechar a imagem no rosto do casal, parece convidar o leitor a observar as marcas de expressão (fig. 16) que comprovavam o termo “idosos”, presente no título, enquanto o site “G1” abre a imagem para que notássemos que ali realmente havia um casal.

Iniciamos nossa análise, solicitando os alunos que comparassem os textos, observando o enquadramento fotográfico, o posicionamento de cada enunciador através de marcas linguísticas. Dessa forma, estruturamos as perguntas no *Caderno de Atividade* (SOUSA, 2019, p16) na seguinte sequência:

Os dois jornais noticiaram o mesmo episódio e utilizando-se da mesma imagem fotográfica. No entanto, a “Folha” enfatiza os rostos do casal e no “G1” a imagem é mais ampliada. Comente o porquê da escolha desses ângulos em cada veículo de comunicação, conforme sua opinião.

Há uma diferença na seleção vocabular entre os dois noticiários. Que elementos você apontaria para marcar a distinção entre as duas notícias?

Há relação de sentido entre texto verbal e fotografia?

Nas manchetes em destaque, nota-se a ênfase que cada jornal quer atribuir ao seu texto. No texto I lemos que o **casal foge a pé**, portanto o modo como ocorre a fuga; no texto II há ênfase na caracterização, no tipo de casal: **‘de idosos’**. Que intenções você atribui a essas diferentes escolhas?

Em resposta aos questionamentos feitos, os alunos começam a descrever a imagem, atentando para o visual, observando o enquadramento das imagens, afirmando que estão de acordo com o verbal. Para as alunas, as imagens que acompanhavam a notícia integram o fato noticiado, sendo “iguais”, havendo mudança apenas no ângulo, conforme depreendemos das respostas expostas abaixo:

**Jéssica:** tem um abajur, uma cortina no quarto, também há uma cama, uma mesinha com vários produtos.

**Larissa:** As duas fotos em si são iguais a cor, o local, só muda o tamanho do ângulo que um é maior e outro menor. As duas imagens estão ligadas ao texto, mesmo que o texto esteja escrito de forma diferente, mas coincide igualmente com o texto.

**Cíntia:** Para relatar os rostos deles, para confirmar que eles são realmente um casal de idosos, por isso a aproximação da câmara. O G1 procurou mostrar mais o corpo. Uma foto está mais aberta e outra mais fechada em seus rostos, e as cores da imagem estão bem vivas e o boné mostra uma característica de que ele é mais velho.

**Michel:** a folha de São Paulo amostra os idosos, mais ele tem com a câmara mais de perto para mostrar realmente que eles são idosos.

O verbal integra-se com o visual, buscando adesão do leitor ao fato noticiado. A integração entre as linguagens é visualizada pelos alunos, que comentam haver uma relação entre o dito e visto. É notável o olhar mais atencioso dos alunos para os detalhes presentes na imagem. Cíntia nos chama a atenção para o boné usado pelo senhor, para ela, o acessório usado enfatiza a condição de idoso, o que, conseqüentemente, materializa o adjunto adnominal que caracteriza o casal na notícia.

Outro ponto notado pelos alunos diz respeito à seleção vocabular feita pelo enunciador. Segundo as análises, quando o jornal “Folha de São Paulo” seleciona a palavra “idoso” para caracterizar o casal é para “deixar o leitor com mais curiosidade”, enquanto a expressão “a pé” enfatiza apenas o modo como ocorreu a fuga.

O que se buscou desenvolver nessa etapa foi o aperfeiçoamento de um olhar que saiba filtrar fatos, opiniões e o posicionamento dentro dos textos, bem como conduzi-los a compreender o posicionamento nas disposições das imagens na página de um caderno jornalísticos. O trabalho com o texto sincrético foi pensado para que o aluno como leitor/cidadão notasse a intencionalidade jornalística na escolha das imagens. A partir do entendimento do sincretismo entre notícia e fotografia, passamos para a nossa próxima etapa: notícia/ editorial. Entendemos que este gênero textual assim como a charge emerge dos acontecimentos diários e noticiados como abordaremos no tópico seguinte.

### **4.3 Análise da etapa notícia/ editorial**

A etapa notícia/editorial foi realizada em setembro de 2019. Nessa etapa, foram realizadas três atividades. Os textos utilizados foram retirados do jornal “Folha de São Paulo” e do site “G1”. A seleção desse gênero deu-se por se tratar de um texto argumentativo, ficar na sessão opinião do caderno jornalístico e dialogar com a notícia.

Nosso objetivo, ao levar textos dessa natureza para o ambiente de sala de aula, era mostrar ao aluno os efeitos de sentido produzidos pela seleção vocabular, bem como estabelecer a diferença entre textos que buscam objetividade e imparcialidade como a notícia, daqueles em que defendem uma tese e buscam a adesão do leitor pelos argumentos expostos.

Realizamos as atividades em seis aulas. No início de cada aula, líamos a notícia e solicitávamos aos alunos que se posicionassem, oralmente, sobre o texto lido. O que pretendíamos era ampliar a criticidade de nossos alunos e conduzi-los a compreender as intencionalidades do enunciador, além de notarem a (não) neutralidade dos textos noticiados.

Os textos que foram utilizados abordavam temas como a reforma da previdência, carnaval e a crise política na Venezuela. Princípios lendo uma notícia publicada no site “G1”, em 15 de fevereiro de 2019, que trazia em destaque a declaração dada pelo prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, sobre o carnaval (fig. 17).

**Figura 17: Notícia publicada pelo site G1 em 15/02/2019**

Crivella: ‘Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas’  
 Prefeito deu declaração referindo-se ao corte de recursos públicos para o carnaval. Ele ainda detalhou operação da cidade durante a folia; Zona Sul sofreu redução de 20% no número dos desfiles.

Por Raísa Pires\*, G1 Rio  
 15/02/2019 13h06



Crivella e Marcelo Alves, presidente da Riotur

Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/02/15/crivella-carnaval-e-um-bebe-parrudo-que-precisa-ser-desmamado-e-andar-com-as-proprias-pernas.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2019.

Após a leitura, apresentamos a imagem do prefeito e informamos sobre as polêmicas que geralmente está envolvido e de sua condição de membro de uma instituição religiosa. Durante a leitura, notamos a euforia dos alunos que ora defendiam o prefeito ora criticavam. Segundo o pensamento bakhtiniano “os atos de fala revelam todo o nosso posicionamento ideológico” (BAKHTIN, 1995, p. 42). Para a análise da notícia, pedimos que os alunos registrassem no *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019, p25) seus posicionamentos sobre a fala polêmica do prefeito a partir das orientações presentes no exercício.

Que palavras evidenciam o posicionamento do jornal sobre a fala do prefeito em relação ao carnaval?

A notícia registra falas do prefeito do Rio de Janeiro sobre o carnaval de 2019. Que leituras você faz do posicionamento do prefeito ao declarar as seguintes frases:

**O prefeito afirmou querer “servir a todos”.**

‘Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas’

Analise a frase **“As mulheres vão entender isso. Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas”, disse o prefeito.** Na sua opinião por que o prefeito atribui o entendimento da frase apenas às mulheres e não à população em geral?

Diante das orientações sobre o percurso pela qual deveriam iniciar as análises, os alunos começam a registrar o que compreenderam sobre a frase polêmica proferida em entrevista. Para eles, a fala do prefeito denuncia seu comportamento de não servir a todos, ademais mostra a falta de compromisso com um evento típico da cultura brasileira e de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro. Para os alunos, o prefeito, além do descaso à cultura, revela-se machista, observações feitas pelas alunas Nati, Sofia, Carolina e Iza, de acordo com suas respostas, expostas abaixo:

**Nati:** ele é contra a cultura do carnaval, que não irá patrocinar o carnaval. O prefeito é machista e que não serve a toda a população.

**Sófia:** o prefeito diz que é a favor da população, mas é contra o que a população gosta que é o carnaval.

**Carolina:** É como ele não servisse a todos, ao ele falar isso parecia que ele desprezava a todos.

**Iza:** Ele não está servindo a todos, muito menos ajudando e esta praticamente tentando acabar e desmoronar o carnaval.

O comportamento inadequado de Marcelo Crivella é visto pelas alunas como uma atitude antidemocrática, uma vez que é “contra o que a população gosta”, como declara Sófia e enfatiza Nati ao mencionar que “ele é contra a cultura do carnaval”, portanto, na sua condição de prefeito, deveria atender a toda população, incluindo a todos independente de sua condição de membro de uma instituição religiosa.

Passado o momento da leitura e debate do fato noticiado, lemos o editorial intitulado “Deixa o Momo governar”<sup>6</sup>, retirado da sessão opinião do Jornal “Folha de São Paulo”. O texto trazia fortes críticas ao comportamento do prefeito quando declara, em entrevista, a polêmica frase. Para guiar a análise do editorial, perguntamos no *Caderno de Atividade* (SOUSA, 2019, p26):

Ao ler os dois textos, você poderia apontar elementos que marquem as diferenças entre notícia e opinião?

O editorial faz uma crítica ao comportamento do prefeito. Que crítica é essa?

Ao final do texto, o autor sugere que as chaves da cidade do Rio de Janeiro sejam dadas em definitivo ao Momo. Quem para você é Momo e por que essa sugestão?

O editorialista inicia seu texto comentando sobre a ausência do prefeito no carnaval de 2018 para, posteriormente, destacar as metáforas utilizadas pelo político na tentativa de

---

<sup>6</sup> Todos os editoriais citados nessa análise estão disponíveis na íntegra no *Caderno de Atividade* em anexo.

justificar a falta de apoio ao evento que, para o autor, seria o mais importante da cidade. Nomeando Crivella de *prefeito-bispo*, o enunciário vai apresentado argumentos para sustentar sua opinião de que falta firmeza nas atitudes do governante, além de criticar o discurso sem ética de um administrador público, como se pode observar no fragmento abaixo:

O prefeito-bispo, mais acostumado aos púlpitos, bolou uma metáfora infantil para explicar sua relação com o mais importante evento da cidade [...]. Triste é saber, que depois da Quarta de Cinzas, Crivella continua. Um administrador que não consegue decidir sobre a demolição ou não da ciclovia Tim Maia – palco de três desmoronamentos – e joga a responsabilidade no colo da população, propondo plebiscito. Ou que pretende retirar de circulação, da noite para o dia, todas as linhas de ônibus do centro da cidade, no pressuposto de que o sistema VLT – que não é um transporte de massa – ganharia mais passageiros.  
Melhor dar ao Momo a posse definitiva das chaves do Rio.

Após lerem o texto, os alunos reafirmam seus posicionamentos sobre o prefeito, revelando-nos que nenhuma leitura foi feita com imparcialidade, fato natural, visto que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” (BAKHTIN, 1995, p. 95). Quando lemos, acionamos nossa história de vida e construímos nossos discursos a partir do contexto social onde estamos inseridos, isso é visto, claramente, na resposta da aluna Fernanda, que passa a apoiar o prefeito quando o editorialista sugere ser “melhor dar ao Momo a posse definitiva das chaves do Rio”.

**Fernanda:** bom eu sou evangélica então sou a favor do que crivella falou [...] o momo e um ser maligno ou seja para mim ele é uma entidade, ele quer dizer que o momo ia investir todo o dinheiro possível no carnaval.

Todo leitor tem uma história de leitura. Quando lemos, colocamos em ação nossos conhecimentos adquiridos, nossa história de vida e posicionamentos ideológicos. O que notamos é que a leitura individual de cada aluno é carregada de suas vivências, cabe a nós, como professores, compreender e buscar mostrar a eles novas possibilidades de leitura e vivências, como propõe Silva (2017, p. 210), ao declarar que

[...] é importante ter em mente que ler é sempre um ato de produção de sentido, que engaja o sujeito. Diante das peculiaridades do ser desse sujeito, de seu modo de interagir com os outros, com os textos, com o mundo, pela sua história de vida e de formação, pelos seus interesses de leitura, etc., há que se concluir que coexistem diferentes possibilidades de produção de sentido. Disso resulta que, em vez de fechamento, a aula de leitura pode apontar para a abertura de sentidos, para partilhas, para a multiplicidade de pontos de vista.

Portanto, todo ponto de vista, que tenha sustento no texto, é passível de análise e, como professores, não devemos descartá-los, mas mostrar mecanismos de leitura que contribuam para o enriquecimento dos sentidos produzidos pelos alunos, negociando sentidos.

Encerrada a primeira atividade, passamos a discutir o segundo editorial, que aborda a crise política na Venezuela. Nesse exercício, direcionamos as questões para que os alunos observassem os elementos linguísticos no texto e que marcam a posição do enunciador diante dos fatos.

A notícia em análise foi destaque na capa do caderno jornalístico do dia 26 de fevereiro de 2019. Com o título “*Venezuela não terá intervenção militar, diz Grupo de Lima*”, o texto vem acompanhado da fotografia, a fim de produzir um efeito de verdade e proximidade do leitor aos fatos narrados.

Para construir a ideia de que há um ditador na Venezuela que explora e se fixa como o comandante absoluto de um país devastado pelos atos dele, o jornal traz a imagem de uma casa de pau a pique, coberta por palhas, portas de carros de guerra abandonadas e um soldado sentado de costas, o que nos faz entender que esse não está em combate. O cenário do texto fotográfico se amplia com a legenda que o acompanha: “GOVERNO É COVARDE”, AFIRMA LIDER DE ETNIA EM DESOBEDIÊNCIA CÍVIL NA VENEZUELA.

A escolha da fotografia e o destaque à fala do líder de etnia corroboram a mensagem que o jornal tem sobre o presidente da Venezuela de “ditador”. A seleção fotográfica e vocabular busca convencer o leitor a aderir ao mesmo posicionamento e a filiar-se a essa ideia.

Nenhum enunciado é construído sem uma intencionalidade. Para Bakhtin (2016, p. 62), “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”.

# Figura 18: Capa do Jornal Folha de S. Paulo

## FOLHA DE S.PAULO



Disponível em <https://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Acreditamos que, ao selecionar o vocábulo “ditador”, para fazer referência ao presidente eleito pelo voto popular, Nicolás Maduro, o jornal expressa sua opinião sobre ele, revelando, na construção do discurso, marcas da visão ideológica que nos mostram o estilo e o posicionamento político do veículo de comunicação. Além disso, o enunciado está dialogando com outros, visto que o enunciador se apoderou da fala dos componentes do grupo de Lima, fazendo uma ponte entre sua fala e a do grupo.

Para direcionarmos as crianças na análise da notícia, que serviu de base para o estudo do editorial, fizemos as seguintes perguntas no *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019, p18):

Que elementos do texto marcam a posição do enunciador em relação ao fato noticiado?

Os chamados verbos de elocução são aqueles que anunciam discursos, que introduzem fala (disse, argumentei, etc.). No jornal, geralmente, tornam-se um recurso para neutralizar seu posicionamento e constituir em veracidade o que é noticiado. Na notícia, temos quatro verbos que, no texto, funcionam como verbos de elocução: **rechaçou**, **diz**, **disse** e **reiterou**. Qual a diferença entre dizer, rechaçar e reiterar?

Para você, é possível narrar qualquer fato ou acontecimento de forma neutra, isto é, sem deixar transparecer o posicionamento político e ideológico do autor?

Para a resposta do primeiro item questionado, os alunos destacaram a expressão “ditador” e passaram a atribuir significado ao termo como argumento para demonstrar que o

jornal não apresenta neutralidade, uma vez que confere ao presidente características de “autoritário, mandão e perturbador”, como afirmam Sófia, Iza e Carolina nas respostas que, abaixo, expomos:

**Sófia:** ao escrever ditador Nicolas Maduro ele quis dizer que ele é um presidente autoritário e não escuta a opinião de ninguém.

**Iza:** ao citar a palavra ditador ele afirma que Nicolas Maduro é uma pessoa mandona e perturbadora.

**Carolina:** ao dizer a palavra “ditador” ele quer referir que ele comanda, dirigir, etc.

Há, portanto, atitudes responsivas de cada criança diante dos enunciados, defendendo o seu ponto de vista, fazendo inferências e interpretando o editorial e a notícia a partir do entendimento que todo enunciado dialoga com outro e que, em textos jornalísticos, sempre há marcas do enunciador que podem ser vistas na seleção lexical, pontuação, seleção de imagem, dentre outros recursos linguísticos, visto que “um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela posição à qual ele se constrói.” (FIORIN, 2006, p. 24).

Em todos os exercícios dessa etapa, buscamos construir questões que mostrassem a (não) neutralidade do texto jornalístico, enfatizando a distinção entre o que é notícia e o que é opinião.

Quando passamos a ler e a analisar o editorial intitulado “Dia D fracassa na Venezuela” (em anexo), notamos a clara posição do editorialista sobre a falta de experiência do Jovem parlamentar Guaidó. Para o editorialista, a falta de experiência é um dos motivos pelo fracasso do dia escolhido por ele e outras autoridades para tomarem a liderança definitiva da Venezuela.

Guaidó viu seu plano fracassar. O dia D não definiu nada, e o impasse deve agora prolongar-se. Os mais de 50 países ocidentais que reconheceram o jovem parlamentar como presidente legítimo veem-se agora na delicada posição de apoiar um dirigente que não tem controle do país. Pior, o fracasso pode levar Donald Trump e os outros incautos a flertar com uma intervenção militar, o que seria desastroso para Venezuela e para toda região.

É evidente o posicionamento assumido pelo editorial sobre a tentativa de Guaidó, deputado venezuelano que se proclamou presidente, em assumir a liderança do país. Ao se dirigir ao parlamentar “como dirigente que não tem controle do país”, o texto vai deixando marcas linguísticas da opinião do veículo de comunicação que considera o jovem parlamentar imaturo, alguém sem liderança. Quando se refere aos outros líderes governamentais, o autor

seleciona a expressão “outros incautos” que, no texto, ganha força ao informar que eles flertam com uma possível ditadura militar. Essa seleção vocabular utilizada pelo enunciador nos deixa clara a opinião do jornal sobre Guaidó, Donald Trump e demais governantes.

Sobre a análise do editorial, organizamos, no *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019, p19), três perguntas que conduziam os alunos na comparação dos textos, como se pode ver na exposição abaixo:

Qual o posicionamento do autor do texto sobre o jovem parlamentar Guaidó? A notícia e o editorial têm o mesmo posicionamento sobre a “crise venezuelana”?  
O que significa a expressão Dia D? Para você, por que o autor chama de Dia D a tentativa do ocidente em ajudar a Venezuela?

Dado esse direcionamento, as crianças passam a traçar suas conclusões sobre ambos os textos, comparando a notícia com o editorial. Para elas, os enunciados apresentam a mesma visão sobre a crise, bem como sobre Guaidó e Nicolás Maduro. Iza destaca bem em sua resposta as características distintas entre os dois textos quanto ao plano de expressão, manifestando a mesma posição no plano de conteúdo, conforme podemos verificar a seguir:

**Iza:** apesar de tentar neutralidade máxima, o jornalista sempre deixa seu posicionamento e seu ponto de vista [...] todas as notícias, apesar de serem imparciais, sempre deixam um rastro, igualmente é o editorial. Os dois são contra o presidente Nicolás Maduro, que ele é um ditador e só quem perde e a população venezuelana.

**Lopes:** O autor acredita que ele será melhor presidente que Nicolas e que precisa ser mais convincente para exercer. Os dois acham Nicolas um ditador.

**Carolina:** Bom, que por ele ser “jovem” ele quis supor que ele não tem muito aprendiz que não sabe de muita coisa. Os dois textos falam sobre a crise e a vida da Venezuela.

**Alice:** Ele chama o Guaidó de jovem e muito inesperiente que não conseguiria o controle do país. Nos dois textos tem algo haver com a crise que aconteceu no país e sobre o ditador.

A respostas dos alunos mostra-nos que já detêm um conhecimento sobre o gênero notícia e editorial, refletindo o que aprenderam em sala, pois identificam características distintas entre os textos, apontando elementos linguísticos que marcam a distinção entre notícia e opinião.

Prosseguindo as discussões, passamos a estudar a expressão de “Dia D”, presente no título. Contextualizamos o termo, fazendo uma alusão ao momento histórico em que foi utilizado pela primeira vez: 6 de junho de 1944, quando as tropas aliadas chegam na Normandia – França –

para combater o exército alemão na segunda guerra mundial. Assim, após estudo do termo, Alice se posiciona e afirma:

**Alice:** Dia D é dia específico, dia destinado a algo, era o dia da glória, mas fracassou, pois não conseguiram derrubar o presidente.

O posicionamento de Alice revela-nos seu olhar crítico em relação às atitudes daqueles que tentaram interferir no contexto político em que se encontra a Venezuela, pois o dia específico não foi glorioso, mas o dia em que viram a força de Nicolás Maduro que ainda se mantém no poder. O texto proporcionou diálogos com outras áreas de conhecimento como história, geografia, o que tornou esse momento bastante proveitoso.

Para finalizar essa etapa, a última atividade tratava sobre a reforma da previdência. Essa atividade, no entanto, foi a mais complexa para os alunos. Entendemos que uma das dificuldades se deu pela própria temática que não despertou interesse neles. Encontramos mais resistência e menos concentração na leitura dos textos.

Inicialmente, lemos o editorial intitulado “Explicar a reforma, ” que pontua sobre a necessidade do presidente da república em esclarece a população sobre a reforma previdenciária e de convencer os deputados a votarem a favor das propostas apresentadas à Câmara dos Deputados. Segue, abaixo, um fragmento do texto:

De fato essa tarefa de convencimento ainda se faz necessária, mesmo presumindo-se que, após anos de debates sobre o tema, parte relevante da sociedade já tenha compreendido a importância de racionalizar as aposentadorias e adequá-las à realidade do país. É natural que a proximidade da apreciação do tema pelo Congresso aumente a ansiedade e as apreensões – o Executivo, como se sabe, já apresentou sua proposta e espera que nos próximos meses deputados e senadores venham a discuti-la, modificá-la e aprová-la. Há pontos no projeto passíveis de crítica e outros que dificilmente poderão ser bem apresentados aos cidadãos.

A leitura do texto exigiu uma análise mais cautelosa, direcionando os olhares dos alunos para termos e expressões que pontuassem a posição defendida pelo editorialista. Após a leitura, solicitamos que respondessem seis questões no *Caderno de Atividade* (SOUSA, 2019, p22), assim organizadas:

Analise o ponto de vista inicial do autor do texto a partir da frase: “Quanto menos a sociedade estiver esclarecida sobre a nova previdência, mais será preciso barganhar com o Congresso; as duas tarefas são do presidente”. Que

entendimento você tem dessa frase e o que ela revela a respeito do pensamento do autor sobre a função do presidente para conseguir apoio sobre a reforma?

O gênero editorial caracteriza-se por ser um texto dissertativo-argumentativo, cuja intencionalidade é a defesa de um ponto de vista sobre um determinado tema. Qual é o tema do texto?

Qual é a opinião do editor sobre o tema?

O que ele defende?

O editorial revela através argumentos e das palavras uma crítica ao presidente e ao texto sobre a reforma da previdência. Que crítica são essas?

Quais palavras podem ser retiradas do texto para provar o posicionamento do autor sobre a reforma da previdência?

Notamos que, nessa atividade, tiveram mais dificuldades, pois solicitavam mais a presença da professora. Os alunos responderam todas as questões do exercício, mas, por se tratar de uma temática que exigia um conhecimento mais aprofundado, houve a necessidade de se fazer novas leituras do texto.

Porém, conseguiram concluir a atividade, tendo êxito em suas repostas. Para os alunos, o editorialista é a favor da reforma da previdência e por mais que critique alguns pontos, acredita ser necessária ao país. Carolina e Sófia, ao responderem, destacam os seguintes trechos do editorial para mostrarem a opinião do autor, marcando no texto frase e expressões que, para elas, eram importantes:

**Carolina:** Ele usa a frase “Exageros à parte, cumpre deixar claro que a expectativa de vida do país tem avançado e que servidores estatais de categorias variadas desfrutam de aposentadorias com critérios indefensáveis perante o restante da sociedade. [...] Existem também aspectos criticáveis – e, portanto, mais difíceis de serem acolhidos. Um exemplo que se tornou patente são as novas regras relativas ao pagamento dos benefícios assistenciais para os idosos mais pobres” para expressar o que pensa.

**Sófia:** Ele defende a reforma e diz que o presidente deve convencer os deputados e informar a população, usa o argumento “um trabalho persistente de argumentação constitui responsabilidade que o presidente não pode delegar a terceiros”.

Ao retirarem do texto frases que mostram os argumentos utilizados no editorial, constatamos que elas conseguiram compreender a estrutura do gênero e os recursos utilizados para revelar a posição do veículo de comunicação sobre a reforma da previdência.

Além do editorial, levamos para sala de aula uma notícia sobre a mesma temática. Intitulada “Clima para aprovar Previdência no Congresso ‘é muito bom’, diz secretário”, o texto destaca a fala do secretário especial da previdência e trabalho do Ministério da Economia, Rogério Marinho, a leitura seria para comparar os dois textos e verificar a

distinção ente notícia e opinião, conforme orientação dada no *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019, p23):

A notícia em destaque mostra-se imparcial ou traz marcas de personalidade do veículo de comunicação? Comente sua resposta.

Com base na leitura do editorial e da notícia, faça uma análise comparativa e diga se é possível narrar qualquer fato, acontecimento sem deixar em evidência ou subtendida a opinião do narrador.

O posicionamento defendido no editorial está em harmonia com o discurso do secretário Rogério Marinho apresentado na notícia?

Segundo a análise dos alunos, os textos conversam entre si e se mostram favoráveis à aprovação da reforma, uma vez que a notícia apenas relata a fala do secretário, mas de forma positiva, como destacam os alunos em suas respostas, expostas abaixo:

**Pedro:** “os dois falam sobre a reforma da previdência e querem a aprovação”.

**Maria:** “Os dois estão apoiando a reforma e mostrando os caminhos para sua aprovação”.

Na análise do texto, os alunos destacaram trechos que marcavam a opinião, deixando evidentes os argumentos utilizados para a defesa do ponto de vista. Conseguiram compreender, pela própria organização do texto, as marcas do enunciador, fato essencial, conforme nos esclarece Bakhtin (1955, p. 93):

O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma.

Encerramos essa etapa, acreditando que o êxito nas atividades se deu pela forma como organizamos as questões, bem como a maneira em que abordamos os textos em sala de aula, pois mostramos caminhos para que o aluno analisasse os enunciados sem a necessidade de se trabalhar a estrutura dos gêneros textuais.

Para finalizar nossas atividades nessa turma, elaboramos uma última aula, que ocorreu dia nove de dezembro de 2019. Para essa aula, selecionamos algumas charges. Os textos escolhidos tratam sobre o racismo e a violência contra negros no Brasil. Nosso objetivo era sensibilizar os alunos sobre a temática, conduzindo-os a refletir sobre as desigualdades sociais sofridas pelos negros em nosso país.

A aula foi gravada e realizada na sala de vídeo da escola, tendo início com a explicação da professora de como seria realizada a atividade naquele dia. A turma foi dividida em quatro grupos, compostos por cinco alunos cada um. Colamos na parede sete charges e doze balões, contendo perguntas ora relacionadas às charges expostas ora sobre o que aprenderam ao longo das atividades ministradas a partir do segundo bimestre (fig. 19).

**Figura 19: Fotografia das charges usadas na aula em 09/12/2019**



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Inicialmente, os alunos pensaram que se tratava de uma competição, visto que ao final da aula daríamos premiação para os grupos (distribuímos caixas de chocolate). Ao saberem da premiação ficaram empolgados e felizes. O grupo, portanto, escolhia um participante para estourar o balão, ler a pergunta e realizar os comandos que estavam ali determinados.

Na dinâmica da aula, alguns alunos deveriam expor o que aprenderam durante a aplicação do *Caderno Atividade* (SOUSA, 2019). Destacamos, abaixo, a fala da aluna Iza ao definir charge:

**Iza:** charge é um texto verbal e não verbal, apresenta imagem e apresenta texto e o texto é mais voltado para a parte política e o que acontecendo nas maiores notícias e sempre quando vão fazer alguma coisa de alguma pessoa, deputado sempre bota a charge em forma de caricatura.

Ao conceituar charge, a aluna que representava o quarto grupo, reconhece que esse texto é sincrético e que se constitui, geralmente, de contextos políticos, fatos e acontecimentos noticiados pela grande mídia ou que foram divulgados nas redes sociais. Compreender as formas estáveis do gênero faz-se necessário para que haja compreensão, pois

quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plana e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação – em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2016, p. 41).

A concepção do gênero charge ocorre a partir do contato com o texto e as experiências adquiridas durante as aulas. Na resposta da aluna, notamos o reconhecimento desse gênero textual como “tipo relativamente estável de enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 12), pois a aluna menciona o uso das imagens, caricatura e outros elementos presentes nesse texto. Ademais, identifica como um texto humorístico e irônico.

No tocante às leituras das charges nessa aula, verificamos que eles iam logo descrevendo e fazendo comentários sobre as temáticas abordadas. Em uma das análises, os alunos destacam uma charge que traz um personagem negro vestido com uma beca, de mãos levantadas, segurando um diploma, com semblante de felicidade. Nessa cena, têm-se também, três policiais bem armados com cassetetes, armas e escudos, protegendo-se e, ao mesmo tempo, atacando o jovem que, para eles, era uma ameaça, uma vez que viam o diploma como arma.

**Figura 20: Charge Violência**



Disponível em: <https://br.pinterest.com/humorpolitico/violencia/>. Acesso em: 29/02/2019.

O grupo que selecionou essa charge passou a descrevê-la e a analisar os sentidos construídos pela sincretização do verbal e do visual. Para eles, o texto retrata o “jovem negro no Brasil” que, muitas vezes, é perseguido por autoridades em virtude de sua cor, como podemos depreender da resposta do grupo, mencionada abaixo:

**Grupo 1:** na charge há três policiais com um homem negro que se matriculou, quer dizer se formou... Um diploma... Que dizer... porque ele é negro, está com a arma na mão. Pensam que é uma arma só porque é negro. está sendo ameaçado simplesmente, devido racismo [...] Retrato do jovem negro no Brasil... A polícia persegue porque é negro.

A resposta do grupo revela um pouco do pensamento dos demais alunos diante dos outros textos com a mesma temática que denunciam a falta de políticas públicas, o descaso, o abuso de poder das autoridades, o racismo e o preconceito contra jovens negros no Brasil.

A leitura do grupo iniciou-se pela descrição dos elementos presentes no texto, pelo não verbal. Na análise do texto, “consideraram a relação estabelecida entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, das múltiplas linguagens que os compõem e os modos de funcionamentos específicos de cada linguagem.” (TEIXEIRA; FARIAS; SOUSA, 2014, p. 321).

Destacamos apenas essas duas manifestações por acreditamos que definem, um pouco, a turma em que aplicamos nossas atividades. Consideramos os posicionamentos dos alunos enriquecedores, pois, mesmo dentro das nossas limitações, conseguimos despertar neles uma visão crítica diante de textos como a charge.

Escolhemos essas temáticas, pois, em aula de leitura, faz-se necessário despertar uma consciência do dever ético e cidadão. Temáticas políticas e sociais devem estar presentes nas aulas de língua portuguesa e, na atualidade, isso se faz urgente, pois “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação ideológica” (BAKHTIN, 1995, p. 43) e esses discursos, hoje, ecoam o preconceito, as desigualdades sociais que a cada dia se acentuam em nosso país, sendo papel da escola esse dever de insistir no ato de ler, como nos alerta Silva (2019, p. 43):

Na distopia que vivemos, os conhecimentos históricos são postos em xeque, os saberes fundados na ciência e na pesquisa perdem a vez frente para enunciações passionais intolerantes. A escola precisa mais do que nunca resistir e reorganizar suas práticas de ler os textos e o mundo.

Compreendemos que seja essencial assumir posturas pedagógicas que tornem o ato de ler como prática social, portanto, que as leituras em sala possam enriquecer o repertório cultural e social dos alunos, alterando seus modos de ver o mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento político em que vivemos, é oportuno ensinar a ler e ler com direcionamento, conduzindo o aluno a detectar as intencionalidades do texto e do enunciador, a diferenciar o que é fato daquilo que é interpretação ideológica, não se deixando manipular com fatos noticiados. Ler é um ato de resistência. Precisamos encorajar as muitas leituras, pois, várias vezes, a escola é o único lugar de acesso aos livros. Além disso, as novas produções exigem leitores mais perspicazes, visto que os textos se apresentam mais multissemióticos. Desse modo,

[...] a atividade de ler e produzir sentidos se acha, pois, complexificada em função de novas práticas de produção e circulação de textos nas mídias contemporâneas, a demandar do sujeito leitor mais do que a capacidade de identificar na unidade do texto elementos que tornem possível estabelecer a distinção entre verdade e mentira, ilusão e falsidade. (SILVA, 2019, p. 41).

É na escola que as crianças e jovens terão contato com textos com temáticas diversificadas, com abordagens direcionadas para um pensamento crítico. Temos um público carente de saber e de oportunidades. Aplicamos nossa pesquisa em uma cidade com aproximadamente dez mil habitantes, situada no interior do estado do Tocantins, sem bibliotecas públicas, livrarias, cujos pais dos alunos, em sua maioria, não concluíram o ensino médio.

Foi nessa perspectiva de contribuir com a leitura que se desenvolveu esta pesquisa, dividida em cinco partes, voltadas para a teoria semiótica que tem o texto como objeto de estudo. Buscamos, através de essa teoria, desenvolver atividades que permitissem aos alunos investigar os sentidos produzidos a partir das relações existentes entre os planos de expressão e conteúdo. Nessa perspectiva, conforme defende Silva (2017, p. 205),

[...] do ponto de vista de uma semiótica didática, interessa atribuir ao aluno competências que o levem a escapar à condição de “leitor ingênuo” ou desatento quanto a organização textual e, desse modo, a desvendar e perceber inclusive os próprios procedimentos de seleções e associações que opera ao ler.

A nossa adesão à teoria semiótica, portanto, foi o grande diferencial em nossa pesquisa, pois seus fundamentos guiaram o aluno a construir os sentidos do texto que, durante as aulas, eram negociados. Essa abertura para troca de experiências, proposta pela semiótica

didática, contribuiu para o bom resultado de nosso trabalho, pois avaliamos as atividades positivamente, uma vez que se ampliou a competência leitora de nossos alunos.

É certo que percalços existirem ao longo da aplicação das atividades interventivas, mas foram oriundos da própria organização do calendário escolar e da dinâmica desse ambiente, como, por exemplo, as constantes mudanças de aluno. Começamos nossa pesquisa com vinte e quatro participantes que, no decorrer do ano letivo, foram mudando, enquanto uns saíam, outros chegavam o que exigia retomadas de práticas já dominadas pelos veteranos.

Observamos que sete alunos tiveram desempenho regular, uma vez que ingressaram na pesquisa já na etapa notícia/fotografia. Dos vinte e quatro alunos participantes, somente onze estiverem envolvidos desde as atividades diagnósticas até ao término do *Caderno de Atividade*.

É notório que, para os onze que estiveram participando desde o princípio, houve um avanço consideravelmente proveitoso. Ao analisarmos as atividades dos alunos, constatamos o quanto eles se desenvolveram quanto à construção de sentido, ganhando autonomia, assumindo uma postura crítica em suas leituras.

Compreendemos que o aluno, ao longo de sua vida estudantil, constrói um repertório de leitura, mas era necessário apresentar-lhe uma teoria que aguçasse o prazer pela leitura e a análise do texto, a partir da apreensão dos planos de conteúdo e expressão, partindo do sensível ao inteligível (SILVA, 2017, p. 202).

Além disso, é notória a autonomia quanto à elaboração pessoal de conceitos, a partir do vivido em sala de aula. As alunas Iza e Fernanda, ao se posicionarem na aula de encerramento, deixam evidente o que aprenderam, mostrando segurança em suas manifestações, como podemos constatar abaixo:

**Iza:** charge é um texto verbal e não verbal, apresenta imagem e apresenta texto e o texto é mais voltado para a parte política e o que acontecendo nas maiores notícias e sempre quando vão fazer alguma coisa de alguma pessoa, deputado sempre bota a charge em forma de caricatura.

**Fernanda:** bom, o que eu aprendi nas atividades foi como a interpretar uma charge. Que a gente tem de olhar desde a expressão ao que está inscrito. Que a gente não deve, tipo só ler o texto e já falar o que que é. Não. Devemos olhar as características, desenhos, cor, tom e tudo.

O grande diferencial nas repostas das alunas dá-se pela própria organização da aula e pela metodologia que utilizamos, pautada em uma teoria que fundamentam as práticas de leitura. Portanto, constatamos, ao longo de nossa pesquisa, que todo exercício de leitura

precisa ser programado a partir métodos, técnicas capazes de direcionar o aluno a traçar um percurso que gere sentido ao que ler.

Notamos o quanto uma aula subsidiada por uma teoria que tem “o ato de ler como um ato de produção de sentido” (SILVA, 2017, p. 209), pode contribuir para o aperfeiçoamento da competência leitora do aluno, pois “o leitor que a escola precisa formar é, assim, um sujeito mais crítico, mais perspicaz e, sobretudo, ético.” (SILVA, 2019, p. 42).

Após as análises dos dados que deram *corpus* a essa pesquisa, passamos a refletir, antes tudo, sobre nossa prática docente. O trabalho realizado na turma do 7º ano fez-nos alterar nossa postura frente ao ensino de leitura. Compreendemos que, na sala de aula, há diversos saberes que devem ser contabilizados, valorizados e não deixados de lado porque esse ou aquele saber não está em conformidade com o livro didático ou com uma ou outra teoria, mas que toda análise e posicionamento são carregados de uma história de vida, ideologias e convicções que já trazem consigo e que, muitas vezes, a escola silencia.

A escola, necessariamente, precisa entender que

[...] não se pode pensar que o sujeito é sempre o mesmo e lê do mesmo modo, com a mesma entrega, os diferentes textos, mas um sujeito que é plural (ainda que não ideal), pois se multiplica e se diferencia em distintas performances a partir das diferentes demandas do que se dá a conhecer: do texto, do mundo. (SILVA; MELO, 2015, p. 124).

O ambiente escolar deve dar abertura para que o aluno defenda seu ponto de vista. Acreditamos que nossa proposta, aqui apresentada, atende aos anseios propostos pelos documentos oficiais tais como a BNCC (BRASIL, 2018), que preconiza que o ensino de língua portuguesa tenha centralidade no texto e enfatiza a linguagem como forma de interação social. Assim, pontuamos que o ato de ler envolve práticas que se modificam a partir da emergência de nossos modos de ser e de viver, pois “ler é então verbo transitivo que pressupõe distintos objetos, a demandar diferentes saberes para um sujeito em constante aprendizado, o que nos remete ao conceito de letramento” (SILVA; MELO, 2015, p. 124).

Como verbo transitivo, ler precisa de complementos que somente um leitor pode atribuir a ele. Os objetos que completarão os sentidos do verbo surgirão do contexto social onde estão inseridos, das experiências adquiridas ao longo das muitas leituras, do olhar que cada leitor tem quando se posiciona diante do texto. Portanto, a escola precisa compreender que ler completa-se com o repertório, a história de vida de cada aluno.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução de Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas a edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4.ed. São Paulo: Parma, 2005.
- BARTHES, R. **A mensagem fotográfica**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. Tradução de César Bloom. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 303-316.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.
- CRESTANI, L. M. Sincretismo de linguagens e efeitos de sentido no jornalismo on-line. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** – v.10, n.2, p.456-474, jul./dez., 2014.
- EL FAR, A. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- FAILA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1990.
- FIORIN: J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- FIORIN; J. L. **Linguística e pedagogia da leitura**. Scripta, v. 8, n. 14, p. 107-117, 18 mar. 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GOMES, R. S. O sincretismo de linguagens no jornal. **Linguagem em (Re)vista**. Niterói, ano 02, n.º 02. Jan. /jun., 2005.
- GOMES, R. S. O sincretismo no jornal. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (Orgs.). **Linguagens na comunicação**: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 215-245.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima; Diana Luz Pessoa de Barros; Eduardo Peñuela Cañizal; Edward Lopes; Ignacio Assis da Silva; Maria José Castagnetti Sombra; Tiekō Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Contexto, 2016.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.
- LANDOWSKI, E. O olhar comprometido. **Galáxia**. São Paulo, n. 2, p. 19-56, 2001.

LANDOWSKI, E. **Regimes de sentido e formas de interação.** *EntreLetras*, Araguaína/TO, v. 7, n. 2, jul./dez. 2016.

LOPES, Ivã; HERNANDES, Nilton. **Semiótica: Objetos e práticas.** In: LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton Hernandes (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2005. p. 240-270.

OLIVEIRA, A. C.; LANDOWSKI, E. **Do inteligível ao sensível:** em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: EDUC, 1995.

PIETREFORTE, A.V.S. O sincretismo entre as semióticas verbal e visual. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUC – SP. v. XV, 2006.

PIETROFORTE, A.V.S. **Semiótica visual:** os percursos do olhar. 3.ed., 1º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiência com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

SILVA, L. H. O. Interações, leituras e sentidos em tempo de fakenews: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. **Estudos Semióticos (USP)**, v. 15, n.2, p. 31-45, dez/ 2019.

SILVA, L. H. O. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G.M.P. (Org.). **Em torno do acontecimento:** uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016. p. 141-162.

SILVA, L. H. O. Silenciamento dos sentidos: relatos de observação de aulas de leitura. **Revista Querubim (online)**, v. 01, p. 01-17, 2007.

SILVA, L. H. O; MELO, M. A. O que pode o leitor? **EntreLetras, Araguaína (Online)**, v. 6, n. 2, p. 120-132, jul/dez, 2015.

SILVA, L. H. O. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. **Divulgando conhecimento de linguagem:** pesquisas em línguas e literaturas no Ensino Fundamental. Rio Branco: Nepan, 2017.

SILVA, L. H. O; REIS, N.V. Caminhos de uma semiótica aplicada: as interações primeiras de uma semiótica didática. In: ABRALIN em cena – Tocantins, 2014, Araguaína. **Anais do Congresso ABRALIN em cena no Tocantins** (livro eletrônico): Pesquisas linguísticas e demandas do ensino básico, 04 a 06 de novembro de 2014. Araguaína, 2014.v.1. p. 42-97.

SOUSA, G. B.; CARVALHO, L. B. O B.; CARVALHO, C. H. A leitura no Brasil-colônia e suas (inter)relações com a contemporaneidade. **Rev. HISTEDBR On-line**, Campinas, v.18, n.1(75), p.17-28, jan./mar. 2018.

TEIXEIRA, L. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. Niterói, EdUFF, **Gragoatá:** Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFF, v. 9. n.16, p.229- 242, 7 jul, 2004.

TEIXEIRA, L. **Relações entre o verbal e o não-verbal**: pressupostos teóricos. In: VII Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: CPS, 2001.

TEIXEIRA, L.; FARIA, K.; SOUSA, S. Textos Multimodais na aula de português: Metodologia de leitura. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v.10, n.2, p.314-336, jul./dez., 2014.

TOCANTINS. **Documento Curricular do Tocantins**. Palmas: SEDUC, 2020.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Questionário sociocultural

#### QUESTIONÁRIO

Objetivo: Conhecer o perfil do aluno/leitor do 7º ano, objetivando traçar um diagnóstico sobre interação entre família/leitura/ escola.

Nome: \_\_\_\_\_

1 - Como é constituída sua família?

pai

mãe

irmãos

avós

outros \_\_\_\_\_

2 – Quando você faz suas atividades escolares, tem acompanhamento de algum familiar? Se sim, diga quem lhe ajuda nas realizações de suas atividades?

sim  não

\_\_\_\_\_

3 – Qual a formação de seus pais e/ou responsáveis?

\_\_\_\_\_

4 – Como é feita as leituras em sua sala de aula?

lemos individualmente

o professor sempre faz a leitura

Há leitura compartilhada entre alunos e professores

5 - Você costuma ler fora do ambiente escolar?

sim  não

6 - Que tipo de texto você costuma ler no seu dia -a- dia?

livro didático

paradidático indicados pelo professor

gibis

livros evangélicos

instruções de games

apenas o que está nas minhas redes sociais

7 - Você costuma acompanhar os noticiários?

sim  não

8 - Se você costuma acompanhar os noticiários, que tipo de noticiário acompanha?

telejornais

jornal impresso

apenas informações de emissora de rádio.

web jornalismo

9 – Você lê jornais impressos? Se sim, qual jornal costuma ler?

sim  não  nunca

---

10) Quando seus professores solicitam que você faça leitura na sala de aula, quais suas maiores dificuldades?

---

---

---

---

APÊNDICE B - Atividade diagnóstica

ESCOLA: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

ALUNO(A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

Observe o texto a seguir e responda as questões de 1 a 5.

**Laerte/**



Publicado em 28 de agosto de 2018 às 06h59 por Angelo Rigon.

1) Analise o 3º quadrinho . O candidato presidencial a que supostamente se faz referência na charge é?

- a) Lula
- b) Bolsonaro
- c) Marina
- d) Meirelles
- e) Alckmin

2) Que critérios você utilizou para assinalar a opção anterior?

---

3) Todos os personagens da charge apontam o dedo para uma só pessoa, homem que se veste de terno e gravata, e o chama de fascista, essa reação se dar por que:

- a) Se infere que a fala e o comportamento do personagem são preconceituosos.
- b) Há um sentimento de frustração profundo sentido pelo personagem, por isso ao invés de rosto, tem – se um revolver.
- c) O personagem usa terno e gravata e parece um político.
- d) As Posição das mãos levantadas mostra que o personagem é inocente.

4) Todos acreditam que o senhor de terno e gravata é realmente é um fascista? Justifique sua resposta.

5) Pela análise do texto verbal e não-verbal, que opção definiria melhor o termo fascista?

- a) Seria fascista toda pessoa que se veste bem.
- b) Político autoritário, centralizado na figura de um ditador.
- c) Pessoa que fala demais, por isso o revólver desenhado no lugar do rosto.
- d) Pessoa com um sentimento profundo de frustração, isto é, deprimida.

6) A foto abaixo, bastante vinculada nas redes sociais logo no início do ano de 2018, faz-nos pensar sobre uma temática que se acentua cada vez mais no Brasil. Da imagem podemos inferir que temática?



<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/01/06>

- a) O tema central da foto é a magnífica festa de réveillon em Copacabana.
- b) O tema mais evidente na foto é a felicidade que geralmente a virada de ano provoca nas pessoas.
- c) A foto traz a temática da desigualdade social, bastante evidente, uma vez que há um contraste entre a criança em primeiro plano e as demais pessoas vestidas de branco.
- d) A foto apenas mostra o olhar hipnotizado da criança pelos fogos de artifício.

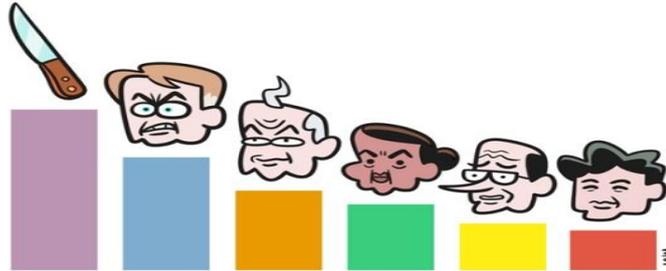
7) Em 2018, teremos eleições para escolha de nosso novo presidente da república. Abaixo, na charge em titulada “OS PRESIDENCIÁVEIS”, temos a presença de quatro candidatos. Associado a imagem de cada candidato está um legume, o que conseqüentemente, leva o leitor concluir que:



Os presidenciáveis. Quinta-feira, 28 de junho de 2108

- a) O chargista apenas brinca com a imagem dos candidatos e não há nada associado aos legumes.
- b) O chargista adora legumes e por isso faz uma homenagem aos candidatos.

- c) A charge faz uma associação ao legume mais produzido na região que cada candidato nasceu.
- d) O chargista ironiza cada candidato, atribuindo a eles o sabor de cada legume e sua especificidade.
- 8) Analise a imagem e responda:



Publicado em [Eleições 2018](#) | Com a tag [eleições 2018](#), [faca](#), [Ibope](#), [presidenciais](#), [presidenciais da eleição 2018](#), [redes sociais](#).

- a) A charge retrata apenas um gráfico que indica a corrida à presidência da república.
- b) Há uma ironia ao candidato que se encontra na frente da corrida presidencial.
- c) Não há nenhuma crítica ou ironia por parte da charge, o autor apenas brinca com a característica de cada personagem.
- d) A faca no topo não representa um candidato, apenas faz referência ao palácio do Planalto, representando os desafios de cada candidato caso cheguem ao poder.
- 9) A faca faz referência a um episódio bastante divulgado na mídia, seja em jornais impressos ou nos telejornais. A que presidencial o chargista faz referência? Você saberia identificá-lo?

- 10) A capa de revista ou jornal impresso serve de vitrine para o leitor, nela são estabelecidos os destaques e escolhidos os aspectos da realidade a noticiar. Analise a capa da revista Veja de 17 de janeiro de 2018. Qual leitura pode-se fazer do boneco em destaque?



- a) O boneco representa apenas o meio de comunicação (celular) mais popular que as notícias falsas são divulgadas.
- b) O boneco representa as pessoas que se deixam manipular como marionetes pelos sites especializados em divulgar notícias falsas.

- c) O boneco foi colocado na capa da revista com a finalidade única de ilustrar, uma vez que a capa é a vitrine, por isso deve ser bonita e atraente.
- d) O boneco foi desenhado de cor preta, exclusivamente, porque a revista não faz referência a nenhuma pessoa, apenas queria desenhar um celular.

APÊNDICE – C: Caderno Atividade



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**“CADERNO PEDAGÓGICO DE ATIVIDADES DE LEITURA, ANÁLISE,  
COMPREENSÃO E INTRPRETAÇÃO DE TEXTOS MULTIMODAIS/  
SINCRÁTICOS DA IMPRENSA.”**

Atividades para aplicação na pesquisa-ação sobre a prática de leitura, compreensão e interpretação de textos multimodais/sincréticos da imprensa nas aulas de língua portuguesa do 7º ano do ensino fundamental para coleta de dados e formação do corpus de uma pesquisa sob a orientação da professora Dra. Luiza Helena Oliveira Da Silva.

Escola: \_\_\_\_\_  
 Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
 Aluno (A): \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Observe a manchete retirada do Jornal Folha de São Paulo sobre a posse do presidente eleito Jair Bolsonaro. Logo abaixo, há duas charges relacionadas a outro momento ocorrido no contexto político do país.

### TEXTO I

**Ao assinar termo de posse, Bolsonaro opta por caneta popular e gera debate nas redes. Moro repetiu o gesto ao assumir o Ministério da Justiça**



O presidente Jair Bolsonaro usa caneta popular para assinar termo de posse Foto: Roque de Sá/Agência Senado

Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/ao-assinar-termo-de-posse-bolsonaro-opta-por-caneta-popular-gera-debate-nas-redes-23341546>. Acesso em: 02/02/2019

1. Por que, na sua opinião, o jornal, ao noticiar a posse do presidente, faz menção ao uso da caneta escolhida para assinatura dos documentos da posse?

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Por que, a seu ver, isso geraria debate nas redes sociais?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Que intenções você atribui ao gesto do presidente?

---

---

---

---

---

---

---

---

### TEXTO II



<http://blogdoxandro.blogspot.com/2018/12/charge-n68494.html>. Postado por XANDRO Silva às 20:57  
Marcadores: [Charge do blog](#)

4. A charge acima faz referência à caneta popular usada no dia da posse do atual presidente da República. Além da caneta, há outros objetos que têm vez e voz. Para você, o que representaria cada elemento (caneta, porrete e marreta) no contexto da charge?

---

---

---

---

---

5. Descreva os semblantes do presidente e dos dois personagens presentes na charge à direita. O que essa representação traz de informações sobre a questão?

---

---

---

---

6. A escolha dos ícones (porrete, marreta, caneta) e o semblante dos dois personagens da charge revelam o posicionamento do chargista em relação a atitudes futuras do presidente? Comente sua resposta.

---

---

---

---

---

## TEXTO III



Publicado em: 10/01/2019 por Genildo Ronchi: <https://www.humorpolitico.com.br/tag/bic/>

7. Faça a descrição da charge.

---



---



---

8. Para você o que seria a Kilométrica? Seria a verdadeira marca da caneta usada na posse ou um termo empregado na charge para criticar as atitudes do presidente?

---



---



---

9. Ao escrever o nome “Kilométrica”, o chargista usa um asterisco. Logo abaixo ele inicia uma frase com asterisco. Qual a intencionalidade do chargista ao utilizar esse elemento gráfico?

---



---



---

Escola: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Aluno (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

## NOTÍCIA/ CHARGE – ATIVIDADE 2.

Geralmente, a charge exige do leitor um conhecimento a respeito do contexto mais imediato e dos discursos que estão em evidência no cenário nacional. Além disso, trata-se de um texto figurativo que nos possibilita concluir, pela iconicidade<sup>7</sup>, sujeitos e elementos concretos do mundo natural. Analise a charge e responda os itens a seguir apresentando-nos sua leitura e seu olhar sobre o texto.



Jean Galvão. Disponível <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1621393816397040-charges-janeiro-2019#foto-1621953090784460>, Charge publicada em 06 de janeiro de 2019.

CONSULTADO EM: 18/01/2019 AS 21:22

1. Observe todas as figuras projetadas na charge e faça a descrição de todas as imagens que a compõem.

---



---



---



---

2. A maioria das charges tem inspiração em fatos e acontecimentos ocorridos no cenário nacional. Os elementos figurativizados (onda, ônibus, etc.) fazem alguma referência a fatos ocorridos no cenário nacional? Comente sobre isso.

---



---



---

<sup>2</sup> Iconicidade: Efeito de realidade produzido pela semelhança com sujeitos e objetos do mundo natural. É o que ocorre, geralmente, com a fotografia realista.

3. No canto superior da charge tem- se escrito “ONDA NO CEARÁ”. Analise esse título dado à charge, considerando as relações com o visual.

---



---



---

4. Atribua ao verbete ONDA um significado, levando em consideração o contexto imagético em que está inserido.

---



---



---

## TEXTO II

Onda de violência no Ceará afasta turistas e ocupação hoteleira no estado cai de 85% para 65%  
 Ceará sofre com sequência de mais de 150 ataques coordenados por membros de facções criminosas.  
 Setor de turismo teme impacto maior na reputação do estado.

**Por Hugo Renan do Nascimento, G1 CE**  
 09/01/2019 18h03. Atualizado há 2 semanas



Praia de Iracema é um dos locais mais visitados por turistas em Fortaleza — Foto: TV Verdes Mares/Reprodução

5. A foto que acompanha a notícia reafirma o fato narrado?

---



---



---

6. Há uma interação entre a notícia e a charge?

---



---



---

Escola: \_\_\_\_\_  
 DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 ALUNO (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

### NOTÍCIA/ CHARGE – ATIVIDADE 3



1. Geralmente, a charge traz imagens de pessoas conhecidas no cenário político ou de fatos muitas vezes caricaturados de situações cotidianas. No entanto, a charge em estudo não traz nenhuma imagem, apenas a frase em letras maiúsculas “NÃO VALE NADA”. Para você, o que levaria o chargista a construir esse texto que “foge ao padrão acostumado”?

---



---



---

2. A palavra VALE no centro das outras palavras está em tamanho maior e em posição de destaque. O que significa para você o verbete vale no contexto da charge?

---



---



---

3. Podemos atribuir ao verbo valer conjugado em 3º pessoa do presente do indicativo, que significados, levando em consideração seu uso no texto?

---



---



---

4. Em contraste às letras brancas, destaca-se o fundo em cor preta em toda dimensão da charge. O que representaria a seleção dessas cores e o destaque das letras? Que sentidos você atribui a essa charge?

---



---



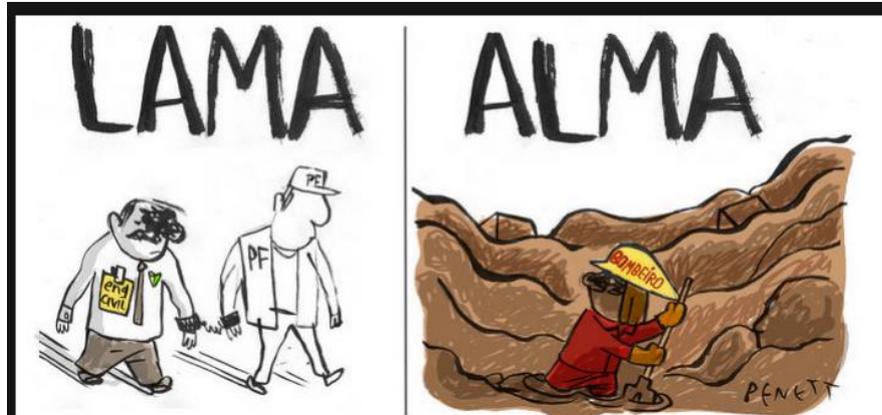
---



---

Escola: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
ALUNO (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

**NOTÍCIA/ CHARGE – ATIVIDADE 4**



1. Analise a charge e descreva minuciosamente todos os elementos presentes nela

---

---

---

2. Observando a relação entre verbal e visual, explique por que de um lado se fala em lama e do outro se fala em alma?

---

---

---

3. Que temas você identifica na charge? Comente cada tema apontado.

---

---

---

4. Na maioria das vezes, as charges exigem do leitor um conhecimento sobre fatos e acontecimentos a respeito de um contexto mais imediato. Os fatos retratados na charge comprovam essa afirmação? Comente sobre isso.

---

---

---

5. Sobre os verbetes “lama e alma”, que leituras você faz destes vocábulos em destaque na charge?

---

---

---

6. Lama e Alma são anagramas. Você conhece outros anagramas?

---

---

---

Escola: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
ALUNO (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

**ATIVIDADE 1**

- Faça uma análise da manchete acompanhada da foto e responda os itens a seguir.

**Transparência Brasil pede revogação do decreto que mudou Lei de Acesso à Informação  
31.jan.2019 à 1h58**



O presidente Jair Bolsonaro, na cerimônia de assinatura do decreto que facilitou a posse de armas no país. (Foto: Evaristo Sá 15. jan. 2019/AFP).

Volte atrás. A Transparência Brasil vai divulgar carta aberta à Controladoria-Geral da União, nesta quinta (31), na qual questiona o decreto do governo que alterou a Lei de Acesso à Informação e ampliou o número de servidores que podem colocar documentos públicos sob sigilo (...).

1. Na sua opinião, por que o jornal seleciona a imagem em destaque do presidente segurando uma caneta popular?

---

---

---

2. Geralmente, as notícias são acompanhadas de fotografias. Por que os sites e jornais utilizam esse recurso?

---

---

---

3. Faça uma minuciosa descrição da fotografia, considerando cor, formas, linhas, figuras, objetos, etc.

---

---

---

---

4. Relacione a imagem ao texto levando em consideração a integração entre verbal e não verbal na construção do sentido do texto.

---

---

---

5. Qual o posicionamento do enunciador (autor) em relação ao que é noticiado? Analise a partir das escolhas lexicais, tempo verbais etc.

---

---

---

6. É possível identificar a opinião do jornalista? Para responder, cite expressões do texto (substantivos, adjetivos, verbos, etc.) que comprovem sua leitura.

---

---

---

7. Geralmente, os jornais afirmam que são imparciais e objetivos. Você acha que há essa neutralidade ao noticiar o decreto do presidente? Comente.

---

---

---

---

---

Escola: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
ALUNO (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

**NOTÍCIA/ FOTOGRAFIA**

**ATIVIDADE 2**

Analise as duas imagens e as manchetes que as acompanham. A primeira foi publicada no site de notícia G1 e a segunda no jornal on-line Folha de São Paulo. Ambas noticiam sobre um casal que sobreviveu à tragédia ocorrida em Brumadinho/MG. Observe as escolhas lexicais, o ângulo fotográfico e registre suas primeiras impressões sobre os dois textos.

Vítimas da lama

**Casal relata fuga a pé sob o 'som assustador' da enxurrada de lama**



<https://g1.globo.com>. Acesso em 29/01/2019



LAMA <

**Casal de idosos foge sob 'som assustador' de enxurrada**

Moradores traçavam planos de fuga prevendo rompimento da barragem

[www.folha.uol.com.br/](http://www.folha.uol.com.br/) Acesso em 29/01/2019

1. Os dois jornais noticiaram o mesmo episódio e utilizando-se da mesma imagem fotográfica. No entanto, a Folha enfatiza os rostos do casal e no G1 a imagem é mais ampliada. Comente o porquê da escolha desses ângulos por cada veículo de comunicação, conforme sua opinião?

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Há uma diferença na seleção vocabular entre os dois noticiários. Que elementos você apontaria para marcar a distinção entre as duas notícias?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Há relação de sentido entre texto verbal e fotografia?

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Nas manchetes em destaque, nota-se a ênfase que cada jornal quer atribuir ao seu texto. No texto I lemos que o **casal foge a pé**, portanto o modo como ocorre a fuga; no texto II há ênfase na caracterização, no tipo de casal: **'de idosos'**. Que intenções você atribui a essas diferentes escolhas?

---

---

---

---

---

Escola: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
ALUNO (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

Notícia / Editorial

O Jornal Folha de S. Paulo na sua edição do dia 26 de fevereiro teve como destaque em seu caderno jornalístico a notícia “Venezuela não terá intervenção militar, diz grupo de Lima”. Analise a notícia e o posicionamento do jornal sobre o que é noticiado e responda as questões a seguir.

**VENEZUELA NÃO TERÁ INTERVENÇÃO MILITAR, DIZ GRUPO DE LIMA.**  
Decisão é uma resposta aos EUA, que não descartam nenhuma opção para afastar o ditador Nicolás Maduro.

O grupo de Lima rechaçou, após reunião na Colômbia, uma intervenção militar na Venezuela. O agrupamento de 14 países das Américas afirmou que a transição democrática deve ser conduzida pacificamente pelos venezuelanos, com apoio de meios políticos e diplomáticos e sem uso da força. “Para nós, a opção militar nunca foi uma opção. O Brasil sempre apoiou soluções pacíficas para qualquer problema nos vizinhos”, disse o vice brasileiro, Hamilton Mourão. A posição do grupo é uma resposta ao governo americano, que trata com ambiguidade a possibilidade do uso de força militar. Presente no encontro, o vice norte-americano, Mike Pence, reiterou que na visão dos EUA “todas as opções estão sobre a mesa” para o afastamento do ditador Nicolás Maduro.

1. Que elementos do texto marcam a posição do enunciador em relação ao fato noticiado?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Os chamados verbos de elocução são aqueles que anunciam discursos, que introduzem fala (disse, argumentei, etc.). No jornal, geralmente, torna-se um recurso para neutralizar seu posicionamento e constituir em veracidade o que é noticiado. Na notícia, temos quatro verbos

que no texto funcionam como verbos de elocução: rechaçou, diz, disse e reiterou. Qual a diferença entre dizer, rechaçar e reiterar?

---



---



---

3. Para você é possível narrar qualquer fato ou acontecimento de forma neutra, isto é, sem deixar transparecer o posicionamento político e ideológico do autor?

---



---



---



---

Nesse mesmo caderno jornalístico, na sessão Opinião, há um editorial intitulado “Dia D fracassa na Venezuela”. Leia o texto e analise as questões.

### Dia D fracassa na Venezuela Hélio Schwartsman

Fracassou a tentativa do Ocidente de aticar uma mudança de regime na Venezuela. O plano até que não era ruim. Só o que segura Nicolás Maduro no poder é o apoio dos militares. Se a oposição, liderada por Juan Guaidó, tivesse conseguido fazer com que soldados deixassem de reprimir venezuelanos em busca de alimentos e remédios nas fronteiras com a Colômbia e o Brasil, poderia ter desencadeado um movimento de deserção em massa que acabaria por derrubar o governo. Mas isso, até o momento em que escrevo, não aconteceu.

A não materialização desse cenário deixa a maioria dos atores numa situação difícil. Maduro sobreviveu à investida, mas está ainda mais isolado que há um mês, quando Guaidó se declarou presidente. Os militares que apoiam o regime perderam a chance de bandear-se com a promessa de anistia e num contexto preparado para reduzir probabilidade de uma transição violenta. Não se sabe se terão outra oportunidade dessas.

Guaidó viu seu plano fracassar. O dia D não definiu nada, e o impasse deve agora prolongar-se. Os mais de 50 países ocidentais que reconheceram o jovem parlamentar como presidente legítimo veem-se agora na delicada posição de apoiar um dirigente que não tem controle do país. Pior, o fracasso pode levar Donald Trump e os outros incautos a flertar com uma intervenção militar, o que seria desastroso para Venezuela e para toda região.

Quem mais perde como sempre, é a população venezuelana. Não há a menor perspectiva de futuro com o governo bolivariano. Acho que nem o próprio Maduro acredita que ele pode presidir a um processo de recuperação econômica. Só em 2018, o PIB experimentou uma retração de 18%, e a inflação se encaminha para a impressionante marca de 10.000.000%. Falta tudo no país, de comida a liberdade. Ficar com Maduro é condenar-se ao inferno, mas cabe aos venezuelanos encontrar a forma de livrar-se do ditador.

4. Qual o posicionamento do autor do texto sobre o jovem parlamentar Guaidó?

---



---

5. A notícia e o editorial têm o mesmo posicionamento sobre a “crise venezuelana”?

---



---

---

---

6. O que significa a expressão Dia D? Para você, por que o autor chama de “Dia D” a tentativa do ocidente em ajudar a Venezuela?

---

---

---

---

Escola: \_\_\_\_\_  
 Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 Aluno (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

Notícia / Editorial

## Explicar a reforma

Quanto menos a sociedade estiver esclarecida sobre a nova previdência, mais será preciso barganhar com o Congresso; as duas tarefas são do presidente.

Em um debate promovido nesta segunda (25) pela Folha e pela Fundação Getúlio Vargas, o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), exortou o governo de Jair Bolsonaro (PSL) a usar a capacidade de comunicação eleitoral para esclarecer a sociedade sobre a reforma da Previdência.

De fato essa tarefa de convencimento ainda se faz necessária, mesmo presumindo-se que, após anos de debates sobre o tema, parte relevante da sociedade já tenha compreendido a importância de racionalizar as aposentadorias e adequá-las à realidade do país.

É natural que a proximidade da apreciação do tema pelo Congresso aumente a ansiedade e as apreensões – o Executivo, como se sabe, já apresentou sua proposta e espera que nos próximos meses deputados e senadores venham a discuti-la, modificá-la e aprová-la.

Há pontos no projeto passíveis de crítica e outros que dificilmente poderão ser bem apresentados aos cidadãos, como desejaria Maia, uma vez que próprio texto não os detalha. É o caso do sistema de capitalização, cujo princípio é teoricamente compreensível, mas mostra-se um tanto opaco no que tange à aplicação prática.

Existem também aspectos criticáveis – e, portanto, mais difíceis de serem acolhidos. Um exemplo que se tornou patente são as novas regras relativas ao pagamento dos benefícios assistenciais para os idosos mais pobres.

À diferença do modelo atual, pelo qual, pessoas com mais de 65 anos em situação de indigência recebem um salário mínimo, a proposta governista estipula um fixo de R\$ 400 por mês entre 60 a 69 anos, reservando o benefício ora em vigor para os que tenham 70 anos ou mais.

Exageros à parte, cumpre deixar claro que a expectativa de vida do país tem avançado e que servidores estatais de categorias variadas desfrutam de aposentadorias com critérios indefensáveis perante o restante da sociedade.

Não há como se esquivar da fixação de idades mínimas e evitar que setores privilegiados contribuam de maneira importante para a correção de rumos.

Uma opinião pública consciente será decisiva, ainda que provavelmente não vá conseguir sozinha angariar os votos necessários de 308 dos 513 deputados – as estimativas do próprio governo variam de 180 a 250 adesões hoje.

Natural que já se observem movimentações para conquistar apoios, como um pacote para facilitar a liberação de recursos de emendas para novos congressistas.

O fisiologismo rejeitado por Bolsonaro será tanto mais necessário quanto maior for à resistência do eleitorado à reforma. Um trabalho persistente de argumentação constitui responsabilidade que o presidente não pode delegar a terceiros.

1. Analise o ponto de vista inicial do autor do texto a partir da frase: “Quanto menos a sociedade estiver esclarecida sobre a nova previdência, mais será preciso barganhar com o Congresso; as duas tarefas são do presidente”. Que entendimento você tem dessa frase e o que ela revela sobre o pensamento do autor sobre a função do presidente para conseguir apoio sobre a reforma?

---

---

---

---

2. O gênero editorial caracteriza-se por ser um texto dissertativo-argumentativo cuja intencionalidade é a defesa de um ponto de vista sobre determinado tema. Qual é o tema do texto?

---

---

---

3. Qual é a opinião do editor sobre o tema?

---

---

---

---

4. O que ele defende?

---

---

---

---

---

5. O editorial revela através argumentos e das palavras uma crítica ao presidente e ao texto sobre a reforma da previdência. Que crítica são essas?

---

---

---

---

6. Quais palavras podem ser retiradas do texto para provar o posicionamento do autor sobre a reforma da previdência?

---

---

---

---

- Observe a notícia abaixo sobre o mesmo tema abordado no editorial em estudo.

Clima para aprovar Previdência no Congresso 'é muito bom', diz secretário

**Rogério Marinho reafirma apresentação de projeto para militares até o dia 20 exigindo mais tempo de serviço e contribuição**

**Nicola Pamplona**  
**Lucas Vettorazzo**

**RIO DE JANEIRO** O secretário especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, Rogério Marinho, disse nesta sexta (15) acreditar que o clima para aprovação da [Reforma da Previdência](#) no Congresso "é muito bom". Ele afirmou, porém, que "não há gordura" no projeto que foi apresentado pelo governo no dia 20 de fevereiro.

Marinho diz que, desde a apresentação do texto ao Legislativo, tem visitado bancadas e que já recebeu "mais de 50" parlamentares. "O clima é muito bom. Esse é o momento de aprovar a reforma da Previdência", comentou, em palestra durante evento na FGV do Rio.

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/clima-para-aprovar-previdencia-no-congresso-e-muito-bom-diz-secretario.shtml>

7. A notícia em destaque mostra-se imparcial ou traz marcas de personalidade do veículo de comunicação? Comente sua resposta.

---



---



---

8. Com base na leitura dos editoriais e da notícia, faça uma análise comparativa e diga se é possível narrar qualquer fato, acontecimento sem deixar em evidência ou subtendida a opinião do narrador.

---



---



---

9. O posicionamento defendido no editorial está em harmonia com o discurso do secretário Rogério Marinho apresentado na notícia?

---



---



---



---

Escola: \_\_\_\_\_  
 DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
 ALUNO (A): \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

### Notícia / Editorial

## Crivella: ‘Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas’

Prefeito deu declaração referindo-se ao corte de recursos públicos para o carnaval. Ele ainda detalhou operação da cidade durante a folia; Zona Sul sofreu redução de 20% no número dos desfiles.

Por Raísa Pires\*, G1 Rio

15/02/2019 13h06. Atualizado há 4 semanas.



Crivella e Marcelo Alves, presidente da Riotur — Foto: Raísa Pires/G1

O prefeito do **Rio de Janeiro**, Marcelo Crivella, detalhou nesta sexta-feira (15) como será o **carnaval** de rua na cidade, **menor que o de 2018 em número de blocos e de desfiles**. Ele comentou a redução dos aportes de recursos públicos na folia.

**“As mulheres vão entender isso. Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas”, disse o prefeito.**

Segundo Crivella, "o carnaval precisa cada vez menos de recursos da prefeitura". "Desde que assumi, achei que o melhor que eu poderia fazer pelo carnaval era despertar a capacidade que o carnaval tem de viver com as próprias pernas", explicou.

O prefeito afirmou querer "servir a todos". "Não podemos fazer uma política irresponsável. É isso que eu quero que a população entenda. À medida que nós retiramos recursos públicos, virão as empresas (com os patrocínios). O carnaval daqui a uns anos ficará orgulhoso por não depender da prefeitura", vislumbrou.

**“Isso significa que o prefeito despreza a cultura? Claro que não. Como prefeito, vou aos pouquinhos substituir a iniciativa pública pela privada”, frisou.**

### **Menos blocos, mais gente**

Em coletiva no Palácio da Cidade, em Botafogo, Crivella e seu secretário de Turismo, Marcelo Alves, apresentaram informações sobre os blocos autorizados a sair. A prefeitura reduziu em 15% o número total de desfiles na cidade - na Zona Sul, o corte foi de 20%.

"A gente não quer ser o maior carnaval. A gente quer ser o melhor carnaval", disse Alves. Em 2018, foram 608 desfiles; em 2019, são 498 aprovados. "A Banda de Ipanema, que saía seis vezes, este ano vai ter três cortejos", exemplifica.

Outras medidas já anunciada e confirmada nesta sexta é a mudança dos megablocos para a Avenida Antônio Carlos, no Centro. É o caso do Chora, me liga, que saía em Copacabana.

Apesar da redução no número de blocos, a prefeitura espera números grandiosos. "Serão 7 milhões de foliões e 72 mil postos de trabalho atuando na cidade", disse Alves.

"A cidade do RJ passa a ser a cidade mais desejada do carnaval no Brasil, segundo o booking.com", ressalta o presidente, referindo-se a um site de reservas de hotéis. A expectativa é praticamente esgotar os quartos. A ocupação para o feriado já está em 86% e deve chegar a 98%.

À tarde, a ABIH divulgou números diferentes. Segundo a entidade, a cerca de 15 dias da folia, a média da cidade está em 74%, onze pontos percentuais acima do registrado no mesmo período do ano passado.

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/02/15/crivella-carnaval-e-um-bebe-parrudo-que-precisa-ser-desmamado-e-andar-com-as-proprias-pernas.ghtml>

1. Que palavras evidenciam o posicionamento do jornal sobre a fala do prefeito em relação ao carnaval?

---



---



---

2. A notícia registra falas do prefeito do Rio de Janeiro sobre o carnaval de 2019. Que leituras você faz do posicionamento do prefeito ao declarar as seguintes frases:

**O prefeito afirmou querer "servir a todos".**

‘Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas’

---



---



---

3. Analise a frase **“As mulheres vão entender isso. Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas”, disse o prefeito**. Na sua opinião por que o prefeito atribui o entendimento da frase apenas às mulheres e não a população em geral?

---



---



---

O texto abaixo retirado do Jornal F. São Paulo é um editorial sobre a fala do prefeito do Rio de Janeiro em relação ao carnaval 2019. Faça a leitura do texto e veja qual o posicionamento do jornal em relação ao fato noticiado anteriormente.

## DEIXA O MOMO GOVERNAR

### ALVARO COSTA E SILVA

Não se sabe se Marcelo Crivella viajará durante o reinado de Momo, como fez em 2018. O certo é que não irá assistir ao desfile das escolas de samba. De novo, será um anfitrião ausente. Os camarotes da prefeitura, que custariam ao menos R\$500 mil, foram vendidos por R\$ 125mil para uma empresa de blindagem – negócio fechado sem leilão, às pressas, quase debaixo dos panos. E olha que o dinheiro arrecadado estava prometido para creches municipais...

O PIB do Carnaval carioca gira em torno de R\$ 2,1 bilhões. O de São Paulo, que este ano terá mais blocos que o Rio, está aproximando: R\$ 1,9 bilhão. Crivella não só quer distância do folião como se esforça em ferrar com a economia e, de quebra, com a alegria. Em protesto, alguns blocos têm se recusado a desfilar- apenas concentram.

O prefeito-bispo, mais acostumado aos púlpitos, bolou uma metáfora infantil para explicar sua relação com o mais importante evento da cidade: “É um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas. Quem sabe, no ano que vem já esteja comendo a sua papinha”, disse, referindo-se aos cortes de recursos públicos.

Bebê parrudo? Como não é chegado, ele deve ter se confundido com a fantasia de bebê chorão: o marmanjo vestido de fraldas, chupeta pendurada no pescoço, cantando “mamãe, eu quero mamar”.

Triste é saber, que depois da Quarta de Cinzas, Crivella continua. Um administrador que não consegue decidir sobre a demolição ou não da ciclovia Tim Maia – palco de três desmoronamentos – e joga a responsabilidade no colo da população, propondo plebiscito. Ou que pretende retirar de circulação, da noite para o dia, todas as linhas de ônibus do centro da cidade, no pressuposto de que o sistema VLT – que não é um transporte de massa – ganharia mais passageiros.

Melhor dar ao Momo a posse definitiva das chaves do Rio.

4. Ao ler os dois textos, você poderia apontar elementos que marcam a diferenças entre notícia e opinião?

---

---

---

---

---

---

---

---

5. O editorial faz uma crítica ao comportamento do prefeito. Que crítica é essa?

---

---

---

---

---

6. Ao final do texto, o autor sugere que as chaves da cidade do Rio de Janeiro sejam dadas em definitivo ao Momo. Quem para você é Momo e por que essa sugestão?

---

---

---

---

## APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS DAS AULAS GRAVADAS

### **Aula Diagnóstica:**

Transcrição da aula de análise de charge, atividade diagnóstica. As imagens foram sendo projetadas e as crianças analisavam conforme segue abaixo:

AULA:

Texto I

Criança 25: - Você leu esta notícia?

Várias vozes: eu não sei ler. (Risos)

Criança 4: analfabeto

Professora: Qual assunto, tema é falado na charge?

Criança 26: fala desigual

Professora: Ele fala sobre o analfabetismo, desigualdade?

Criança 4: analfabeto.

Professora: O que vocês acham? O que vocês podem analisar? Analise tudo o que há na charge.

Criança 24: A desigualdade

Professora: hã?

Criança 4: analfabeto

Criança 26: desigualdade.

Professora: O que você vê no primeiro quadrinho? Como analisam a primeira imagem?

Criança 26: desigualdade porque um sabe ler e outro não sabe.

Professora: hã.

Criança 15: Professora, desigualdade, por exemplo, ele está falando da desigualdade. Que um sabe ler e outro não sabe.

Professora: e na imagem, o que você conseguiu perceber?

Criança 4: e também um é gordo, outro magro.

Criança 15: o homem, ele tá falando da desigualdade ele é rico, tem celular e o outro tá no lixo.

Criança 4: na latinha

Professora: Se você não olhasse o restante dos quadrinhos, esses aqui. Saberiam que ele estava no lixo?

Várias vozes: não

Criança 2: porque ele tá com o guaraná na mão.

Professora: Ele tá com o que na mão? Uma latinha que você não sabe o que é.

Várias vozes: é

Criança 2: pode ser uma cachaça, um refri.

Professora: e aí no primeiro quadrinho ele está olhando para o outro. Aí ele fala também: -

Você também leu está notícia?

Criança 4: eu não sei lei.

Professora: Então, o que a gente percebe no final?

Criança 4: que é analfabeto

( ) (é que analfabeto)

Professora: Quais as desigualdades que o Brasil tem?

Criança 26: porque ele está no lixo, não tem moradia.

Criança 4: ele não tem estudo, não tem formação.

( )

Professora: essa é a desigualdade que a charge trata?

Várias vozes: é.

## TEXTO II

Professora: agora, vamos analisar essa outra imagem.

Criança 25: urubu ( )

Criança 26: urubu

Professora: Você conseguiu identificar quem tá falando ali?

Criança 4: O Bolsonaro

Criança 2: o Bolsonaro

Professora: e quem está ao lado dele?

Criança 15 e 2: é o Pinóquio

Criança 15: é o Pinóquio, que tá parecendo ele ao lado dele.

Criança 4: é o Pinóquio mentiroso.

Professora: mas será que é o Pinóquio ou é outra pessoa comparada ao Pinóquio.

Criança 13: É o Lula.

Criança 4: é o Haddad.

Criança 2: pode ser outra pessoa também.

Professora: o Haddad é careca?

Criança 26: é doido

Criança 2: pode ser no futuro.

Criança 25: é o Lula.

Criança 27: Geraldo Alkmin, professora.

Professora: quem foi que falou?

Criança 27: foi eu

Criança 4: Geraldo Alkmin

Professora: por que vocês acham que ele colocou a imagem desses dois?

Criança 4: porque são dois ladrões.

( )

Criança 4: é porque são pistoleiros

Professora: preste atenção

( )

Professora: não vamos discutir política não.

Professora: Essa imagem foi tirada do Jornal Folha de São Paulo. Você acha que a Folha de São Paulo colocaria a imagem dos dois porque são ladrões?

Criança 26: não

( )

Professora: será que o jornal pode acusar alguém de ser ladrão sem ter provas?

Várias vozes: não

Professora: e olhem bem. Por que estão olhando pra cima? O que eles estão fazendo?

Criança 4: matando animais

Criança 2: Urubu que significa o PT

(Risos)

( )

Professora: e no segundo quadrinho, ele faz o quê?

Vária vozes: pá

Criança 4: dá um tiro pá mata o urubu

Professora: e aí o que eles fazem na outra imagem?

Criança 26: não é urubu, é tucano.

Professora: você sabe o que representa o tucano?

Criança 4: é um bicho ( ) do bico grande.

Professora: quem é tucano?

Criança 27: um partido

Criança 26: é o Ciro Gomes.

Criança 4: PT

( )

Professora: o tucano representa o PT?

Várias vozes: sim

Várias vozes: não

Professora: o tucano representa algum partido ou não? Ou eles querem apenas matar um bicho mesmo?

Várias vozes: querendo matar um bicho.

Criança 2: representa um partido.

Professora: deixa só ele falar qual é o partido.

Criança 16: não sei qual é não, mas tem um cara que eles chamam de tucano, porque tem a ventona.

(Risos)

Professora: faz referência a um partido não faz?

Criança 4: deve ser o PT

( )

Professora: agora preste atenção alguém disse que seria o Geraldo Alkmin, mas não teria outro presidenciável que gostaria de derrubar um tucano?

Criança 18: é o....

Professora: quem são os outros presidenciáveis?

Criança 25: Haddad

a. Marina

b. Meirelles

c. Cabo da Ciolo

d. Guilherme Boulos

e. Geraldo Alkmin

Professora: vamos lá vamos fechar na imagem. Se eu lhe perguntasse, vocês realmente saberiam se esse aqui é o Geraldo ou Ciro Gomes?

Criança 2: Geraldo Alkmin

Criança 4: Ciro Gomes.

Criança 15: Ciro Gomes é careca.

Criança 4: é ...

Criança 2: pois deve ser ele...

Criança 25: é Geraldo Alkmin

Professora: vocês saberiam dizer por que eles estão querendo derrubar um tucano?

Criança 26: porque ele está na frente dele.

Criança 2: porque é um tucano.

Criança 4: porque tá acima dele, professora.

Criança 15: tá em cima dele.

Criança 26: e ele não quer tá embaixo que tá em cima.

Criança 4: aí ele tá matando pra ficar mais em cima ainda.

Professora: ele tá matando pra ficar mais em cima.

Criança 4: ele é doido.

### TEXTO III

Criança 25: é a urna, professora...

Professora: agora, por favor, me descrevam essa imagem?

a. Marina

b. Haddad...

c. Meirelles

d. Ciro

Professora: e eles estão em qual ambiente?

Várias vozes: numa urna...

Professora: sim, mas eles estão aonde?

Criança 25: em um campo de guerra...

Professora: por que ele coloca em um campo de guerra? Qual é o objetivo dele, da pessoa que fez a charge? Qual mensagem ele quer passar para você?

Criança 15: porque eles estão brigando muito, tentando derrubar um aos outros.

Professora: exatamente.

Criança 2: não, eles não querem derrubar... o PT]

[eles não quer o PT...

Criança 15: menino, eles não querem derrubar o PT ...

Professora: preste atenção. Quem é este aqui?

Criança 15: é o Haddad

Professora: aqui?

Várias vozes: Marina

Professora: aqui?

Várias vozes: Ciro Gomes...

Professora: e esse?

Criança 15: Meirelles

Criança 4: Alkmin

Criança 25: Meirelles

Professora: Falta um que está na frente da pesquisa.

Várias vozes: Bolsonaro

Professora: Por que ele não está na charge?

Criança 4: porque já ganhou.

Professora: por que estes estão disputando o quê?

Várias vozes: segundo turno.

Professora: e essa é a intenção dele... essa imagem representa uma disputa pelo...

( ) segundo turno...

#### TEXTO IV

Professora: agora vamos analisar essa outra imagem...o que você vê nessa imagem?

Criança 15: ah... eu entendi porque esquerda é o quadro político é diferenciado ... é tem a esquerda e a direita...então para direita (...)

Criança 4: é o Bolsonaro

Criança 15: é o Bolsonaro e para esquerda (...)

Criança 25: passa na TV... a mulher no GPS fala para a esquerda para a direita...

Criança 15: tem a mulher no carro falando no GPS esquerda, direita, centro....

Professora: mas já está falando é da propaganda de carro?

Criança 25: sim... a mulher fala e o cara no carro diz..."as veze a gente tem que seguir o próprio caminho...

Professora: a charge tem esquerda... Direita... centro... E tem uma imagem... que é essa imagem?

Várias vozes: poço

Criança 2: arma, faca, pistola

Professora: o que está apontando para o poço? Por que os objetos apontam para o poço?

Criança 15: porque tem a pessoa... a pessoa tá querendo dizer que se a pessoa votar no Bolsonaro... o Brasil vai pro fundo do poço...

Criança 4: ( )

Professora: então...você faz referência ao Bolsonaro...por que você faz referência ao Bolsonaro?

Várias vozes: por causa das armas...

Professora: as armas...então ... o que vocês conseguem extrair daqui?

Criança 15: porque se votar no Bolsonaro que tem haver com arma vai para o fundo do poço.

Criança 4: ( )

Vozes ( )

## TEXTO V

Criança 4: é o Temer

Criança 25: é o Temer

Criança 15: ah...é ele mesmo

Professora: agora vamos analisar outra imagem... cadê o Temer?

Criança 4: a policia

Criança 15: professora não é o Tiririca?

Professora: não

Criança 2: eita menina... agora esse carro ai ficou com (...)

Professora: o que a polícia está fazendo do lado de fora?

Criança 25: vai prender ele.

Professora: ele está olhando pra onde?

Criança 4: celular

Criança 25: relógio

Professora: celular ou relógio...

Várias vozes: relógio

Professora: ele fica olhando pro relógio...

( )

Professora: um de cada vez por favor...

Criança: porque é o fim do mandato

Professora: por que?

Criança 4: porque é o fim do mandato dele.

Professora: e na hora que acabar o mandato dele... o que vai acontecer com ele?

Criança 27: ele vai ó....

Criança 4: vai pro xilindró...

Criança 25: vai preso

Criança 15: vai ser escoltado...

Professora: se fosse perguntado pra você marcar assim... o Temer ao final do mandato sairá do palácio... livremente...será escoltado pela polícia até sua residência ou ele será preso? ...qual ideia a gente tá mais evidente nessa charge?

Criança 4: será preso...

Criança 15: ele vai pra casa dele ...e o carro dele vai ser como diz....

Professora: escoltado?

Criança 15: sim... tipo uma manifestação e aí tem quer ser escoltado...

Professora: será se é isso mesmo?

Criança 4: é não... vai ser preso mesmo...

Criança 26: ele tá com medo de ser preso...

Professora: o que confirma sua resposta?

Criança 4: que ele vai ser preso... é porque o Temer está se escondendo...

Professora: ele está se escondendo, né?

Criança 25: ele está escondendo...assim ó....

## TEXTO VI

Professora: agora vamos analisar outra imagem...

Criança 15: é a mão do Lula...

Criança 4: é Lula, professora...

Criança 25: é o Haddad

Criança 15: professora..., mas cadê o dedo...não tem dedo não.

Professora: ele está fazendo assim... o que é isso aqui?

Criança 4: é o Bolsonaro

Criança 15: é pra mostrar pra quem ele está apoiando...

Professora: quem são os influenciadores digitais?

Criança 4: não sei...

Criança 27: o quê?

Professora: quem são os influenciadores digitais?

Criança 26: não sei...

Professora: quando nós falamos em digitais... estamos falando do quê?

Criança 15: internet...

Professora: do quê?

Criança 27: pode ser dos dedos...

Professora: dos dedos ou internet?

Várias vozes: internet.

Professora: vamos lá...esta mão está saindo de onde?

Várias vozes: cadeia

Professora: quem está preso?

Várias vozes: Lula...

Professora: mas alguém disse que esta mão é do Bolsonaro... por quê?

Criança 4: porque a mão está assim igual uma arma

Professora: quais são as cores da roupa que veste o braço?

Vária vozes: amarelo.

Criança 15: pode ser o Ciro, só pode ser....

Professora: Preste atenção... dentro daquele espaço está inscrito “votem no meu poste”...

Criança 16: é o Lula...

Várias vozes: é o Lula

Professora: quem é o poste?

Criança 15: Lula

Criança 4: Bolsonaro

Criança 25: Haddad

Criança 27: é o Haddad

Professora: Haddad é o poste?

Criança 13: é o Bolsonaro

Criança 25: é o Bolsonaro que fala do porte de arma...

Professora: é o Bolsonaro que é o poste?

Várias vozes: é não...é o Haddad que é o poste...

Criança 2: é o Haddad

Professora: você está dizendo que é o Bolsonaro por causa do porte de arma...é isso?

Criança 25: é isso...

Criança 15: professora... é o Lula que está dizendo para apoiar aquele que ele está apoiando... aqui é o Haddad...

Professora: a imprensa chama ele de poste...

Várias vozes: poste...

Professora: igual chamaram a Dilma

Criança 26: ele é o poste... ele é fio ( )....

Professora: só que se nós analisássemos ...quem usa essas cores geralmente é quem?

Criança 2: bandido

Professora: alguém falou que era o Bolsonaro ...é porque está azul e amarelo? ..., mas os termos influenciadores digitais ele colocou que cor?

Criança 16: vermelho

Professora: vermelho representa o quê?

Várias vozes: PT

Criança 4: vai dar PT....vai dar...

## TEXTO VII

Professora: agora vejam...quem é esse daqui?

Criança 16: Geraldo Alkmin

Criança 4: é o Bolsonaro lá em baixo.

Criança 15: Marina ( )

Criança 13: é o Temer.

Criança 4: Geraldo Alkmin

Professora: o que vocês percebem na charge?

Criança 15: ah... entendi professora...quem manda é tipo expulsando a pessoa.

Criança 4: é venta de tucano.

Criança 16: tipo vota no Bolsonaro e policial não vale nada...

Professora: vota no Bolsonaro e policial não vale nada?

( )

Professora: ele está vestido com a roupa do exército....

Criança 15: ele apoio o exército.... ele falou bandido

Professora: esse senhor aqui é o Bolsonaro...

Várias vozes: é

Professora: e esse senhor aqui quem é?

Criança 4: é o Temer

Professora : Temer?

Criança 15: é porque se votar no Bolsonaro, ele vai ser eleito e o Temer vai embora.

Professora: então... a charge quer dizer isso... se votar no Bolsonaro, apertando o botão da urna o Temer vai embora....a charge está querendo dizer isso?

Criança 25: se votar no Bolsonaro ...

Várias vozes: é

Professora: então... vocês acham que esse aqui é o Temer...não é isso... nós vamos voltar para analisar de novo.

#### TEXTO VIII

Professora: quem é esse aqui?

Criança 25: Bolsonaro, preocupado com o bolso...

Criança 15: não é...

Criança 2: é o Meirelles...

Professora: primeiro vamos analisar esses dois... são candidatos ou pessoas comuns que ele queria retratar? Vamos lá ...quem pode ler a charge?

Várias vozes: “preocupados com o Bolso...preocupado com a bolsa...

Professora: olhe aquele senhor de lá... está bem vestido ou mal vestido?

Várias vozes: bem vestido....

Professora: ele está preocupado com o que?

Criança 16: com a bolsa...

Professora: com o bolso ou a bolsa?

Várias vozes: o bolso

Criança 15: o bolsa família...

Professor: com o bolsa?

Criança 4: bolsa família

Professora: o bolsa família, né? O rapaz ali de terno?

Criança 4: é o bolsa

Professora: ele está preocupado com a (...)

Várias vozes: bolsa

Professora: este de termo representa um empresário ou um político?

Várias vozes: político...

Criança 4: político... é o Meirelles

Professora: ele está preocupado com o quê?

Criança 15: a bolsa

Professora: que bolsa é essa?

Criança 15: bolsa família...

Professora: é o bolsa família?

Várias vozes: sim

Professora: uma pessoa bem vestida assim de terno e gravata estaria preocupado com o bolsa família?

Criança 2: não...

Professora: a maioria está dizendo que está preocupado com o bolsa, né...

Criança 15: é

Professora: e o rapazinho que está aqui?

Criança 4: está preocupado com o Bolsonaro...

Criança 25: preocupado com o bolso dele mesmo...

Professora: esse rapaz está preocupado com o quê?

Criança 4: Bolsonaro...com o Bolsonaro...

Criança 25: com o bolso dele mesmo...

Criança 16: com o bolso dele...

Professora: cada um tem uma preocupação...então o que ele quer dizer com esta charge?

Criança 15: professora... que as pessoas ricas têm muito dinheiro...ele tá preocupado com a bolsa dele mesmo. está preocupado porque não tem nada...

Professora: este aqui com a bolsa ...bolsa de dinheiro...não é isso?

Criança 15: é.

Professora: então... a charge mostra pessoas preocupadas com a bolsa... um de dinheiro outro o bolsa família... certo?

Vária vozes: sim...